



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E GESTÃO
SOCIAL

IANE RODRIGUES PETROVICH GOUVEIA

**CONVIVÊNCIA MULTICULTURAL E DESENVOLVIMENTO:
A PRÁXIS ENCONTRO DAS TRIBOS JOVENS (ETJ)**

Salvador
2009

IANE RODRIGUES PETROVICH GOUVEIA

**CONVIVÊNCIA MULTICULTURAL E DESENVOLVIMENTO:
A PRÁXIS ENCONTRO DAS TRIBOS JOVENS (ETJ)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Gestão Social, Centro de Desenvolvimento e Gestão Social, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: **Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Siqueira.**

Salvador
2009

IANE RODRIGUES PETROVICH GOUVEIA

**CONVIVÊNCIA MULTICULTURAL E DESENVOLVIMENTO:
A PRÁXIS ENCONTRO DAS TRIBOS JOVENS (ETJ)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Gestão Social, Escola de Administração d Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 28 de setembro de 2009.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Siqueira – Orientadora _____
Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, França.
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Kabengele Munanga _____
Doutor em Ciência Social pela Universidade de São Paulo - USP
Universidade de São Paulo - USP

Prof.^a Dr.^a Neyde Souza Marques Santos _____
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof.^a Raimunda de Jesus Matos / Raiô Pataxó _____
(Coordenadora Pedagógica da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha)

Para a Sétima Geração

*Sobreviva
Mantenha esperança e sonhos
Cuide de si mesmo
Relembre seu espírito
Esteja lá um para o outro
Respeite a coragem
Partilhe conhecimento
Procure sempre aprender
Relembre seus valores*

- Fala de um Mais Velho, Fortalecendo o Círculo Sagrado: 2000 e além

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Tupã, Ianderú, Olurum por me trazer à vida na linhagem da ancestralidade indígena e africana, pela união de Petrô (*in memoriam*) e Yêda, a partir das famílias Rodrigues, Petrovich, Brandão, que se entrelaçam com as famílias Lacerda e Schwuab, do Padrinho Augusto César e da Madrinha Dayse. À minha mãe do coração Vanda. À minha irmã Soan, que representa todas as outras irmãs, irmãos, primos, primas e sobrinhos.

In memoriam, aos “mais velhos”: avós Mariinha, Haidêe, Berta, avôs Rodrigues, S. Brandão e Petrovich, S. Zequinha e D. Dulce.

À família que constituo com Bené e Matheus; às famílias Gouveia e Almeida que me acolheram como irmã; às sete gerações futuras.

A Bené, meu companheiro e grande amor, meu “Preto Velho”, que no seu silêncio, sabedoria e aconchego, oferece suporte, carinho e confiança para ser Quem Sou e trilhar novos caminhos.

À Família que escolhi ter, amigos queridos, sábios mestres, que me estimularam a voltar a Universidade, depois de estar imersa no “olho do furacão”, das Tribos Jovens: Neyde Marques, Gurgel, Josecler, Mari, Gambini. Teresa e Caribe que fazem parte dessa família. D. Conceição e todas as minhas irmãs do Centro de Caboclo Sultão das Matas.

À minha Grande Mestra e orientadora, Professora Doutora Maria de Lourdes Siqueira, que passou a fazer parte da minha família, tornou-se uma parente pelo grau de amizade, lealdade, dedicação, paciência e compromisso neste trabalho de pesquisa.

À minha turma, repleta de afetividade, leveza, solidariedade, clima de cooperação, que me proporcionou prazer nos estudos, momentos de reflexão, de contato com a espiritualidade e a força do feminino.

Aos professores, à coordenação do curso e a todos os funcionários da Escola de ADM, que nos ensinaram a aprender a aprender, com compreensão e acolhimento.

A Clara e Anaélia pelo apoio e competência no processo de revisão final.

Aos queridos Conselheiros do ITJ, fiéis escudeiros, a quem saúdo na pessoa da amiga irmã arte-educadora Amélia Morrelli e dos nossos Presidentes Dr. Hélio Lima e Ronaldo Torres.

A equipe do ITJ, Marcos, Analia, Viviane, Elismar (Lis), S. Regis, Rose, Juliana, Sandra, Patí, Catão, Taiane, Ubiraí, Zelian, Janda, Luciene, Henrique (PH), Rose e Chico e parceiros, em especial a Nilson, que segurou comigo o “timão da embarcação”, ante a necessidade de me dedicar aos estudos – residência social e escrita da dissertação, abrindo espaços e oportunidades para que os nossos profissionais adultos jovens se desenvolvam e assumam a direção do nosso ITJ.

A Altemar, por toda a contribuição e compromisso com o nosso ITJ e a Práxis ETJ.

Aos idealizadores do ETJ e todos que construíram conosco a Práxis ETJ, em especial a Bruno Silveira (in memoriam), Denise Mendonça, Deodato Rivera, Kaká Werá Jekupé, Carmo, Esdras, Bete, Tonho, Rodrigo, Ajurú, Catão, Awóí, Nitinauã, Capim Bará, Aruã, Matalawê.

A todas as pessoas que participaram dos Círculos de Partilha– sujeitos participantes da pesquisa.

À família Cree, que reencontrei no Canadá, no Blue Quills First Nations College, minha amiga-irmã Patrícia (Pat), Leona, Eugene, Janice, Tia Ann, James, George, Gloria, Sharon, Dr. Ann, Sheri, Lana, Willian, Vincés, Diane e toda a família Stenheihein, em especial a Mike (in memoriam) ao Cacique e sua família Makokis, em especial a Alice (in memoriam).

A Isis e Karl Erik, na jornada do *healing* e todos os queridos integrantes do grupo de síntese de Profissionais.

Ao meu Ser, individualidade, ancestralidade, a você, lane, pela coragem, persistência, dedicação e pionerismo.

A minha mãe *Oiá*, que guia o meu *orí*.

À cidade de Cachoeira, por abrir os caminhos da inspiração a este trabalho.

Para cada ser planta que me acolhe no meu caminhar diário, ao solo sagrado que firma meus pés na terra.

A Nossa Senhora da Ajuda e São José, pela proteção, guiança e confiança,

Às Águas de Yemanjá e Oxum.

A todos os Caboclos, Guias e amigos espirituais, em especial ao Caboclo Andaraí meu Pai, S. Sultão, Tupinambá, Gentileiro e Boiadeiro.

RESUMO

O presente estudo aborda a Práxis Encontro das Tribos Jovens (ETJ), experiência de convivência multicultural, cidadã e democrática entre diferentes grupos sociais, realizada pelo Instituto Tribos Jovens e organizações parceiras, a partir de encontros anuais, realizados entre 1998 a 2004. Tem como foco a caracterização dessa Práxis e o estudo dos processos de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes e jovens nela envolvidos. A Práxis tem como principais fundamentos o fortalecimento de processos identitários e a ampliação do repertório de princípios e valores ancestrais de segmentos da população aos quais pertencem esses jovens, em sociedades múltiplas e plurais, nas quais se constroem as dinâmicas das identidades. Para tanto, foram colhidos depoimentos dos sujeitos participantes, utilizando-se da prática milenar indígena Círculo de Partilha e procedeu-se a uma análise qualitativa dos dados colhidos em depoimentos e documentos do acervo do Instituto, com inspiração na fenomenologia. Também contribuiu para a análise a observação participante durante todo o processo, já que o sujeito e o objeto de pesquisa se mesclam no presente estudo. As análises sob a luz dos conceitos estruturantes evidenciaram que a Práxis ETJ contribui com processos de desenvolvimento pessoal e social, tendo em vista os relatos de mudanças concretas na relação consigo mesmo, com o outro, com a família, escola, comunidade, aldeia indígena e sociedade, e estimula o engajamento em processos de transformação social. Observou-se também o fortalecimento das identidades – pessoal, de grupo, étnica e cultural. Além dos desafios organizacionais implicados na própria natureza dessa Práxis, buscou-se contribuir para o campo da Gestão Social em sociedades construídas sobre diversidades. Nesta perspectiva, a experiência cumulada nesse processo, a Práxis Encontro das Tribos Jovens foi identificada pelos sujeitos participantes entre metodologias inovadoras, criativas e construídas a partir de novos olhares sobre vivências culturais, artísticas e educativas.

Palavras-chave: Convivência multicultural; Desenvolvimento pessoal e social; Identidades.

ABSTRACT

The present study deals with the Praxis Encontro das Tribos Jovens, an experience of multicultural, citizen and democratic living together among different social groups, carried out by the Instituto Tribos Jovens and partner organizations on annual meetings realized between 1998 and 2004. It focuses the characterization of this Praxis and the process study of the personal and social development of teenagers and youths involved. The Praxis is mainly based on the fortification of identity processes and the enlargement of the repertoire of ancestral principles and values of population segments to which these youths belong, in plural societies where identity dynamics are shaped. For this, testimonies of the participants were gathered by the Sharing Circle, a millenarian native practice, and we proceeded to a qualitative analysis of the collected data, inspired on phenomenology. The participant observation also contributed to the analysis along the process, since subject and object of this research are mixed up. The analyses under the light of the structuring concepts showed that the Praxis ETJ contributes with processes of personal and social development, having in view the accounts of concrete changes in the relations with others and the self, with family, school, community and society, and it stimulates the engagement in processes of transformation reality. It has been observed also the fortification of identities – personal, groupal, ethnic and cultural. Beyond the challenges implied in the very nature of this Praxis, it has been sought to contribute with the social management field in societies built upon diversities. From this perspective the Praxis Encontro das Tribos Jovens was identified by the participants as an innovative and creative methodology, built out of new point of views about artistic, cultural and educative experiences.

Key-words: Multicultural living together; Personal and social development; Identities.

LISTA DE SIGLAS

AIS – Agente Indígena de Saúde

ASPECTUR – Associação Pataxó de Ecoturismo

BQFNC – Blue Quills First Nations College

CETEAD – Centro Educacional de Tecnologia em Administração

CRIA – Centro de Referência Integral de Adolescentes

ETJ – Encontro das Tribos Jovens

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

ITJ – Instituto Tribos Jovens

OSC – Organização da Sociedade Civil

PSI – Posto de Saúde Indígena

SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES QUE CONSTITUEM A EXPERIÊNCIA DOS ENCONTROS DAS TRIBOS JOVENS	21
2.1	CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	21
2.2	SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS	22
3	METODOLOGIA	25
3.1	MÉTODO E ABORDAGEM	25
3.1.1	Procedimentos Metodológicos	27
3.2	PESQUISA DE CAMPO	30
3.2.1	Métodos e Técnicas de Coleta de Dados	31
4	PARA UMA CARACTERIZAÇÃO DA PRÁXIS ETJ: CAMINHOS E REFERÊNCIAS	39
5	ANÁLISE DOS DADOS POR CATEGORIAS DEFINIDAS A PARTIR DOS DEPOIMENTOS DOS SUJEITOS PARTICIPANTES	43
5.1	SENTIMENTOS EXPRESSOS A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO NA PARTILHA E NOS PROCESSOS PROPICIADOS PELA PRÁXIS	43
5.2	APRENDIZAGENS, OPORTUNIDADES DE AQUISIÇÃO, TROCA E PASSAGEM DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS	45
5.3	PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DE ADOLESCENTES E JOVENS ENVOLVIDOS NA PRÁXIS ETJ	46
5.3.1	Aprender a Ser, na construção de Delors	47
5.3.2	Desenvolvimento de Habilidades de Gestão e Preservação Ambiental	48
5.3.3	Gestão e Processo Participativo	49
5.3.4	Gestão e Planejamento	50
5.3.5	Gestão com Pessoas e Oportunidades de Crescer	51
5.3.6	O Sentido do Reconhecimento para o Jovem e Desenvolvimento Pessoal	52
5.3.7	Integração na Comunidade	53
5.3.8	O Envolvimento do Jovem Pataxó em Processos de Pesquisa e Resgate da Sabedoria dos mais Velhos das Aldeias	54
5.3.9	Relação entre a Práxis ETJ, os “Mais Velhos” e a Pesquisa Pataxó	55

5.4	DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL: ABERTURA DE NOVOS CAMINHOS E VALORIZAÇÃO DE OPORTUNIDADES	57
5.5	VALORES E VISÃO DE MUNDO APREENDIDOS E DESCOBERTOS NAS PARTILHAS E NA PRÁXIS ETJ	59
5.5.1	Visão de Mundo do ponto de vista dos adolescentes envolvidos na Práxis	59
5.5.2	Participantes explicitam identidades com Valores Humanos Descobertos na Práxis ETJ	61
5.5.3	A Carta da Vida – A Arte de Viver em Tribos no Terceiro Milênio: construção do Professor Carlos Petrovich	63
5.6	CONVIVER COM AS DIFERENÇAS ENTRE DESIGUALDADES SÓCIO-CULTURAIS E ÉTNICAS	65
5.7	ANCESTRALIDADES: ANCESTRAIS AFRICANOS E INDÍGENAS	67
5.7.1	Um Breve Exemplo de Compromisso de uma indígena com a sua Ancestralidade Karirí Xocó	68
5.7.2	Ancestralidade Africana e mitos	69
5.8	A IDENTIFICAÇÃO DA PRÁXIS ETJ COM AS METODOLOGIAS NÃO-CONVENCIONAIS EM GESTÃO SOCIAL	73
5.8.1	Histórico dos Antecedentes dos ETJs	76
5.8.2	Dimensões do Sagrado, Espiritualidade e Conflitos	77
5.8.3	A Jornada do Guerreiro, um acontecimento especial nos ETJs	83
5.8.4	Uma Dinâmica Inspirada na Prática Ancestral Indígena <i>Sharing Circle</i>: A Partilha de Sonhos e Planos de Vida seguida de Mandalas	86
5.9	RELAÇÃO E INTERAÇÃO CONSIGO MESMO, AUTO-ESTIMA E CONFIANÇA	88
5.10	SENTIR-SE INCLUÍDO, SENTIDO DE PERTENCIMENTO	90
5.10.1	Construção de Identidade de Grupos	91
5.10.2	Cultura e Democracia	93
5.11	RELAÇÕES SOCIAIS, APRENDER A CONVIVER	95
5.12	FAMÍLIA E SOCIALIZAÇÃO	96
5.13	ESCOLA, CRESCIMENTO E PROTAGONISMO JUVENIL	98
5.14	RELAÇÃO COM A COMUNIDADE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL	103
5.14.1	Respeito pela Tradição	103
5.14.2	Trabalhos Comunitários, Educação e Preservação Ambiental	104
5.15	IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL	106
5.16	O PAPEL DO GESTOR SOCIAL E SEU PERTENCIMENTO À SOCIEDADE BRASILEIRA	112

6	ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA PRÁTICA ETJ	114
6.1	CONVIVÊNCIA COM A DIFERENÇA EXPRESSA NO DECURSO DO TRABALHO: SIGNIFICADO PESSOAL, PRINCIPAIS DESAFIOS E SUGESTÕES	114
6.1.1	Como foi falar de um Sujeito de Pesquisa do qual faço parte	115
6.1.2	Retomando as contribuições de autores e atores visitados	116
6.1.3	Vivência na escola Blue Quills: um exemplo de quebra de paradigmas	118
6.1.4	Políticas públicas e diversidade	119
6.1.5	A continuidade da Prática ETJ a partir dos estudos realizados	123
6.1.6	Algumas dimensões de evidências apreendidas sobre a Prática ETJ	124
6.1.7	Processos identitários e de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes evidenciados	128
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
	REFERÊNCIAS	136
	APÊNDICES	143
	ANEXOS	148

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma dissertação a ser apresentada ao curso de mestrado interdisciplinar e curso profissionalizante em Desenvolvimento e Gestão Social, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), realizado na Escola de Administração, por meio do Centro Interdisciplinar de Gestão Social (CIAGS). Trata-se de uma dissertação-projeto com um olhar diferenciado na perspectiva de realização e análise da Práxis Encontro de Tribos Jovens (ETJ), por meio da lente de uma gestora social e pesquisadora.

A definição do objeto de pesquisa que constitui esta dissertação parte da experiência da autora vivida em dez anos de atuação na área de gestão social, como dirigente do Instituto Tribos Jovens (ITJ), uma organização não governamental que tem como missão promover uma convivência multicultural democrática e cidadã entre as diversas “tribos” jovens, com sede em Porto Seguro, região do Extremo Sul da Bahia, abrangendo os municípios de Santa Cruz Cabrália, Belmonte, Prado e Eunápolis, na perspectiva do desenvolvimento sustentável.

A região do Extremo Sul da Bahia é caracterizada por uma diversidade e abriga uma população de aproximadamente 2.035.772 habitantes (estimativa para 2005 Censo IBGE-2000), 6.779 são índios-descendentes da etnia Pataxó (FUNASA – Fundação Nacional de Saúde/Censo Sanitário Indígena – ano 2006). Deste universo populacional, 40% correspondem a crianças, adolescentes e jovens em situação de grande vulnerabilidade social.

Nos últimos anos o crescimento vertiginoso e desordenado do turismo de massa nos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália tem trazido um impacto sócio-ambiental com graves conseqüências para o processo de aculturação das comunidades indígenas remanescentes, que já sofrem, ao longo de 500 anos,

todos os tipos de violência, tanto no que diz respeito ao extermínio, quanto à diminuição do seu território. O processo de desagregação social está presente nesta região turística, com fortes influências nas aldeias Pataxó, acarretando inclusive o afastamento das suas atividades tradicionais de cultivo da terra para uma participação nas atividades da vida urbana, inclusive naquelas relacionadas ao turismo.

Neste contexto, a situação sócio-econômica da maioria dos adolescentes da região é de vulnerabilidade, estando expostos a um quadro de violência, desemprego, exploração sexual comercial e de utilização de drogas lícitas e ilícitas.

Assim, a realidade sócio-cultural e econômica da região, especialmente a situação dos adolescentes e das comunidades tradicionais de indígenas Pataxó influenciaram a criação do I Encontro das Tribos Jovens, que objetivava um encontro do Brasil consigo mesmo, em busca da sua alma ancestral, a partir da juventude, realizado numa região de forte apelo histórico, que denominamos berço da civilização brasileira.

Naturalmente essa realidade da juventude e comunidades indígenas não é específica da região, corresponde à lógica do modelo de desenvolvimento da sociedade brasileira, a exemplo de outras etnias que vivem no país. Portanto essas contradições não são inerentes apenas a essa região em análise.

O Instituto Tribos Jovens, entidade de caráter sócio-educativo e cultural foi idealizada em 1998, a partir do I Encontro das Tribos Jovens (ETJ) e constituída juridicamente em Dezembro de 2001, sendo declarada como de utilidade pública pelos governos municipais e estaduais em 2004.

Desde o ano de 1996, ampliei o meu leque de atuação como psicóloga organizacional, com experiência profissional na área de treinamento, capacitação e desenvolvimento de grupos, para a área de gestão social, atuando no gerenciamento de projetos sócio-culturais, como educadora e coordenadora de cinco grupos de adolescentes voluntários engajados em um “Pacto pela Educação do Sítio do Descobrimento”; sempre tendo como base uma visão holística.

Esse trabalho se realiza mais formalmente a partir de 1997 com a criação da empresa de consultoria Corpos Íntegros, no âmbito da qual, foram realizados, no período de 1998 a 2000, os quatro primeiros ETJs.

Quando falamos em “tribos” estamos nos referindo a grupos sociais diversos, que se constituem de pessoas de todas as idades, oriundos de aldeias indígenas, da zona urbana, rural, periferias, grupos culturais, movimentos sociais, clubes de serviço, escolas públicas e particulares.

O Encontro de Tribos Jovens é um evento de caráter educativo, cultural e de entretenimento, que reúne jovens de todo o país, de várias etnias, classes sociais, culturas, credos e religiões, com o objetivo de estabelecer entre os diversos grupos sociais, uma convivência multicultural cidadã, empreendedora, pacífica e solidária. Durante o ETJ, acontecem intercâmbios multiculturais, espetáculos, manifestações culturais, saraus, partilhas e oficinas de música, artes cênicas, artesanato, dança, teatro, artes plásticas, vídeo e fotografia, utilizando como princípios motivadores de aprendizagem os fundamentos da nossa alma ancestral, lendas, mitos, enredos e ritos, transpostos por diferentes linguagens artístico-culturais. É uma mobilização social destinada à juventude, que possibilita o encontro das tradições culturais milenares dos povos que aqui estavam há 500 anos com as diversas “tribos” juvenis de cada estado brasileiro, considerando, durante todo o processo, a base fundamental das etnias (cultura indígena, afro-descendentes e luso europeias), afirmando-as e valorizando-as. Mobilização entendida aqui na perspectiva da mobilização social segundo Bernardo Toro e Nisia Werneck: “um modo de construir a democracia e a participação” (1996).

A partir da experiência do ETJ, foi criado o Instituto Tribos Jovens, entidade sediada em Porto Seguro – BA, com atuação nas áreas de intervenção comunitária, desenvolvimento humano e educação qualificação técnica e profissional.

Trabalhar de modo articulado com diferentes atores sempre foi uma característica do ITJ, que possui parcerias com o Governo, Prefeituras, Secretarias de Estado, Ministérios; com as lideranças indígenas e suas associações, assim como outras organizações não governamentais, escolas, Conselhos e organismos internacionais (UNICEF); UFBA e empresários da região.

Ao assumir a função de diretora executiva, nosso esforço maior, nesse período, foi para a consolidação das práticas do ITJ, na qual a experiência dos Encontros de Tribos Jovens é o elemento ordenador de maior relevância.

Cabe salientar que a experiência do ETJ possibilitou uma atuação mais efetiva na área de gestão social. A partir do momento em que participei da idealização do primeiro evento em 1998, em 1999, assumi a coordenação geral do Encontro das Tribos Jovens, através da empresa Corpos Íntegros, à qual já nos referimos, onde desempenhei o papel de sócia fundadora e consultora.

Foram realizados sete ETJs, envolvendo diretamente um público participante de um mil, seiscentos e dez (1.610) pessoas, entre jovens, artistas, educadores populares, profissionais de saúde, lideranças comunitárias e representantes multiculturais de 200 “tribos” grupos sociais, incluindo doze (12) nações indígenas, Pataxó, Krenak, Kariri Xocó, Guarani, Terena, Xavante, Funiyô, Kaiuá, Pankararu, Tumbalalá, Tupinambá; Terreiros de Candomblé, Ilê Axé Opó Afonjá, Ilê Omorodê Axé Orixá N’lá, Centro de Caboclos Sultão das Matas; e entidades político-culturais-educacionais e afro-descendentes, Ilê Aiyê, Netos de Gandhi, Banda Didá, Olodum, Centro de Referência Integral de Adolescentes (CRIA), Projeto Axé, Escola Pracatum, Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, dentre outros.

A partir do terceiro ETJ, face à relevância desta ação nas áreas sócio-cultural e educacional, atraindo novos parceiros nos âmbitos governamentais e privados, de modo articulado no plano local, estadual e federal, iniciamos o desenvolvimento de projetos nas áreas de educação, saúde, cidadania e direitos humanos.

O que existia em comum nesses projetos era a proposta de educação não formal, na qual adolescentes e jovens eram autores e destinatários, cuja marca principal era a diversidade. Projetos que tinham na Práxis ETJ uma vivência pedagógica privilegiada de intercâmbio entre os participantes.

A diversidade é vista como a expressão da riqueza da espécie humana, entendida na educação, como respeito à democracia, à nossa condição humana e à realidade multicultural brasileira em que vivemos; opondo-se à tendência homogeneizadora e monocultural (SIQUEIRA, 2006a, p. 89).

No ano de 2001, o ETJ foi selecionado como um dos projetos da incubadora de negócios COMPETE, parceria UFBA e SEBRAE, por se tratar de uma iniciativa inovadora na área social e cultural, economicamente viável e relevante, o que oportunizou uma aproximação maior com a Escola de Administração e outros organismos, como o Centro Educacional de Tecnologia em Administração

(CETEAD) e o próprio SEBRAE – o que facilitou a qualificação profissional da coordenadora do ETJ através do EMPRETEC, um momento privilegiado de capacitação que oportunizou uma vivência com o empreendedorismo.

O empreendedorismo e suas características se fazem presentes na Práxis ETJ, sendo de fundamental importância nesta trajetória de crescimento e amadurecimento do ETJ.

À consolidação de ações e os resultados alcançados, em parceria com o CETEAD, financiados pelo SEBRAE e Ministérios da Saúde, da Cultura e da Justiça, somaram-se o processo de incubação, o que possibilitou a constituição jurídica do Instituto Tribos Jovens em 2001, tendo, como sócios fundadores, atores sociais que estiveram presentes nestes três primeiros anos, jovens e educadores, representantes da comunidade indígena Pataxó das Aldeias de Barra Velha e Coroa Vermelha, de Prefeituras de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, de entidades não governamentais (SEBRAE, CETEAD, Associação Cristã de Moços, Ilê Aiyê, Projeto Axé, CRIA, Centro de Referência Integral de Adolescentes (CRIA), CIPÓ – Comunicação Interativa), Escola Pracatum; a Universidade Federal da Bahia (UFBA), empresários, dentre outras.

Numa perspectiva de aprofundamento da Práxis Tribos Jovens, assumimos uma postura reflexiva que nos levou à busca de uma especialização na área da gestão social, cuja continuidade realizei agora no curso de Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social. Nesse sentido, a residência social no Canadá, na Aldeia da etnia Cree, Saddle Lake, realizada em 2008, no Blue Quills First Nations College (BQFNC), um intercâmbio em que compartilhei práticas, valores, saberes e conhecimentos, interagi com pessoas e organizações na minha área de estudo, além da interação com outras visões de mundo, foi muito importante.

A residência social possibilitou um reencontro comigo mesmo, com ensinamentos ancestrais, com valores e princípios que sempre pautaram as diversas dimensões da minha vida. Um processo que validou todo o meu caminhar pessoal e profissional, com uma visão holística, ratificou a relevância do trabalho do Instituto Tribos Jovens e a importância da pesquisa em curso sobre a Práxis ETJ, que lida com processos identitários, educação multicultural e desenvolvimento.

A imersão de seis semanas foi apenas uma primeira etapa de uma jornada iniciada, fruto de uma significativa parceria, em que foram estabelecidos vínculos com a natureza de uma terra sagrada, pessoas, famílias e instituições que certamente de muito contribuirão com trabalhos que realizamos e com nossas interações para o desenvolvimento do campo de gestão social no âmbito local, na Bahia, Brasil, com possíveis desdobramentos na América do Sul.

O meu processo de formação continuada tem possibilitado uma compreensão mais ampla sobre as especificidades do terceiro setor, levando em conta “a necessidade de orientar a gestão social pelos valores e pela ética da responsabilidade, em direção aos imperativos da eficácia e da eficiência” (FISCHER, 2003, p. 20).

Busca-se, nessa dissertação, reconhecer e ampliar as bases teóricas que fundamentam esta práxis inserida no campo social e numa organização que tem como valores democracia, solidariedade, fé, igualdade e paz.

A problematização feita nessa dissertação se relaciona com a visão institucional do ITJ, em “ser reconhecida como uma organização de referência na mobilização de jovens para a convivência multicultural, comprometida com a construção de uma sociedade democrática, justa e solidária”¹, o que reforça o nosso interesse em contribuir com o engajamento social dos leitores, em especial adolescentes, jovens e outros atores sociais que assumem uma postura crítica diante da realidade.

A Práxis ETJ privilegia a construção de processos identitários, com formação de consciência étnica e ampliação do repertório de princípios e valores ancestrais que orientam a vida, partindo da compreensão da unidade sem perder de vista a complexidade e a diversidade sócio-culturais da sociedade brasileira, em direção à cidadania.

Nesse sentido, vale articular nossa proposta de estudos e pesquisas no Mestrado com os ganhos obtidos na residência social. A imersão na entidade Blue Quills (BQFNC) contribuiu de modo fundamental para este trabalho. No papel de observadora participante, vi de perto o modelo de uma instituição de ensino com

¹ Texto de documento não publicado do acervo do Instituto Tribos Jovens, intitulado *Síntese dos Resultados da Revisão do Planejamento Estratégico do ITJ*, datado de 2004.

gestão realizada por lideranças de seis povos nativos do Canadá, onde vivenciei uma práxis que muito contribuiu com a expressão do meu Ser, com o meu processo identitário e de desenvolvimento pessoal e social. O fortalecimento da crença em transformações sociais, a motivação e apoio no semear, cuidar e investir no campo da gestão social, rumo a políticas públicas inovadoras e mais efetivas foram alguns ganhos da imersão feita no BQFNC, oportunizada pela residência social do curso de mestrado, como já mencionado.

As práticas do BQFNC proporcionaram: ampliação da consciência sobre o processo histórico, colonização e descolonização; conhecimento de estratégias e vivências culturais múltiplas, integradas ao currículo de curso superior e de mestrado na área de gestão social; fortalecimento da identidade pessoal e étnico-cultural; aquisição de conhecimento via interligação de saberes; desenvolvimento de habilidades, competências pessoais e comunitárias para o auto-desenvolvimento e requalificação territorial. O trabalho de trinta anos deste *College* tem permitido a restauração das identidades e dos sentidos de segurança, compaixão, auto-proteção, autonomia, fé, poder, integridade, oportunidades, abundância, conexão e força do povo Cree, um pioneirismo fundamentado numa visão holística, com a presença de ensinamentos e rituais ancestrais no seu cotidiano.

Encontrar relações entre a Práxis ETJ e processos de desenvolvimento e identitários, a partir da gestão social, é o nosso maior desafio e fator motivador. Optou-se pelo estudo dos processos de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes e jovens, agentes e co-autores da Práxis ETJ, que atuaram nos estágios de planejamento, organização, realização e avaliação.

O caminho trilhado foi um aprofundamento teórico em processos identitários, através de autores clássicos e contemporâneos, nas áreas de educação, antropologia, sociologia e de temáticas específicas de gestão social.

Para facilitar esse aprofundamento, optou-se por um recorte na definição de processos de desenvolvimento pessoal e social, focado no depoimento dos sujeitos participantes.

Nesse sentido, foi feita uma investigação sobre como a Práxis ETJ contribuiu com esses processos, descrevendo e analisando “práticas e vivências que possibilitam e expressam o desenvolvimento de habilidades e competências

personais e sociais, de ser e conviver com as diferenças”. (SERRÃO; BALEEIRO, 1999, p. 11), considerando a sua interação consigo mesmo, com a natureza, com a sua família, na sua aldeia, na sua comunidade de pertencimento e nos grupos sociais dos quais participam, escola e entidades, principalmente grupos indígenas, das áreas de educação, cultura e meio ambiente.

A leitura dos dados e resultados dessa pesquisa, buscando inspirar-se em orientações da fenomenologia, possibilitou o resgate dos significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno sob investigação (FAZENDA, 1989, p. 85). O fenômeno foi compreendido a partir da experiência vivida pelos sujeitos, pela percepção deles sobre as características da Práxis ETJ e sobre a forma pela qual a Práxis ETJ contribui com os processos de desenvolvimento pessoal e social vividos. Isso implica na apreensão de momentos em que a gestão social facilita caminhos de construção de identidades:

A Pesquisa Fenomenológica, portanto, parte da compreensão de nosso viver – não de definições ou conceitos – da compreensão que orienta a atenção para aquilo que vai se investigar. Ao percebermos novas características do fenômeno, ou a encontrarmos no outro interpretações ou compreensões diferentes, surge para nós uma nova interpretação que levará a outra compreensão. (FAZENDA, 1989, p. 63)

Na análise feita para caracterização da Práxis ETJ, buscou-se apreender os desafios relativos à diversidade cultural e a gestão com pessoas, e outras dimensões sócio, político e organizacionais. Isso possibilitou fazer uma aproximação com o campo de atuação e estudo, no qual a pesquisadora e gestora social está inserida.

Durante todo o trabalho foi adotada uma postura de análise da realidade social, de questionamento das estruturas sociais dominantes e hegemônicas e de tomada de consciência rumo a um posicionamento sócio-político emancipatório, que é papel do gestor social em função de suas práticas.

O trabalho será apresentado em 6 capítulos. À presente introdução, segue-se o capítulo 2, que caracteriza os sujeitos participantes da Práxis ETJ. O capítulo 3 apresenta a metodologia da pesquisa, explicitando, passo a passo, os procedimentos do Círculo de Partilha, da análise documental e da análise de dados. O capítulo 4 faz uma caracterização da Práxis ETJ, detalhando a metodologia para

este fim e dando referências para o contexto histórico (Pataxó) e teórico (processos de construção de identidades e práxis). O capítulo 5 analisa os dados coletados nos Círculos de Partilha a partir de categorias definidas e redefinidas no decorrer da consulta à literatura específica. O capítulo 6 consta de contribuições para os processos de desenvolvimento pessoal e social dos adolescentes envolvidos, assim como para a consolidação dos fundamentos teóricos da experiência empírica Encontro das Tribos Jovens, o que implica na viabilidade de reaplicação no campo da Gestão Social, enquanto tecnologia educacional inovadora, na perspectiva da construção de políticas públicas. Por fim, o capítulo 7 traz as considerações finais.

2 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES QUE CONSTITUEM A EXPERIÊNCIA DOS ENCONTROS DAS TRIBOS JOVENS

2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes envolvidos nesse processo de pesquisa foram diversos atores que conviveram nos ETJ, residentes no estado da Bahia, nos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália, Belmonte e Salvador, dando atenção especial àqueles que eram adolescentes e jovens, segundo a definição da OMS (Organização Mundial de Saúde) na faixa etária entre 13 e 25 anos, na ocasião dos ETJs e que participaram de mais de três Encontros.

A escolha dessa população deu-se em função do objetivo de caracterizar a Práxis ETJ e as suas contribuições nos processos de desenvolvimento pessoal e social dos adolescentes envolvidos, a partir da convivência multicultural cidadã e democrática oportunizada pelo ETJ.

Cabe salientar que a experiência que originou a Práxis ETJ foi realizada pelo ITJ e organizações parceiras através de um grupo de pessoas e instituições que foi se renovando ao longo dos anos, contando sempre com a presença de adolescentes e jovens. Esse grupo interinstitucional, multidisciplinar e inter-étnico é integrado por estudantes e professores da rede particular e pública de ensino, incluindo das escolas indígenas, com atuação nos níveis médio, superior e pós-graduação; educadores e lideranças comunitárias e religiosas, Iyalorixás, mães-de-santo, profissionais da área da saúde, autônomos, artistas e representantes culturais. Isso garantiu uma escuta multirreferenciada.

O grupo de sujeitos participantes que foi constituído é diverso, garantindo a expressão da riqueza do fenômeno, cujo estudo foi feito através de uma leitura sob diferentes olhares e percepções.

Durante os ETJs, diferentes papéis foram assumidos por essas pessoas, de idealizadores, membros da equipe de sustentação (coordenadores, educadores, oficinairos, monitores, adolescentes multiplicadores, jovens mobilizadores, produtores, artistas e apoios); parceiros e personalidades convidadas; e participantes (adolescentes, jovens e adultos).

Destaca-se que entre os sujeitos participantes da pesquisa constam integrantes dos grupos afro-descendentes Centro de Caboclos Sultão das Matas e Ilê Omorodé Axé Orixá N'lá, e indígenas da etnia Pataxó, Aldeia de Coroa Vermelha, situada no município de Santa Cruz Cabrália (BA). Essas pessoas têm atuação formal e informal nas suas comunidades, na escola indígena bilíngüe e diferenciada, na Associação Pataxó de Ecoturismo (ASPECTUR), no Posto de Saúde Indígena (PSI), em projetos sociais, e inclui mais velhos, lideranças, professores e alunos.

Alguns critérios contribuíram na definição da escolha dos sujeitos da pesquisa, sendo feita uma delimitação, justificada por alguns motivos de ordem operacional: necessidade de dimensionar o esforço da investigação ao alcance das condições financeiras e de disponibilidade real de tempo da pesquisadora, proximidade geográfica dos sujeitos participantes em relação à base de trabalho do estudo, em Porto Seguro (BA); as relações institucionais existentes entre o Instituto Tribos Jovens, entidades e a comunidade Pataxó; a localização de pessoas na própria rede de parceiros, independente de certos participantes continuarem a fazer parte das entidades que representaram durante os ETJ. Privilegiamos encontrar para o trabalho de partilhas pessoas que participaram de mais que três eventos e que exerceram funções diferenciadas na Práxis ETJ.

2.2 SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Vivemos em sociedades que são configuradas pelo seu contexto histórico, político e sociocultural, das quais precisamos compreender cada construção

específica. O desafio é como as pessoas podem se situar nessas sociedades, enquanto sujeito que não se acomoda, faz intervenções e contribui com a transformação das dinâmicas sociais. Isso se reflete nas formas como trabalhamos as relações culturais, na área de educação, e como concebemos políticas públicas.

Cabe salientar que não se trata de uma integração de todos os diferentes e discriminados na sociedade a uma cultura hegemônica, aos seus valores e interesses capitalistas ou religiosos. Entretanto, não se pode desconhecer que os sujeitos participantes convivem em sociedades contemporâneas com o multiculturalismo.

Talvez seja o traço do multiculturalismo o que mais afeta as condições atuais da vida social e o que mais determina as dificuldades da atividade de governo. Identidade, diferença, valorização de umas ou das outras pessoas, processo de integração de absorção, miscigenação, são alguns dos termos cotidianos do quebra-cabeça da convivência nas sociedades do pluralismo exacerbado. (GIANNELLA, 2007, p. 2-3)

As relações entre diferentes culturas devem ser abertas e interativas, com ênfase na interculturalidade, na promoção do diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais, proporcionando uma educação que facilite o reconhecimento entre os diferentes na perspectiva de construirmos uma sociedade mais inclusiva, pluralista e democrática. O que é coerente com conceitos dinâmicos de cultura e identidades, processo continuado de elaboração, de construção e reconstrução, levando-se em conta os processos de hibridização cultural, os mecanismos de poder e a vinculação existente entre diferença e desigualdade.

Para Catherine Walsh (2001, p. 10-11 apud CANDAU, 2008, p. 23-4), a interculturalidade é “um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade”, que possibilita “um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença”, e abre “um espaço de negociação e da tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados”. Por fim, a autora define o multiculturalismo como “uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações

sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade; uma meta a alcançar”. (2001, p. 10-11 apud CANDAU, 2008, p. 23-4).

A educação de que falam os sujeitos da pesquisa contribui no desenvolvimento da capacidade de pensar de modo autônomo e crítico nesse mundo globalizado para compreender as relações de poder. O que implica numa estratégia de quebrar a força da homogeneização cultural feita por um sistema de ensino onde se aprende o que é imposto, sem nenhum critério de identificação ou atribuição de significado. Uma forma de respeitar a diversidade cultural e social, ao tempo em que fortalece as identidades culturais – o que nos é mostrado pelo Professor Gadotti (1992).

3 METODOLOGIA

3.1 MÉTODO E ABORDAGEM

O nosso referencial teórico metodológico parte de abordagens qualitativas de pesquisa com inspiração na fenomenologia. Isso se justifica portanto pela definição do objeto que pressupõe uma leitura qualitativa do fenômeno em direção a pesquisa de novas evidências.

Nesse sentido, a escolha da orientação metodológica baseada na fenomenologia foi inspiradora da leitura, da postura, do olhar, do jeito de perguntar, observar, buscar definições e conceituações.

A abordagem escolhida nessa pesquisa é qualitativa, o que possibilitou a compreensão dos significados sociais, dos fenômenos, da ação, de pessoas e das organizações, da percepção de valores e traços étnicos e seus significados culturais.

A Práxis ETJ foi redescoberta e desvendada além da sua aparência. Para tanto, coube descrevê-la, como foi percebida pelos sujeitos participantes, através de escutas e ilustrá-la com dados colhidos na análise documental – registros e sistematização de práticas. Simultaneamente, foram extraídos os conceitos envolvidos nos depoimentos e verificados quais os pontos recorrentes para posterior análise e interpretação, considerando a pluralidade de sentidos e significações.

Assim, a abordagem qualitativa parte de uma orientação pelo método fenomenológico, considerando que a natureza do fenômeno a ser pesquisado é o que define o método a ser utilizado na pesquisa.

A atitude guia foi de abertura para compreender o que se mostra, no sentido de estar livre para perceber o que se apresenta sem prender-se a pré-juízos que não correspondam à realidade: “Estamos livres quando sabemos de nossos valores, conceitos e pré-conceitos e podemos ver o que se mostra cuidando das possíveis distorções”. (MASINI, 1989, p. 62).

Cabe salientar que o percurso seguido e os procedimentos adotados não foram totalmente definidos *a priori*. Alguns passos foram sendo construídos à medida que a pesquisa ia sendo realizada. Dessa forma, a observação participante contribuiu muito para esse processo, dando orientações e sinalizando caminhos a seguir.

Tinha-se uma questão de pesquisa antes de ser iniciado o trabalho de campo: a escuta junto aos sujeitos participantes. Essa questão foi revisada e atualizada depois de leitura, releitura e partilha dos depoimentos transcritos junto à orientadora, colegas e professores do curso, que ministraram a última disciplina de Tecnologias Sociais.

O predomínio da escrita na primeira pessoa foi uma opção consciente para dar ênfase ao lugar de onde provem a minha fala, a subjetividade e vontade de aprender algo novo. Aqui o objeto, eu pesquisadora e o sujeito participante se fundem e se diferenciam, numa relação dialógica. Trata-se de uma narrativa do SER, COMPREENDER O VIVENCIADO, considerando o que explicitamos anteriormente, a orientação fenomenológica é nossa referência, além de que afirmamos que não existe separação sujeito/objeto, negando também paradigmas hegemônicos, buscando leveza e abertura para lidar com diferentes percepções do fenômeno e conforto ante a posição de subjetividade que ocupava.

Nessa ação sem fechamentos ou sistemas acabados o Pesquisador mostra sua maneira de estar no mundo interrogando-o. O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que vivo, sou aberto ao mundo, me comunico indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável. (MERLEAU-PONTY apud MASINI, 1989, p. 66).

Escolhidos os procedimentos metodológicos para o trabalho de pesquisa de campo, foi definida a realização de Círculos de Partilha através de encontros com os participantes dos ETJs, além da sistematização e análise dos registros documentais dos Encontros, estabelecendo-se categorias analíticas capazes de dar conta da proposta de pesquisa.

3.1.1 Procedimentos Metodológicos

Objeto

O objeto de pesquisa é um estudo, principalmente, da Práxis ETJ, experiência realizada pelo Instituto Tribos Jovens e organizações parceiras, a partir de encontros anuais denominados ETJ (Encontro das Tribos Jovens), no período de 1998 a 2004, em busca de uma convivência multicultural cidadã e democrática entre jovens de diferentes grupos sociais, na perspectiva da construção de identidades, respeitando a diversidade étnico-cultural, compartilhando, através da arte-educação, princípios, valores, mitos e rituais de civilizações ancestrais, formadoras dos segmentos da sociedade brasileira aos quais pertencem.

Questão

Considerando a práxis da convivência multicultural, que inclui a construção e realização de sete eventos anuais denominados Encontro das Tribos Jovens, realizados no período de 1998 a 2004, tendo por objetivo processos de construção de identidades, convivência com a diversidade étnica e cultural e contribuição com processos de desenvolvimento pessoal e social, **nossa questão de pesquisa é:**

Quais as principais características da Práxis ETJ e de que forma ela contribuiu nos processos de desenvolvimento pessoal e social dos adolescentes participantes, a partir das propostas de Encontros de Tribos Jovens, relacionados a identidades, auto-estima, convivência com a diversidade étnica e cultural?

Objetivo Geral

Estudar o processo de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes e jovens, envolvidos na Práxis ETJ, vivenciando uma convivência multicultural cidadã e democrática, identificando as principais características dessa Práxis, que tem

como um de seus fundamentos o fortalecimento de processos identitários, e a ampliação do repertório de princípios e valores ancestrais de segmentos da população aos quais pertencem os jovens participantes do processo, em sociedades múltiplas e plurais, nas quais se constroem a dinâmica das identidades.

Os Objetivos Específicos:

1. Caracterizar e analisar a Práxis ETJ, nos seus diferentes estágios de construção, preparação e de vivências, implicações, desafios organizacionais e possibilidades relacionadas aos seus propósitos de construção e fortalecimento de identidades, engajamento em processos de transformação da realidade social a partir dos valores, cidadania e solidariedade, validando a aplicação de metodologias inovadoras ao campo da Gestão Social;
2. Identificar processos de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes e jovens que vivenciaram a Práxis ETJ, refletindo aspectos e conceitos relacionados à convivência com diversidades, diferenças étnico-culturais e multiculturalismo;
3. Analisar nos processos de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes participantes dos ETJ, mudanças concretas na vida profissional, na relação com a família, escola e comunidade, incluindo práticas de gestão social.

Pressupostos

- O contato dos adolescentes e jovens participantes dos ETJs com as raízes ancestrais indígenas e africanas, contribui para os processos de construção e fortalecimento das suas identidades, revalorizando-lhes, fortificando a sua auto-estima e oferecendo possibilidades de uma consciência crítica e étnica, o que lhes conduz na busca de um maior

engajamento social, em direção ao exercício da cidadania, da solidariedade e democracia.

- A convivência entre jovens e educadores de diferentes etnias e culturas, objetivando resgatar princípios e valores esquecidos, por intermédio de milenares artes, rituais e mitos indígenas e afro-descendentes, gera atitudes, valores, princípios que contribuem para a mudança qualitativa na vida destes jovens, também no que se refere ao trabalho, à escola, comunidade e família.
- Essa prática de gestão social, a Práxis ETJ, não se realiza sem conflitos, sem problemas de relacionamento interpessoal e interinstitucional, sem choques entre as diferenças, uma vez que estamos tratando com pessoas e instituições diversas, e em certos momentos tangenciando dimensões do sagrado.

Referencial teórico-metodológico

A construção do argumento foi fruto de uma articulação teoria-prática numa reflexão entre conceitos e a pesquisa de campo. Dessa forma, os conceitos estruturantes iluminaram e geraram uma contribuição ao debate das questões.

Utilizou-se da multirreferencialidade, que diz respeito a olhar de vários ângulos, do ponto de vista de diversas etnias, envolvendo diversas disciplinas, numa visão holística de mundo. O que está em jogo é verificar como se dão os processos identitários na concepção de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes, o que os influencia, quais as interferências, quais as ideologias subjacentes a esta concepção.

Na revisão da literatura, foi feito um estudo do que foi produzido nas áreas do conhecimento que se relacionam com a temática – sociologia, antropologia, educação e temáticas relativas à gestão social.

Operamos com os conceitos de identidades, cultura, diversidade, multiculturalismo, mestiçagem e pluralidade cultural (MUNANGA, 2004; HALL, 2000 e 2005; SIQUEIRA, 2006a e 2006b; SANTOS, 2002; FRANCO, 2006; LARAIA,

2006; CANDAU, 2008; GOMES, 2008); educação e desenvolvimento social e pessoal de adolescentes e jovens (DELORS, 1996 e 2009; GADOTTI, 1992; FREIRE, 2007; SERRÃO; BALEEIRO, 1999; DA COSTA, 2009; CALLIGARIS, 2000; SANTOS, 2003); ancestralidade africana (SIQUEIRA, 2006; MACHADO, 2000 e 2006; PETROVICH, 2006); e gestão social, democracia e cidadania (MOURA, 2004; FISCHER, 2002 e 2008; GIANELLA 2007 e 2008; SOUSA SANTOS, 1999; COUTINHO, 1989; BAQUERO, 2001; TOURAINÉ, 1996 e 1999; TORO, 2009). Em busca de maior clareza, esses conceitos serão melhor explicitados na medida em que surgirem no texto.

3.2 PESQUISA DE CAMPO

O trabalho de campo foi realizado em diferentes momentos e instituições: no Instituto Tribos Jovens (ITJ), onde se encontra toda a documentação do ETJ, na Reserva da Jaqueira, nas Secretarias Municipais de Educação e Ação Social (Porto Seguro – BA), na Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha (Santa Cruz Cabrália – BA), e na UFBA.

Considerando a interação virtual (via internet), fizeram também parte do trabalho de campo as entidades parceiras: Escola Pracatum; Ilê Aiyê; Centro de Referência Integral do Adolescente (CRIA); os terreiros Ilê Omorodê Axé Orixá N'lá, Centro de Caboclos Sultão das Matas e Ilê Axé Opó Afonjá; Escola Cândido Portinari; e Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. Em todos esses lugares, foram contatados os sujeitos participantes da pesquisa, através de e-mail e telefone, sensibilizando e convidando para participar de um Círculo de Partilha sobre os ETJs realizados. Essas pessoas assumiram diferentes papéis nos ETJs: participantes, educadores, oficinairos, convidados, multiplicadores, mobilizadores, coordenação, apoio administrativo, e convidados.

Foram realizados dois encontros para coleta de depoimentos dos sujeitos participantes, nos dias seis e nove de março de 2009. O primeiro foi na Aldeia Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, município de Santa Cruz Cabrália (BA), com 27 (vinte e sete) pessoas; e o segundo na Escola de Administração da UFBA, Salvador (BA), com 09 (nove) sujeitos participantes. Ao todo, trinta e seis (36)

peessoas estiveram presentes, tendo assumido os seguintes papéis na práxis ETJ: participantes adolescentes e jovens (10) e integrantes da equipe de sustentação - adolescentes e adolescentes multiplicadores e jovens mobilizadores (09), educadores (05) e coordenadores (03), convidada, a Iyalorixá do Centro de Caboclos Sultão das Matas (01) e apoio de produção (01); 07 (sete) pessoas presentes nunca tinham vivenciado a Práxis ETJ.

3.2.1 Métodos e Técnicas de Coleta de dados

a) A Observação Participante

O caminho do pensamento que orientou a pesquisa foi trilhado através da observação participante.

A escolha do método de observação participante deu-se pelo fato de permitir um “contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores em seus próprios contextos.” (MINAYO, 2004, p. 59). Eu, pesquisadora e observadora, me envolvi na situação estudada, revi pessoas, estabeleci contatos institucionais, comunicação via e-mail e telefone. Participei em atividades múltiplas, observação direta e introspecção, análise documental, organização, coordenação e participação nos Círculos de Partilha e nos encontros para validação e legitimação dos depoimentos e ampliação da compreensão de todo processo de trabalho de campo realizado.

A nossa escolha recaiu sobre um sujeito de pesquisa com o qual convivi durante 10 anos, na qualidade de idealizadora e ao mesmo tempo observadora, analista pela natureza das funções de gestora social e educadora.

Durante todo o processo de trabalho de campo, fiz consultas a um conjunto de dados e informações selecionados do acervo do ITJ para esse fim e colhi uma vasta gama de depoimentos que possibilitaram ampliar a compreensão do fenômeno observado.

À medida que a compreensão do processo se dava, surgiam novas informações, lembranças, recordações, conflitos e reações, mobilizando emoções e

sentimentos e propiciando um trabalho introspectivo de reflexão, contemplação, meditação. A tessitura deu-se através da integração da razão, emoção e intuição.

b) Acesso aos sujeitos participantes – informantes pela minha condição de pesquisadora – participante na Práxis ETJ

Foi importante expressar os papéis que desempenhava, além de diretora do ITJ, de estudante e pesquisadora, articulados ao papel de gestora social. Tive acesso fácil e rápido aos informantes, mesmo sem ter contato com algumas pessoas há mais de quatro anos. Algumas pessoas-chave foram acionadas para se obter os dados para contato telefônico e e-mail com os sujeitos-participantes.

As pessoas receberam um e-mail contendo uma mensagem de chamamento, e alguns convites foram distribuídos na Aldeia de Coroa Vermelha e em Porto Seguro (vide apêndices A e B). A proposta do reencontro foi discutida virtualmente com quatro pessoas, uma educadora e três jovens mobilizadores nos ETJs, ou seja, faziam o trabalho de divulgação através de oficinas de sensibilização nas escolas, participavam da gestão participativa, atuando desde as fases de planejamento, preparação de estudantes para os ETJs por meio de oficinas, execução das atividades e avaliação.

As pessoas representativas foram ouvidas sobre o problema, através da prática de Círculos de Partilhas, buscando-se respostas aos problemas da pesquisa.

O fato de ter conhecimento com todos informantes e o histórico das relações existentes facilitou o esclarecimento da maioria dos eventos e comportamentos observados. A atmosfera criada nos encontros e a dinâmica estabelecida através dos Círculos de Partilha, principal técnica utilizada no trabalho de campo, proporcionou o desvendar de uma gama de informações, cenas antigas e nostalgia, sob novos e antigos olhares e diferentes nuances e tonalidades.

As técnicas de coleta de dados utilizadas foram a análise documental, os Círculos de Partilhas (do inglês, *Sharing Circle*) e a observação sistemática da dinâmica dos grupos que compareceram aos encontros de partilha.

c) Análise Documental

Para fazer a análise documental, foi necessário selecionar, no acervo documental e virtual do Instituto Tribos Jovens, dados referentes ao que ocorreu em cada ETJ. Durante o processo de seleção de documentos, percebi que o trabalho de sistematização da Práxis ETJ ia além dos eventos realizados. Então, na definição de uma base necessária e possível, incluí também os projetos realizados, com seus relatórios.

Tracei dois esquemas para organização dos dados, um referente à realização dos ETJs e outro para a preparação, em que centralizei os projetos.

Na organização das informações sobre a realização dos eventos ETJs e suas vivências, foram definidos os seguintes itens: data, programação, número e relação de participantes e parceiros, material informativo, educativo e de comunicação (IEC), material pedagógico utilizado e avaliações feitas – tabulações, escritas, produções.

Para descrição e análise da etapa de construção e metodologia, outros itens foram definidos. Os projetos foram colocados em ordem cronológica, com nome e principal órgão financiador.

As informações contidas, foram agrupadas em três áreas: 1. Capacitação e formação continuada; 2. Sensibilização e mobilização social; 3. Participação em encontros de juventude.

Para cada área foram levantadas as atividades, o público participante, número de pessoas e/ou “tribos” envolvidas.

d) Círculo de Partilha (*Sharing Circle*)

O círculo de partilha ou círculo do consenso seja talvez o método de pesquisa original Indígena. Todo mundo é considerado como parte do círculo. Não existe um único ser melhor, maior, ou mais eminente, que qualquer outro. (CHISAN, 2001, p.25).²

² Tradução nossa. No original: “The sharing circle or consensus circle is perhaps the original Indigenous research method. Everybody was considered as part of the circle. No single being was better, greater, or more eminent, or such to any other”.

A técnica privilegiada para escuta dos depoimentos na pesquisa com os participantes dos ETJs foi o Círculo de Partilha, que tem como principal objetivo “criar um ambiente seguro para as pessoas partilharem suas visões e experiências com outras”. (Guidelines for Talking Circles, 1990 apud HART, 2003, p. 61). Além de “iniciar um processo de healing, promover entendimento e compreensão, gerar contentamento e crescimento junto em grupos”. (STEVENSON, 1999 apud HART, 2003, p. 61).

A tradicional prática do *Sharing Circle*, sempre foi utilizada nos ETJs e esteve muito presente durante a residência social no BQFNC, onde tive oportunidade de participar da primeira semana do curso de mestrado em *Social Work*, no *BlueQuills*, além de participar de outras partilhas em aulas de outros cursos, encontros de mulheres, reuniões do *Staff* da Escola, evento *Art Camp*. Entre as leituras realizadas, tive a oportunidade de pesquisar em dissertações de mestrado e teses de doutorado, nas Universidades de Alberta, Canadá e San Diego, EUA, pesquisas realizadas por mestres e doutores indígenas da etnia Cree.

Essa prática milenar, o *Sharing Circle*, está relacionada a abordagens aborígenes de ajuda, que atua em três aspectos: emocional, mental e espiritual.

O *healing* é um dos fundamentos desta abordagem. Esse conceito não é só visto como um processo de cura, recuperação de doença ou problema, trata-se de uma jornada, algo que as pessoas podem praticar diariamente ao longo de suas vida (ROSS, 1996, p. 49). Trata-se de um amplo processo que “restaura a pessoa, comunidade, a nação para a inteireza, conexão e equilíbrio”. (REGNIER, 1994, p. 135).

Na nossa pesquisa, foram respeitadas as regras tradicionais, adaptadas por povos indígenas norte-americanos, que apresentam importantes características e conceitos para intervenções no campo social.

O círculo representa igualdade e interconexão, ambiente seguro em que todos têm o direito de falar da sua experiência pessoal. Uma dinâmica que estimula os integrantes a falarem com o coração, além de estar pautada no respeito ao diferente através da escuta do outro. As falas são guiadas por questões colocadas na roda, cada um escuta os outros e fala de si mesmo.

Uma das orientações seguidas é guardar o sigilo a respeito das histórias das pessoas e não tecer considerações positivas, nem negativas a respeito das falas dos outros.

A Programação das Partilhas

A programação dos dois encontros seguiu uma mesma seqüência de: 1) acolhimento das pessoas; 2) harmonização; 3) abertura; 4) rodas de fala sobre questões; 5) lanche; 6) encerramento. Antes da partilha, a pesquisadora que conduziu o processo grupal dava uma explicação sobre a partilha e fazia um contrato de convivência com o grupo de acordo com os princípios a serem seguidos: quem tem o bastão na mão tem o poder da fala que deve ser respeitado por todos; a fala deve expressar o coração; a escuta com respeito às diferenças, sem interrupções, nem conversas paralelas. Antes de cada roda de falas, as questões eram lidas, discutidas com o grupo quanto ao seu significado e propósito, sendo tiradas dúvidas e deixado quatro cópias afixadas no chão, para facilitar o processo.

Questões Trabalhadas nas Partilhas

O primeiro círculo teve a finalidade de ainhamento e integração entre os participantes, com o objetivo de trabalhar três perguntas: Como você está se sentindo? Qual o impacto quando recebeu o convite? Qual a sua expectativa?

O segundo círculo tinha o objetivo de saber de que forma os ETJs contribuíram no processo de desenvolvimento e crescimento pessoal, social e profissional dos participantes.

No terceiro círculo, para entender os desafios, duas questões foram colocadas para a reflexão do grupo: quais os conflitos, dificuldades e desafios que você vivenciou ou observou no grupo, durante os ETJs? O que foi feito ou poderia ter sido feito para superar?

O quarto e último círculo tinha o objetivo de perceber a visão de futuro dos participantes, tratando das questões: e agora? Como prosseguir? Qual a sua idéia, sugestão e desejo para o nosso ETJ? Daqui pra frente, qual a nossa bandeira, o nosso foco?

Uma breve idéia do contexto no qual se realizaram os encontros: Partilhas com dois grupos

Primeira Partilha

No primeiro encontro, realizado em uma barraca de praia, na Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha, foram feitos três intervalos, após o término das três primeiras rodas. Nesses intervalos, foram passados dois filmes precedendo as rodas de fala. As primeiras duas rodas duraram cerca de uma hora, pois o grupo inicial era de vinte e sete participantes. Ao final, permaneceram doze integrantes, que participaram de um *awê* Pataxó³, ao redor de uma fogueira. A preparação e organização do ritual, assim como da partilha, foi feita conjuntamente com duas lideranças Pataxó, da ASPECTUR e Escola. Além de reunir-me com um membro da associação, estive na Reserva Pataxó da Jaqueira para preservação ambiental e afirmação cultural no dia da partilha realizando um alinhamento espiritual e planejamento do encontro.

Segunda Partilha

O segundo encontro para realização de Círculo de Partilha, na UFBA, foi mais rápido, pelo número reduzido de pessoas. Passamos um filme após a primeira questão e fizemos o lanche ao final. Foi criado um ambiente acolhedor, feita uma aclimatação em uma sala de aula, com símbolos, flores, maracás e incenso, reverenciando os nossos ancestrais indígenas e africanos.

³ Ritual Pataxó com canto e dança em que se pisa no chão, agradecendo e pedindo forças.

Uma outra dimensão da partilha: Cerimônia Ritual para harmonizar as pessoas e o ambiente

As partilhas que deram origem ao trabalho de campo obedeceram uma dinâmica de coerência com a Práxis ETJ. Escolhi esse caminho por considerá-lo correspondente à natureza do própria prática das Tribos Jovens.

Durante a harmonização, compartilhei com os grupos, além de orações de agradecimento, pedido de ajuda e proteção, o protocolo ritual do *smudge* aprendido com o povo aborígine Cree: “Queimar ervas da medicina tradicional é um sinal de profunda espiritualidade nas práticas dos povos nativos.” (NATIVE SPIRITUALITY GUIDE, 1993, p. 5).

Apreendi que a fumaça, por vir do fogo, estabelece contato entre os planos material e espiritual, possibilitando comunicação com nossos ancestrais. Queimar ervas sagradas, celebrando rituais, significa além de limpeza e purificação, uma reverência aos nossos ancestrais indígenas e africanos. Utilizei uma concha trazida do Canadá para esta finalidade e salvia, erva mais utilizada pelas mulheres.

No BQFNC, o *smudge*⁴ era uma prática individual e coletiva, ao iniciar o dia, antes de aulas e reuniões da equipe, preparação para as cerimônias. O significado aprendido vai além do ato de acender um incenso para melhorar o astral de um ambiente. O ato é um convite, um pedido de ajuda e permissão dos ancestrais.

e) Os Instrumentos: Guia e roteiros utilizados para o trabalho de coleta de dados

Foi elaborado um guia (vide apêndice C) para uso das técnicas do processo de pesquisa, uma bússola norteadora da operacionalização das questões a serem trabalhadas no Círculo de Partilhas, análise documental, análise dos depoimentos e tessitura dos conceitos estruturantes, em consonância com o nosso problema, pressupostos e objetivos específicos.

⁴ O *smudge* é um protocolo que possibilita uma atenção maior no momento presente: olhos para ver as coisas boas e belas da vida e aproveitar as oportunidades; ouvido para escutar atentamente, sem interferência nem interrupção; abertura do coração, permitindo que ele fale; boca para proferir palavras doces e gentis (*kindness*); atenção para não ferir ninguém com palavras, na forma de falar; saúde física, mental e emocional.

Apesar de ter elaborado um roteiro para entrevistas com base no mesmo guia, optei por não realizá-las ante a constatação de os depoimentos colhidos durante a partilha terem sido ricos e responderem às perguntas que constariam nas entrevistas com os mesmos sujeitos participantes.

O guia orientou um roteiro (vide apêndice D) que foi entregue a cada sujeito participante, contendo a programação da Partilha e sua finalidade: contribuir com o trabalho de pesquisa sobre a experiência do Encontro das Tribos Jovens (ETJ), através de um processo de Partilha.

f) Análise dos dados

O caminho trilhado, as análises feitas, assim como algumas conclusões a que chegamos foi fruto de um estudo que se apropriou de conhecimento por meio do círculo compreensão-interpretação-nova compreensão (MASINI, 1991, p. 63).

A partir da leitura dos diferentes depoimentos, foram revistos os conceitos para a análise dos dados, a partir dos quais foram construídos argumentos apoiados em conceitos estruturantes organizados em categorias de análise, sempre em busca de resposta para a questão da pesquisa.

Após a Partilha, foram realizados encontros individuais com cinco dos sujeitos participantes dos Círculos de Partilha: Professor Pataxó 1, Professor Pataxó 2, Liderança Pataxó/Educador Ambiental, Educadora Comunitária e Professor Universitário. Esse processo permitiu que alguns dos sujeitos-participantes, além de legitimarem os resultados, refletissem sobre os pontos de referência mais significativos do processo de análise, participando da identificação de unidades significativas e articulação dos discursos, com chaves de compreensão.

A construção do argumento foi fruto da articulação teoria/prática, numa reflexão entre conceitos teóricos e pesquisa de campo. Dessa forma, os conceitos estruturantes foram iluminando reflexões e gerando uma contribuição ao debate em curso a respeito das questões de que se tratam, visando oferecer possíveis contribuições a um processo de intervenção, no qual o conhecimento ampliado possibilitará a proposição de mudanças – num outro momento do trabalho.

4 PARA UMA CARACTERIZAÇÃO DA PRÁXIS ETJ: CAMINHOS E REFERÊNCIAS

A caracterização da Práxis foi realizada a partir de determinadas categorias de análise redefinidas no decorrer da leitura dos depoimentos.

A metodologia escolhida para caracterizar a práxis ETJ consta de análise documental, revisão da literatura específica e análise sobre o trabalho de campo realizado para levantamento de depoimentos com os sujeitos participantes a partir de suas falas em todo o processo da pesquisa.

A análise documental foi feita a partir de esquemas preestabelecidos para a organização dos dados coletados no acervo do ITJ, um referente à realização dos ETJs e outro relativo aos projetos e relatórios oriundos dos ETJs, que constituem informações extraídas de depoimentos, material pedagógico produzido no decurso dos ETJs e resultados de avaliações feitas nos sete eventos, anos de 1998 a 2004.

Estas análises também possibilitaram a reconstrução do histórico dos eventos ETJs, dos projetos, da constituição do ITJ e da minha trajetória como gestora social.

A revisão da literatura específica consta de levantamento de conceitos teóricos que constituem as categorias analíticas através das quais os dados de pesquisa são organizados.

O terceiro aspecto da metodologia escolhida é o levantamento dos dados que constam das falas dos participantes durante os *Círculos de Partilhas*. Estas falas foram sistematizadas a partir de categorias analíticas consideradas conceitos estruturantes da análise de dados da pesquisa de campo.

No processo de análise documental e das falas dos sujeitos participantes, no decorrer das partilhas, uma das técnicas utilizadas para levantamento dos dados de campo em seus aspectos mais relevantes foi a prática milenar denominada *Círculo de Partilha* (em inglês, *Sharing Circle*).

No decurso da sistematização, foi-se observando características que correspondem às categorias que se identificam a certos valores e visão de mundo; democracia e cidadania; emoções, sentimentos e expectativas; ancestralidade; interação consigo mesmo, com os outros, com a família, escola e comunidade; convivência com as diferenças; identidade étnico-cultural; auto-estima; pertencimento. São aqui considerados valores igualmente importantes a relação com a natureza, com o trabalho, com a espiritualidade e certas dimensões do sagrado. Estas dimensões se articulam através de processos de gestão social que os integram, sem perder de vista a existência de conflitos no exercício da Práxis, desafios e dificuldades. Todos estes aspectos constituíram os alicerces de minha relação com a universidade no campo da gestão social.

Portanto, esta caracterização que se articula com valores, visões de mundo, sentimentos, processos identitários, desenvolvimento pessoal e social de adolescentes e jovens, consta de depoimentos de participantes, seguidos de análise de conteúdos organizados através de certos conceitos estruturantes já referidos.

Processos de Construção de Identidades

Essa identidade, que é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social etc. Estes elementos não precisam estar concomitantemente reunidos para deflagrar o processo, [...] (MUNANGA, 2006, p. 14)

A identidade está ligada a sistemas de representação e tem estreitas conexões com relações de poder.

Vivemos uma realidade em constante mutação e extremamente rica na sua diversidade, tal qual nós humanos, seres diversos, completos e inacabados, pois como afirma Stuart Hall, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando

em diferentes direções, de tal modo que essas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (2005, p.13).

Vidas em novos tempos, onde as relações entre os indivíduos e as suas “tribos” (grupos sociais) se renovam, num intenso fluxo de comunicações e conhecimentos, no qual vivenciamos o todo numa perspectiva de rede.

“A identidade cultural se constrói com base na tomada da consciência das diferenças provenientes das particularidades históricas e culturais, religiosas, sociais [...]”. (MUNANGA, 2004. p. 32)”. Para falar sobre a identidade de uma cultura, precisamos definir a qual grupo étnico estamos nos referindo, onde ele está localizado e qual o seu tempo.

O povo Pataxó que vive no Extremo Sul da Bahia e que integra esta experiência apresenta as seguintes características:

- São integrantes do tronco lingüístico Macro-Jê;
- Ocupavam tradicionalmente a região do sul da Bahia, norte do Espírito Santo e Nordeste de Minas Gerais;
- Os Pataxó e outras etnias resistiram desde a chegada dos colonizadores;
- Em 1861, por decisão do Governo, os indígenas remanescentes de guerras, epidemias e do sistema escravista, foram deportados para o Bom Jardim, atual Aldeia de Barra Velha, conhecida como Aldeia Mãe, perto do Monte Pascoal, onde permaneceram esquecidos por mais de 100 anos;
- Após um massacre ocorrido em Barra Velha, em 1951, com mortes, violência sexual de mulheres, casas incendiadas e outras barbaridades; muitos foram escravizados, outros migraram para cidades circunvizinhas e também se marginalizaram;
- Só em 1960 os Pataxó retornam para a Aldeia Mãe;

- Hoje são vinte e três aldeias, e aproximadamente dezoito mil indígenas, na região do Extremo Sul da Bahia, envolvendo Porto Seguro, Santa Cruz Cabralia e Belmonte.⁵

A Práxis ETJ

A experiência que configurou a Práxis ETJ pode ser definida como um conjunto de práticas sócio-culturais características de dado grupo, que são construídas tendo como base valores, princípios e teorias, que norteiam a capacidade criativa e potencial do grupo.

Essa experiência vem sendo ressignificada ao longo de sua duração. Foi preciso vivenciá-la e refletir sobre ela, hoje, depois de mais de 10 anos de trabalho, é mais fácil fazer esta reflexão.

Konder diz que “A práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos”. (1992, p.115). Utilizaremos este conceito enquanto suporte para relacionar as falas e uma tentativa de aproximação de certos conceitos.

A partir do nosso entendimento de práxis, em relação aos ETJs, ilustrado pelos sujeitos participantes que nos ajudam a conceituar a realidade da pesquisa e autores, vamos iniciar a análise dos dados. Antes, contudo, gostaria de compartilhar que as categorias de análise pré-estabelecidas se entrelaçam, sobretudo quando se trata de valores, sentimentos, visões de mundo que se evidenciam nos depoimentos. Vamos tentar lidar com este desafio.

⁵ Informações retiradas do Caderno Especial Aldeias Indígenas do Programa Pataxó de Etnoturismo escrito pelo Instituto Tribos Jovens em colaboração com o Instituto Cultural Cidade Viva, com apoio do SEBRAE. Disponível em <http://www.costadodescobrimento.com.br/site/cad_esp/pataxo/pataxo.html>. Acesso em 31 ago 2009.

5 ANÁLISE DOS DADOS POR CATEGORIAS DEFINIDAS A PARTIR DOS DEPOIMENTOS DOS SUJEITOS PARTICIPANTES

Nesta perspectiva, a caracterização da Práxis ETJ, a partir dos dados coletados na pesquisa, será organizada por conceitos, expressões, de sentimentos, visões de mundo, explicitação de processos de mudança pessoal, social e profissional.

5.1 SENTIMENTOS EXPRESSOS A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO NA PARTILHA E NOS PROCESSOS PROPICIADOS PELA PRÁXIS

Os sentimentos mencionados nas partilhas, ocasião de reencontro do grupo de pessoas que estiveram juntas em diversos momentos da Práxis ETJ, foram de: felicidade, emoção, alegria, preenchimento, felicidade, honra, silêncio, bem estar, falta, agradecimento. Alguns mencionaram também o impacto de susto em reviver o passado, de surpresa, de abalo, de sentir-se perdida e de querer participar, desta vez, como pessoa.

Os sentimentos e as expectativas provocadas ante o convite recebido para participar de uma partilha sobre o ETJ sinalizam o significado positivo da Práxis ETJ para essas pessoas, que se mostraram motivadas e entusiasmadas por estarem ali, pelo momento de ouvir o outro, com "vontade de retomar ações conjuntas, de começar de novo". O reconhecimento da importância do que vivenciaram e aprenderam e das oportunidades geradas a partir da experiência e do que foi repassado e multiplicado foi muito marcante nas falas.

Depoimento de liderança Educador Pataxó, ambiental. Partilha de 2009	“Agradecer ao povo que está nesta corrente; que é força e laço que ensina pessoas; que busca reconhecimento, vontade para desenvolver a sua voz, trabalhar com grupos diferentes.”
---	--

Este agradecimento nos faz lembrar Gadotti, ao definir educação multicultural, como “acesso a um conjunto de conhecimentos e habilidades básicas que permitam a cada um desenvolver-se plenamente, levando em conta o que é próprio de cada cultura.” (GADOTTI, 1992, p. 21).

Cabe salientar que o momento da partilha constituiu-se como mais uma das vivências oportunizadas pela Práxis ETJ, que segue as regras de uma educação diferenciada, defendida por Gadotti, de pluralismo, respeito mútuo à cultura de cada um. Nas partilhas ocorreu abertura de espaços para todos se expressarem, tendo como valor básico a democracia. Uma vivência de um multiculturalismo pluralista que “avaliza diferenças grupais em termos culturais e concede direitos de grupos distintos a diferentes comunidades dentro de uma ordem política comunitária ou mais comum.” (HALL, 2003, p.51).

A minha responsabilidade nessa vivência foi dupla, de pesquisadora e de gestora social, ao levantar expectativas, emoções e sentimentos que deverão ser processados, mesmo depois da conclusão desta dissertação. Foi dito que o trabalho precisava ser “descongelado” e que “nunca mais deveria parar” nem “deixar raiz morrer”. O espaço de quatro anos sem a realização de eventos significou para um dos sujeitos, “anos cruéis”, que não deveriam se repetir. O que traz um significado de sofrimento gerado pela falta de contato com o grupo, com atividades, eventos e os processos oportunizados pela Práxis ETJ.

Foram percebidos também sinais de dúvidas sobre a continuidade dos eventos ETJs e de ansiedade em “começar logo” e “sair com novas datas”.

O momento da partilha, que possibilitou o reencontro desse grupo de pessoas, foi percebido como um “momento crucial”, uma “nova semente”, uma “oportunidade de continuar o trabalho”, de “dar para outros jovens uma oportunidade de convivência”, de “aprender e passar”, com “pessoas novas e diferentes”; de “multiplicar ainda mais transformando”. Estava nas mãos daquele grupo a responsabilidade de “fortalecer e ampliar o número de pessoas”, de “incentivar

outros a participar”, “de retomar redes com a energia renovada”, de “dar forma coletiva ao encontro”, de “ser melhor”. O que traz elementos de afetividade, dimensiona como as aprendizagens se dão e são ampliadas, multiplicadas e disseminadas em outros espaços, criados pela própria metodologia e espaços de convivência dos participantes, sua vizinhança, bairro, escolas, comunidades e aldeias.

5.2 APRENDIZAGENS, OPORTUNIDADES DE AQUISIÇÃO, TROCA E PASSAGEM DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS

<p>Depoimento de estudante adolescente. de 2009</p> <p>de Pataxó, Partilha</p>	<p>“No ETJ, tive muitos conhecimentos. Uma vez teve um teatro sobre a AIDS. Muitos meninos vieram animados, nós fizemos um teatro indígena. No final do ano, a gente pegou e fez um teatro quase parecido com o de lá. Então foi o conhecimento que a gente teve lá e a gente pôde passar para outros colegas aqui dentro da Aldeia.”</p>
--	---

O processo de aprendizagem mencionado foi relativo a conhecimentos aprendidos sobre HIV e Aids, de como prevenir o contágio, como se proteger do vírus, através de uma peça de teatro: “Com Arte, sem Aids”, seguida de debate, apresentada por um grupo de adolescentes e jovens do Centro de Referência Integral do Adolescente (CRIA). Alguns adolescentes Pataxó de Coroa Vermelha, ao voltarem para a sua escola indígena, na aldeia, criaram uma peça para passar o que haviam aprendido para outros colegas.

Esta iniciativa própria dos adolescentes demonstra uma participação ativa no seu contexto escolar e sócio-comunitário, conceituada pelo Professor Antônio Carlos Gomes da Costa, como Protagonismo Juvenil:

O protagonismo é uma forma de ajudar o adolescente a construir a sua autonomia, através da geração de espaços e situações propiciadoras da sua participação criativa, construtiva e solidária na solução de problemas reais, como já dissemos, na escola, na comunidade e na vida social mais ampla. (DA COSTA, 2009b).

A práxis ETJ sempre buscou mostrar a realidade, os problemas sociais na sociedade contemporânea inclusive com a mudança de século, trabalhando, por

meio da arte-educação, conteúdos nas áreas de saúde sexual reprodutiva, direitos humanos e cidadania e meio ambiente, buscando a paz e estimulando o protagonismo juvenil.

A arte-educação é fundamental na formação cidadã de crianças e adolescentes porque possibilita o relacionamento de forma criativa com a realidade cotidiana e também é uma importante ferramenta de reinserção social de jovens excluídos. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA, 2009).

As questões de passagem de conhecimento e da experiência foram muito marcantes, aliadas às oportunidades de assumir papéis e novas responsabilidades na Práxis – o que tem relação direta com os processos de desenvolvimento pessoal e social.

A participação é a atividade mais claramente ontocriadora, ou seja, formadora do ser humano, tanto do ponto de vista pessoal como social. Educar para a participação é criar espaços para que o educando possa empreender, ele próprio, a construção do seu ser. Aqui, mais uma vez, as práticas e vivências são o melhor caminho, já que a docência dificilmente dará conta das múltiplas dimensões envolvidas no ato de participar.” (DA COSTA, 2009a).

Isso é reconhecido por um dos professores da escola, que ensina o idioma Pataxó, quando, durante a Partilha, nos faz um apelo para darmos mais “oportunidades para mais jovens da comunidade Pataxó de Coroa Vermelha, para ter a mesma que eu tive”.

5.3 PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DE ADOLESCENTES E JOVENS ENVOLVIDOS NA PRÁXIS ETJ

Para analisar os processos de desenvolvimento pessoal e social a seguir, partiremos do ponto de vista de duas autoras educadoras que os definem como “... crescimento na direção da melhoria da qualidade das relações consigo mesmo, com o outro, com os grupos dos quais participa e com a natureza. (SERRÃO; BALEEIRO, 1999, p. 13). Em suas trajetórias profissionais de atuação com adolescentes e jovens foram precursoras do movimento do protagonismo juvenil no estado da Bahia, como pudemos observar durante a convivência oportunizada pelos ETJs.

5.3.1 Aprender a Ser, na construção de Delors

O desenvolvimento tem por objetivo a realização completa do homem, em volta da sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos. (DELORS, 1996, p.101).

Sob a luz dos princípios de Delors de “aprender a ser e a conviver” (2009), trataremos de aspectos relacionados a processos identitários, auto-estima, autoconfiança, crescimento e amadurecimento através da análise dos discursos de dois professores Pataxó da Escola indígena da Aldeia de Coroa Vermelha.

O Professor de cultura Pataxó e pesquisador, que na Práxis ETJ foi participante, multiplicador e mobilizador, inicia a partilha falando:

Depoimento de Professor Pataxó 1 dado na Partilha de 2009	“Vocês já ouviram falar de mim!”
--	----------------------------------

Esta fala evidencia que existe um reconhecimento pela comunidade da importância de seu papel, além de ser uma expressão da sua auto-estima, autoconfiança e o orgulho de si-mesmo.

Complementa o Professor Pataxó,

Depoimento de Professor Pataxó 1 dado na Partilha de 2009	“Em noventa e oito, nós também tava começando a Jaqueira e era um grupo na maioria de jovens. Nós também éramos um grupo sem experiência de lidar muito com alunos das escolas vizinha. Nós tínhamos que lidar com essas pessoas. O Encontro das Tribos nos ajudou muito porque lá também tinha muitos jovens. Às vezes, era um círculo como este, a gente tinha que se expressar. Para mim era muito difícil, pois eu era muito tímido, ainda sou. Aos poucos fui participando, gostando e falando, se expressando, aí fui cada vez mais me soltando.”
--	---

Observa-se uma relação entre o que foi vivenciado na Práxis e o seu caminho profissional, coordenando grupos de visitantes na Reserva Pataxó da Jaqueira, realizando trabalho de pesquisa sobre a cultura Pataxó e ensinando na escola Indígena da Aldeia de Coroa Vermelha.

Na fala do Professor Pataxó, percebe-se o seu processo de “Aprender a Ser”, através do qual reconhecemos quem somos, ao descobrir habilidades, talentos, qualidades e o nosso propósito de existir. Neste processo, passamos a validar a nossa existência por meio de contribuições à sociedade a que pertencemos e das organizações com as quais nos relacionamos.

5.3.2 Desenvolvimento de Habilidades de Gestão e Preservação Ambiental

<p>Depoimento de Professor Pataxó 1 dado na Partilha de 2009</p>	<p>“A cada encontro que vinha era uma expectativa de chegar para estar participando. Logo de início eu ia de participante, logo depois acabava assumindo umas coisas. Já passei a monitorar algumas oficinas. Assim a gente foi pegando esta experiência para aplicar na própria Jaqueira, com os estudantes que vinham. Cada encontro era cada vez mais rico de conhecimento, de se soltar mais.”</p>
---	--

Dando continuidade à sua narrativa, o Professor Pataxó fala sobre um histórico da Reserva da Jaqueira, espaço que foi edificado por jovens em 1998, buscando uma alternativa econômica relacionada ao turismo, com finalidade à preservação ambiental e à afirmação cultural. Ele também menciona que as experiências de falar em público, de se expressar em rodas com outros jovens e de coordenar atividades, ajudou-o no seu processo de desenvolvimento pessoal e profissional.

Um dos objetivos da Reserva da Jaqueira é a preservação da diversidade cultural e biológica, considerando os ecossistemas, assegurando as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender às necessidades de gerações futuras. O que atesta o grau da responsabilidade indígena na preservação da natureza, bem mais precioso para a sobrevivência de qualquer ser vivo, em consonância com alguns princípios da Carta da Terra:

I. Respeitar e cuidar da comunidade de Vida [...] II Integridade Ecológica: 5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da terra, com especial preocupação pela diversidade

biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida. (CARTA DA TERRA, 2009)

O trabalho de Ecoturismo, afirmação cultural e preservação ambiental da Reserva Pataxó da Jaqueira (ASPECTUR – Associação Pataxó de Ecoturismo) tornou-se referência nacional e internacional, possibilitando o sustento de mais de 30 (trinta) famílias indígenas, graças ao pioneirismo de um grupo de jovens, que foi apoiado pelas lideranças da comunidade e entidades parceiras, e com muito esforço e dedicação conseguiram legitimar o seu trabalho.

No campo da capacitação para o trabalho, o protagonismo propicia ao jovem, através de práticas e vivências estruturantes, o desenvolvimento de habilidades como a auto-gestão, hetero-gestão e co-gestão, ou seja, ele aprende a lidar melhor com as suas potencialidades e limitações (gerir a si mesmo), a coordenar o trabalho de outras pessoas (atuar sobre a atuação dos outros) e a agir conjuntamente com outros adolescentes e adultos na consecução de objetivos comuns (trabalho em equipe). (DA COSTA, 2009b)

5.3.3 Gestão e Processo Participativo

As aprendizagens de gestão dos jovens envolvidos se deram a partir de um processo participativo, que se aproxima da auto-gestão. Aquele que executa (coordenadores, educadores e mobilizadores) é o mesmo que planeja e decide, ou mesmo, a incorporação de todos envolvidos no evento ETJ (produção e programação) no planejamento e em alguns níveis decisórios. (MOURA, 2004, p. 03).

Uma Oficineira do ETJ, artesã, confirma o desenvolvimento de habilidades de gestão de jovens indígenas:

<p>Depoimento de Educadora ETJ dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Os índios que estiveram conosco estão mais conscientizados, cientes da importância de organizar a estrutura, as lideranças desse grupo levam para o resto da vida esse profissionalismo, o que fortalece a vida dele, a experiência para se inserirem no contexto que eles têm que assumir.”</p>
--	--

Importante salientar que trata-se de uma aprendizagem de mão dupla, como afirma um jovem mobilizador egresso da Práxis ETJ, oriundo de uma comunidade de Salvador, Alto das Pombas:

Depoimento de Educador Comunitário dado na Partilha de 2009	“O crescimento das relações com os índios e a discussão étnica fortaleceu meu conhecimento, aprendi modelos de liderança, aprendi muito lá.”
--	--

Além de termos um componente cultural forte, estamos lidando com uma realidade de organizações da sociedade civil, que conta com uma reduzida equipe de pessoas remuneradas, recursos escassos, prazos curtos, cobranças de várias ordens (escolas, instituições financeiras, etc) e metas quixotescas, como lembra um multiplicador egresso da Práxis:

Depoimento de Agente Indígena de Saúde (AIS) dado na Partilha de 2009	“Sempre trabalhamos com organização. I. ⁶ foi além da supervisão dos eventos, ela tinha que estar em várias partes, ela tinha que se dividir em várias I. ⁷ Em algum momento, infelizmente, eu não sei pelo percurso da história, ela não teve como fazer essa divisão de tarefas”
--	--

O contexto de construção da práxis Tribos Jovens é muito comum no campo social, onde se lida com poucos recursos financeiros, as pessoas que trabalham se sentem sobrecarregadas, desempenham vários papéis. Muitas vezes a presença de um grande número de voluntários traz novos desafios.

5.3.4 Gestão e Planejamento

Depoimento de jovem Mobilizador egresso dado na Partilha de 2009	“Em todos os momentos eu passei dentro do ETJ, foram muitas dificuldades, muitos planejamentos, muita coisa que aprendi.”
---	---

A gestão das organizações de interesse social requer fluidez, agilidade e inovação, num campo muito dinâmico. Isto exige o uso das ferramentas de

⁶ Optamos por suprimir o nome citado em respeito à privacidade das pessoas.

⁷ Optamos por suprimir o nome citado em respeito à privacidade das pessoas.

planejamento – tático, operacional, estratégico, de mobilização de recursos e a forma participativa de fazê-lo.

O processo de planejamento precisa envolver o mapeamento de necessidades e o delineamento de estratégias conseqüentes para desenvolver planos que permitam gerir recursos materiais e humanos escassos, comunicando e difundindo resultados, construindo uma imagem organizacional positiva, avaliando processos, resultados, regulando ações, enfim, prestando contas à sociedade para o alcance da legitimidade das instituições na gestão social.

O uso do planejamento, mobilização de recursos, avaliação e sistemas de suporte e decisão, como estratégias do desenvolvimento e requalificação territorial, para com os desafios desta área podem ser associados com a aplicação de outras ferramentas oriundas das “Metodologias não Convencionais em Gestão Social” (GIANNELLA, 2007), e de outras estratégias de desenvolvimento.

5.3.5 Gestão com Pessoas e Oportunidades de Crescer

Voltando aos nossos desafios, além dos relativos à gestão organizacional, questões da liderança, planejamento, captação de recursos, comunicação institucional, temos também os provenientes da gestão com pessoas, que envolvem, além das emoções, as “ vaidades pessoais”, os “estrelismos”, a questão dos marcos pedagógicos, de definição de “motes”⁸.

Para conviver com todos estes desafios e superá-los foi preciso criatividade e espírito de coletividade, fruto de um trabalho participativo e da afetividade do grupo, como afirma o Professor Pataxó:

<p>Depoimento de Professor Pataxó 2 dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Dentro de um conjunto, onde há trabalho coletivo, sempre as coisas caminham bem. Sempre há facilidade de maneira a encontrar algo para poder dar suporte no trabalho. Tinham as pessoas que você procurava para lhe ajudar a trabalhar melhor nesses grupos. É uma forma do trabalho dar certo desta maneira. Foi isso que observei, eu sou A⁹ e falei “</p>
---	---

⁸ Mote: Ponto de partida para o desenvolvimento do projeto pedagógico.

⁹ Optamos por suprimir o nome citado em respeito à privacidade das pessoas.

Tratando do indivíduo na organização, Boff aponta para cuidados que podem ser expressos de várias formas: integração, afetividade, confiança, suavidade, descanso, respiração, arte, arte-educação, avaliação e revisão. Todos esses cuidados nos ajudam a lidar com emoções de stress, ansiedade, agonia, criatividade, loucura, controle e rigidez.

Depoimento de Agente Indígena de Saúde (AIS) dado na Partilha de 2009	“O que a gente tira de bom disso tudo, criou-se amizades mesmo. Podemos dizer que somos família, que somos irmãos. Eu sempre falo que nem sempre um irmão é amigo, mas um amigo pode ser é irmão. É como a gente se sente.”
--	---

5.3.6 O Sentido do Reconhecimento para o Jovem e Desenvolvimento Pessoal

[...] dificilmente se pode negar que reconhecimento muda comportamento. O que é reconhecer? Reconhecer alguma coisa é significá-la, ou seja, é assumir diante dela uma atitude de não indiferença, é atribuir um valor positivo ou negativo na nossa vida, resultando daí uma atitude básica de atração ou de rejeição pelo objeto de nossa significação (DA COSTA, 2009b)

Para compreendermos a relação entre reconhecimento e desenvolvimento pessoal na história relatada pelo Professor de Cultura Pataxó, podemos rever sua atuação articulada ao pensamento do autor Antônio Carlos Gomes da Costa.

Segundo o histórico do Professor Pataxó 2 em apreço, até o ano 2000 (II, III e IV ETJ) ele foi participante. Na ocasião do primeiro projeto *Convivência Cidadã*, ele foi indicado pela Reserva Pataxó da Jaqueira, como um dos jovens para a formação continuada de multiplicadores, os Agentes Promotores de Saúde e Cidadania.

Na condição de multiplicador do V ETJ, ele realizou atividades de agente - multiplicador, participando do planejamento e apoiando as atividades do ETJ - oficina cultural na Reserva da Jaqueira, de intercâmbio e de partilha. Em 2002, já engajado em outro projeto, *Convivência Multicultural pela Paz* do ITJ, ele passou por uma nova formação de Agentes Mobilizadores e Promotores da Cidadania e atuou no VI ETJ como mobilizador, se destacando e assumindo maiores responsabilidades de coordenação e condução de atividades.

Além de participar de um trabalho educativo na sua comunidade, através de oficinas temáticas, ele, como multiplicador, realizava atividades na sua escola do

ensino médio e na sua comunidade Pataxó, passando conhecimentos e sensibilizando adolescentes para participarem dos ETJs.

Neste processo vivenciado no período da adolescência e juventude, Ihe foi atribuído um valor positivo - ser reconhecido como capaz, responsável e competente. O que possivelmente contribuiu com alguns passos do seu crescimento: vencer a timidez, gerando maior expressão; ganhar confiança com a experiência, ao assumir responsabilidades maiores.

5.3.7 Integração na Comunidade

<p>Depoimento de Professor Pataxó 2 dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Hoje já fazem dez anos desses encontros, da experiência dos ETJs mais a experiência da Jaqueira; eu mais A.¹⁰, nós começamos a participar mais de pesquisa em relação à nossa cultura, passamos a conhecer mais a comunidade. Isto ajudou muito para que surgisse o convite da escola indígena para a gente trabalhar com crianças, nesta questão cultural, música, dança e idioma, que nós estávamos engajado neste projeto de pesquisa. Na escola, a gente está até hoje.”</p>
---	---

Assim o Professor de Cultura Pataxó continua o seu relato, abordando a relação da Práxis ETJ com a educação indígena. O ser humano contribui com a cultura e a história do seu lugar quando passa a interferir, respeitando a natureza e as tradições de seus antepassados, através de interferências para se adaptar ao meio, gerando transformações, facilitando o viver em comunidade.

Existe em Coroa Vermelha uma Escola indígena, diferenciada, bilíngüe, mutilíngüe, comunitária e intercultural. Experiências desta natureza, segundo Gadotti, enfrentam o “desafio de manter o equilíbrio entre a cultura local e uma cultura universal, patrimônio hoje da humanidade... uma educação comunitária, valorizando as raízes locais da cultura, o cotidiano mais próximo”. (GADOTTI, 1992, p. 21).

À esta Escola corresponde a fala do Professor de Cultura Pataxó com a qual iniciamos a análise sobre educação e desenvolvimento na Práxis ETJ.

¹⁰ Optamos por suprimir o nome citado em respeito à privacidade das pessoas.

A Constituição de 1988 e a Resolução 03 da Câmara de Educação Básica (CEB), de novembro de 1999, instituíram uma educação escolar diferenciada, que respeita a diversidade cultural e lingüística.

5.3.8 O Envolvimento do Jovem Pataxó em Processos de Pesquisa e Resgate da Sabedoria dos mais Velhos das Aldeias

Aprender uma língua não é somente aprender palavras, mas também os seus significados culturais, e a forma como as pessoas do seu meio sócio-cultural entendem, interpretam e representam a realidade. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, a linguagem tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o ser humano se comunica, tem acesso à informação, expressa, e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. (SANTOS, 2005, p. 50.).

Segundo o Professor de Cultura Pataxó, ao qual nos referimos anteriormente, o trabalho de pesquisa da língua do seu povo se relaciona com o seu processo de desenvolvimento social, que teve como marco um convite para trabalhar na Escola Indígena da Aldeia de Coroa Vermelha.

É através da língua que se exprimem os pensamentos, as músicas, os sentimentos, a história, caracterizando a identidade de cada povo. A tradição oral faz a memória cultural circular, organizando a vida, as idéias, afirmando as riquezas de um povo, a sua cultura. Integrantes do grupo de Pesquisa Pataxó afirmam que a língua de um povo é seu espírito.

A partir do ano de 1998, foi iniciado um trabalho de pesquisa, de reconstituição da língua Pataxó, que se encontrava quase perdida. Os jovens guerreiros das aldeias vêm levando com muito afincamento esta luta, pois sabem que a língua de um povo é o seu bem mais precioso. O idioma "Patxôhã" significa "linguagem de guerreiro Pataxó".

Guerreiros como os Pataxó Matalawê, Naiara e Katão (Coroa Vermelha, Santa Cruz de Cabralia), Anari e Itajá (Aldeia Barra Velha, Porto Seguro) que iniciaram a coordenação deste trabalho de pesquisa, assim como aqueles que estão dando continuidade, os Professores indígenas Ajurú e Awói, que ensinam a língua na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha e a multiplica para as aldeias Pataxó

circunvizinhas, pois o propósito de resistência faz com que os educadores e as jovens lideranças não desistam.

Este trabalho pioneiro de resgate da memória dos “mais velhos”, incluindo o idioma, foi reconhecido pelo grupo de lideranças da aldeia, pela escola, com o apoio da direção e de alguns professores e comunidade de Coroa Vermelha e outras – Aldeia Velha, Barra Velha, Pé do Monte, Aldeia Pataxó Guarani (MG). Este trabalho conta com o apoio e a orientação da Professora América César, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Poucos são os apoios recebidos para a confecção de materiais escritos em *Patxôhã*, dificultando o trabalho de reconstrução lingüística que caminha por consciência dos professores indígenas. Trabalham além de sua carga horária dentro da escola, por compreender a necessidade política do resgate de sua língua e história. Saíram em campo ouvindo e gravando as histórias contadas pelos mais velhos que ainda falavam um pouco o idioma.

A garra dos professores indígenas fez com que fosse produzido o primeiro livro: *Raízes e Vivência do Povo Pataxó nas Escolas*, um convênio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC) e o governo do Estado da Bahia.

A Pesquisa, a Escola, o livro revitalizam a história Pataxó, fruto de pesquisa dos alunos junto aos anciãos indígenas, com seus saberes, suas tradições transmitidas pela oralidade.

5.3.9 Relação entre a Práxis ETJ, os “Mais Velhos” e a Pesquisa Pataxó

<p>Depoimento de Artesão Pataxó da Jaqueira dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Temos que respeitar o pessoal mais velho dentro de uma comunidade. Mas foi através também do ETJ que a gente tomou a questão da nossa língua. A gente foi buscar do pessoal mais velho, e esta coisa vem crescendo. Muitos mais velhos, a gente esquece, mas eu não. Quando temos encontros que vai dois da aldeia, buscamos contato com eles. Eles são um livro fechado. Sempre junto deles, começamos a conversar, vamos adquirindo coisas, vai abrindo aquele livro, pouco a pouco.”</p>
---	---

A Práxis ETJ sempre valorizou a presença e a sabedoria dos anciões da aldeia e o trabalho de pesquisa Pataxó, com abertura de espaços para compartilhar este valioso patrimônio com adolescentes, jovens e adultos de diferentes etnias. Nós reafirmamos esta valorização nos eventos ETJs e projetos de qualificação social e profissional nas aldeias indígenas, assim como outras ações de apoio às iniciativas já existentes de afirmação e difusão da cultura Pataxó.

Vale ressaltar que o intercâmbio promovido pelos ETJs possibilitou uma troca entre os Pataxó e os parentes Karirí-Xocó, Krenak e Guarani, estimulando a continuidade da sua luta e o aprofundamento do trabalho de pesquisa.

Outro fato importante foi a abertura de espaços de valorização da cultura Pataxó para um público participante de estudantes Pataxó de diversas escolas indígenas e para outras pessoas oriundas de diferentes etnias e grupos sociais, da região e de outros estados brasileiros presentes nos ETJs, através de apresentações culturais, celebrações e oficinas, com a presença dos “mais velhos” das Aldeias, pesquisadores, multiplicadores e mobilizadores na equipe de sustentação, que atuam desde a criação da programação, plano pedagógico até a execução de diversas atividades, com destaque para a *Jornada do Guerreiro*, onde temos compartilhado oficinas de pintura corporal, plantio de mudas e ervas, artesanato, arco e flecha, culinária, canto e dança e cerâmica Pataxó, com os seus significados e a sua forma de se relacionar com a natureza, a exemplo do respeito e a reverência com a *Mãe Terra*.

No ano de 2003, iniciamos um projeto de qualificação social e profissional, denominado *Geração de Ocupação e Renda nas Aldeias Indígenas*. A criação de um módulo de afirmação cultural para todos os cursos do projeto foi um resultado da primeira turma de *Formação de Instrutores Indígenas*. Este módulo que inclui conteúdos da pesquisa Pataxó é ministrado por instrutores indígenas - educadores, professores e integrantes do grupo de pesquisa Pataxó.

Ao longo dos anos, este projeto vem sendo aprimorado, avaliado e planejado de modo participativo com as comunidades indígenas envolvidas. O idioma *Patxôhã* vem sendo difundido, com carga horária de quarenta horas, através de um módulo específico, para alguns cursos, além do que já é trabalhado no módulo de afirmação cultural. O que possibilita a difusão do idioma para jovens e adultos da comunidade indígena, fora do espaço formal de educação, a escola.

Desde o ano de 2007, temos buscado financiamento para elaborar e publicar material específico bilingue para este Projeto pioneiro, que tornou-se uma importante linha de atuação do Instituto Tribos Jovens (ITJ), na área de educação .

No ano de 2008, a partir de um novo projeto, o *Etnoturismo Pataxó*, iniciamos a busca de apoio para o grupo de pesquisa Pataxó, objetivando publicar novos livros. Essa é uma batalha ainda não vencida para os parceiros - Instituto Tribos Jovens, Reserva Pataxó da Jaqueira e comunidades Pataxó de Coroa Vermelha, Aldeia Velha, Imbiriba e Barra Velha.

A luta do povo Pataxó, a qual somos solidários, reflete a luta dos povos indígenas em todo o Brasil: por terras, reconhecimento de suas culturas, direito à educação, saúde, cidadania, respeito, enfim, tudo aquilo que deveriam ser direitos inalienáveis de cada ser humano.

5.4 DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL: ABERTURA DE NOVOS CAMINHOS E VALORIZAÇÃO DE OPORTUNIDADES

Uma liderança Pataxó da Reserva da Jaqueira que na Práxis foi participante, adolescente multiplicador e mobilizador, refere-se ao seu crescimento profissional:

<p>Depoimento de Liderança Pataxó da Reserva da Jaqueira dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Da parte profissional, eu vejo, lembro até hoje da oficina que teve, lá no Barrapoint, que de certa forma me pegou assim despreparado. Eu tava lá aí disseram J.¹¹, você e K.¹² vão fazer parte de uma oficina e vocês vão ter que organizar e administrar a oficina, aquilo ali foi um impacto, pois até o momento eu nunca tinha feito uma coisa assim, de responsabilidade, daquela responsabilidade de mostrar para as pessoas aquilo que eu estava fazendo.”</p>
--	---

O que se percebe na fala é que a Práxis ETJ oportuniza o crescimento da pessoa a partir da responsabilidade profissional que lhe é confiada. As oportunidades estrategicamente planejadas nos projetos e evento foram sendo aprimorados. Outras aprendizagens também se deram por falhas de planejamento

¹¹ Optamos por suprimir o nome citado em respeito à privacidade das pessoas.

¹² Optamos por suprimir o nome citado em respeito à privacidade das pessoas.

ou falta de recursos, como traz um outro Professor da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, também pesquisador, que vem atuando na práxis como participante, multiplicador, mobilizador:

<p>Depoimento de Professor Pataxó 2 dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Eu era participante, meio quase externamente. Eu não era totalmente ligado ao evento. Era quase um garoto espião no meio do jogo. Encontrei com I.¹³ através da Reserva e daí passei a me envolver mais, a ter participação mais ativa frente aos eventos. Aí já comecei a ser monitor, e depois mobilizador. Nos eventos, comecei a assumir oficinas de cultura, oficinas de afirmação cultural. Me lembro muito bem quando eu estava no centro de convenções, estava programado de alguém coordenar uma oficina; acho que houve um impecilho pelo meio. De repente não era mais essa pessoa. Aí, quando foi na roda, eu já entrei ajudando. Aí, eu já não entendi mais nada. Eu era isso e já não era mais isso. Acabei me envolvendo no grupo. No final das contas, eu fui, praticamente, a pessoa que assumi a oficina.”</p>
---	---

Uma das aprendizagens que o Professor Pataxó traz no seu discurso foi que os desafios enfrentados e superados foram aliados para os processos de desenvolvimento evidenciados:

<p>Depoimento de Professor Pataxó 2 dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Eu sou uma pessoa aberta. Claro que você fica triste com as dificuldades, os desafios que você tem de encarar. Importante estar preparado para aquilo que vai fazer. Às vezes, quando você vai assumir uma oficina, claro que você encontra ali dificuldades e desafios.”</p>
---	---

Vale salientar que esse Professor atuou como consultor do ITJ durante sete anos, inicialmente como instrutor até chegar a assumir a coordenação Indígena do projeto já mencionado *Geração de Ocupação e Renda nas Aldeias Indígenas*, de qualificação social e profissional. Em 2008, ele passou a ser membro do conselho fiscal do ITJ.

Superar um desafio mostra que você é capaz, que você pode crescer e transpor novos obstáculos. Esses momentos são especiais e guardam um significado que é único para quem vivencia, como explicita a liderança Pataxó da Reserva da Jaqueira, apresentada no início da categoria “Oportunidades de crescer”:

¹³ Optamos por suprimir o nome citado em respeito à privacidade das pessoas.

Depoimento de Liderança Pataxó da Reserva da Jaqueira dado na Partilha de 2009.	“Isso tudo foi muito gratificante, para mim isso ficou ali marcado. Ainda uso essa oficina, essa experiência, para poder ter força, saber que eu sou capaz, que eu posso. Acho que valorizou muito a minha formação profissional. <i>Aweri</i> ¹⁴ .”
--	---

Oportunidades de crescimento e expressão fortalecem a crença no poder de transformação dos adolescentes e jovens. A vida e suas dificuldades passam de intransponíveis para um estado de busca de se descobrir no mundo, participante, criativo. Daí, na medida em que os adolescentes e jovens atuavam e ampliavam espaços em escolas de seu bairro ou outros e nos eventos relacionados, eles passavam a acreditar mais em si mesmos. A constatação da transformação de suas vidas e de outros gera auto-confiança, o que podemos constatar através de mais um depoimento dessa liderança Pataxó da Reserva da Jaqueira:

Depoimento de Liderança Pataxó da Reserva da Jaqueira dado na Partilha de 2009	“Daí então passei a ver a minha importância, o meu potencial como profissional. Hoje meu papel que exerço na reserva é de interagir com o povo, de falar sobre a cultura, de tirar dúvidas, de valorizar meu povo. Isso me trouxe uma auto-confiança que até o momento eu não tinha. Então acho que isto foi muito gratificante; eu encontrei daquela forma com o que eu mais gosto de fazer, interagir, conhecer pessoas novas e falar. Isto foi importante.”
---	--

5.5 VALORES E VISÃO DE MUNDO APREENDIDOS E DESCOBERTOS NAS PARTILHAS E NA PRÁXIS ETJ

5.5.1 Visão de Mundo do ponto de vista dos adolescentes envolvidos na Práxis

Depoimento de Coordenador Adm. Fin. do ITJ dado na Partilha de 2009	“Os ETJs, com certeza, contribuíram muito para nós, quer seja nas rodas e no sentimento de cada um. Com certeza, mudou internamente dentro de nós, com certeza, gerou transformação no meio social ao nosso redor e na nossa visão de ser humano. Isto não muda só eu, muda quem está do meu lado, muda a minha família, escola, pessoas que fazem a sociedade.”
--	--

¹⁴ *Aweri* é uma expressão de agradecimento no idioma tradicional Pataxó.

Esta é uma fala de um colaborador do ITJ, casado, pai de uma filha de um ano, graduando em administração de empresas. Ele explicita esse ganho de visão de mundo, a partir da sua vivência em dez anos da práxis, iniciada como adolescente voluntário, época em que fazia parte de um grupo de jovem da Igreja Católica. Pela sua característica empreendedora e competência técnica, capacidade de organização, planejamento e conhecimentos de informática, trabalhou como apoio administrativo na empresa *Corpos Íntegros*, depois cresceu profissionalmente no ramo de hotelaria de Porto Seguro, sendo selecionado em 2007 pelo ITJ para atuar na área administrativa-financeira.

Um funcionário da Prefeitura de Porto Seguro, que trabalha na biblioteca da Escola Municipal, faz comentários sobre a sua experiência como adolescente multiplicador na Práxis ETJ, e observa diferença entre visões de mundo:

Depoimento de funcionário da Prefeitura 1 dado na Partilha de 2009	“Quando fazíamos oficinas, as maiores dificuldades era de trabalhar nos bairros afastados. A visão do pessoal do Baianão, da periferia, era diferente da nossa. Tudo para eles é novo. Eles olham para você como se estivessem lá em baixo... Como superar este sentimento? Eu tinha muitos exemplos, tinha minha mãe, tinha B. ¹⁵ . Busquei melhorar como era, hoje eu digo que quando conheci o ETJ eu era de uma maneira, e hoje eu penso de outra. Posso dizer que melhorei a forma de pensar.”
---	--

O autor do depoimento estabelece uma relação entre auto-estima e visão de mundo, a partir da experiência como multiplicador, em contato com adolescentes de um bairro da periferia de Porto Seguro. As referências positivas de adultos que teve na sua vida e modelos em que se espelhou, sua mãe e um dos idealizadores do ETJ, possibilitaram uma nova forma de pensar, e de ser no mundo.

Um Professor da UFBA, que colabora como voluntário há mais de sete anos com a Práxis ETJ, Diretor do ITJ, fala da sua motivação pelo trabalho,

Depoimento de Professor UFBA dado na Partilha de 2009	“Continuo colaborando porque percebi a possibilidade, a visão sistêmica de abordagem da vida, sentido de cooperação, entender que os desafios são muito complexos, na área de formação da juventude, existem questões que estão na constituição os direitos e deveres da cidadania, mas na realidade não estão ainda. Para a juventude os desafios são maiores, como eles vão enfrentar um mundo cheio de preconceitos, sem formação nem conhecimento.”
--	---

¹⁵ Optamos por suprimir o nome citado em respeito à privacidade das pessoas.

5.5.2 Participantes explicitam identidades com Valores Humanos Descobertos na Práxis ETJ

“Possibilitar a identificação e difusão dos valores humanos essenciais e a sua universalização”¹⁶ é uma das finalidades da práxis ETJ, que vem sendo avaliada desde o ano 2000. O respeito, solidariedade, amor e paz foram identificados em todas as avaliações anuais realizadas com aplicação de questionário objetivo e aberto, assim como foram expressos nos depoimentos da partilha analisados.

- Na avaliação feita no ano 2.000, sobre a percepção dos participantes quanto ao objetivo do IV ETJ, no que se refere a identificar princípios e valores, um percentual de 22, 5% das respostas expressaram o alcance do mesmo, sendo identificados os seguintes valores: alegria, harmonia, cumplicidade, dignidade, amor, carinho, confiança, compreensão, união, paz, respeito, força de vontade, humildade, cooperação e solidariedade.
- No ano de 2002, os depoimentos escritos quanto às aprendizagens ao final do VI ETJ, sobre valores e princípios promotores da paz e da cidadania, corresponderam a 26% das respostas, índice inferior apenas à categoria de arte e cultura, que teve 36% das respostas. Destacam-se os seguintes valores: respeito, amor, solidariedade, igualdade, fraternidade, admiração, religiosidade e tradição.
- No ano de 2004, no VII ETJ, os participantes preencheram uma ficha de avaliação intitulada “o que aprendi”. Nas categorias: 1) Palavra; 2) Novas Informações importantes para a minha vida; e 3) O que levo do Portal para a Minha Tribo, Grupo Social, foram evidenciados os seguintes valores: respeito, união, democracia, respeitar outras culturas, paz, solidariedade, amor, harmonia, amizade, união, igualdade, convivência, sabedoria, felicidade, respeito às diferenças, compartilhar.

¹⁶ Esse texto, não publicado, é do Projeto do Encontro das Tribos Jovens do ano 2000 e faz parte do acervo institucional.

Solidariedade, Cooperação, Democracia e Respeito pelas Pessoas

Não é em nível mundial – aliás não mais do que no nível nacional – que se formam práticas inovadoras, mas localmente em torno de apostas concretas e próximas ou em relações interpessoais diretas. O espírito de libertação consiste em defender e reforçar a liberdade e dignidade de cada indivíduo. (TOURAINÉ, 1999, p. 161).

A Liderança Pataxó da Reserva da Jaqueira, ao falar sobre o seu processo de desenvolvimento social, se aproxima de Touraine, aborda a questão democrática, a necessidade de mudanças mais amplas na vida política, econômica e social:

Depoimento de Liderança Pataxó da Reserva da Jaqueira dado na Partilha de 2009	“Interagir e ter uma responsabilidade com seu povo, na busca de melhoria, um beneficiamento maior para as pessoas que estão do seu lado, para todo mundo seguir de uma forma parecida, de uma forma social. Todo mundo ter os mesmos direitos, os mesmos privilégios.”
---	--

Chama atenção o compromisso dele com o seu povo, imbuído de valores de cooperação e solidariedade em relação aos seus “parentes” (qualquer indígena), o que reafirma o conceito de sociedade civil, como espaço dos agrupamentos que trabalham em prol de uma cidadania (MOURA, 2004) e nos aproxima da co-relação estabelecida por Toro entre a democracia e o amor, quando afirma que para construir e viver uma ordem social onde os Direitos Humanos e a vida sejam possíveis para todos, precisamos de amor, pois o amor é como a democracia, não se compra, nem se impõe, ela é construída e vivida. (TORO, 2009)

Depoimento de Liderança Pataxó, Educador Ambiental, dado na Partilha de 2009	“Ser solidário um com o outro e lutar por objetivos comuns. Na vida, devemos fazer as coisas com amor para tudo dar certo.”
---	---

Uma liderança Pataxó que trabalha na Escola Indígena como Educador Ambiental associa ao tema de participação - trabalho em parceria, três valores importantes: solidariedade, cooperação e amor, os quais qualificam a convivência multicultural que buscamos com a experiência dos ETJs.

Segundo Delors, “a participação em projetos comuns é uma segunda via que deve ser utilizada pela educação, complementar a primeira, a descoberta progressiva do outro” (DELORS, 1996. p. 56).

O depoimento de um funcionário da Prefeitura de Porto Seguro, membro do Léo Clube há 12 anos, que atuou na práxis ETJ como adolescente multiplicador e mobilizador, expressa, mais uma vez, valores de cooperação e solidariedade:

<p>Depoimento de funcionário da Prefeitura 2 dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Eu era egoísta, tudo que eu queria era para mim, eu não sabia compartilhar nada. O que queria eu tinha e buscava. Quando eu comecei a desenvolver os trabalhos junto do ETJ, participar das oficinas e mobilização, eu aprendi a compartilhar – uma camisa, um tênis, um shampoo... eu não tinha isso, não sabia compartilhar. O que era meu era meu, eu não sabia compartilhar. A partir do ETJ, eu aprendi, abri meus olhos, cresci, vivi. Hoje, eu sou uma pessoa dada. O que a pessoa precisar de mim, eu estou a disposição, para o que der e vier. Aprendi a conviver, a doar-me. Ajudar sem olhar a quem. Você tem que ser humano, ser realista e transparente pelo que você é...”</p>
--	---

Nos ETJ, a promoção da “Arte de Viver em Tribo” é uma das diretrizes metodológicas, que tem como estratégia se mostrar socialmente com base na escolha, expressão e vivências de princípios e valores constitutivos dos projetos de vida.

5.5.3 A Carta da Vida – A Arte de Viver em Tribos no Terceiro Milênio: Construção do Professor Carlos Petrovich

Existe um documento denominado *Carta da Vida – Valores e princípios sobre a arte de viver em “tribo” no terceiro milênio*, um contrato de convivência construído por todos que participam dos ETJs, desde o ano de 1999, de modo participativo, nas ações educativas de formação e de sensibilização para os eventos.

“Tribo” é entendida como grupo social, ou grupos de identidade com os quais os jovens fazem parte ativamente e se identificam atraídos por estilos próprios e diferentes modos de se comportar e viver. Apesar desta palavra estar muito relacionada aos jovens, lidamos com grupos de vários segmentos etários da sociedade contemporânea e com uma questão do campo das ciências sociais, fenômeno que tem sido alvo de estudo de vários autores, com destaque para Maffesoli.

Maffesoli define as tribos como uma “comunidade emocional” (1987, p. 17), na qual o estar junto, o sentido de pertencimento a um grupo, de participar de uma rede de amizades é o mais forte. Este vínculo pode ser temporário e transitório caracterizado por um forte envolvimento emocional.

Importante reconhecer os *gritos* das tribos, culturas juvenis, conjunto heterogêneo de expressões e práticas sócio-culturais, nos seus diferentes ecos: “narrativas que falam do profundo mal estar que é ser jovem e também das potencialidades da experiência do viver e agir coletivamente na busca de alternativas emancipatórias para a existência.” (CANDAU, 2008, p. 186).

A Carta da Vida é uma base de trabalho que possibilita lidar com a diversidade dos participantes, na tentativa de criação de uma cultura pautada na preservação da vida, no fortalecimento da cidadania.

A diversidade deve ser vista como a expressão da riqueza da espécie humana:

[...]Cada indivíduo humano é único e se distingue de todos os indivíduos passados, presentes e futuros... A igualdade supõe o respeito dos indivíduos aquilo que toda pessoa tem de único, como diversidade étnica e cultural e o reconhecimento do direito que tem toda pessoa e toda cultura de cultivar sua especificidade, pois neste sentido, elas contribuem para enriquecer a diversidade cultural geral da humanidade. (MUNANGA, 2004, p. 23)

Preservação da vida, no sentido que Kaká Werá Jekupé nos toca com as suas sábias palavras de um indígena Guarani:

A terra, em seu novo ciclo milenar que se inicia, impulsiona a humanidade a rever valores, identidades, raízes e ramos que a norteiam. Este momento implica um rito de passagem regenerador e transformador, pois a juventude sente uma necessidade interna de renovação para a geração de futuros frutos, em sintonia com o novo tempo que acontece diante de nós.¹⁷

Educar para a Cidadania, como nos ensina Balestreri:

[..] educar para o reconhecimento da condição de direitos e deveres, independente de credo, raça, nação ou estrato social. É também educar para reconhecer e respeitar as diferenças no plano individual, combater os preconceitos e discriminações, as ofensivas barbaridades e privilégios no plano social. (1998, p. 18).

¹⁷ Citação retirada do Diário de Bordo do II Encontro das Tribos Jovens – Um rito de passagem para uma nova tribo humana, documento de 1999, não publicado, que faz parte do acervo institucional.

Acreditamos que o trabalho com valores é uma base para contribuir para o desenvolvimento pessoal e social de uma juventude empreendedora, cidadã e protagonista, portadora da nossa história brasileira pluricultural, capaz de influenciar novas políticas públicas.

Em contato com nossas raízes ancestrais, este processo pode ser dinamizado, como nos confirma Siqueira:

A formação étnico-cultural da sociedade brasileira tem o privilégio de ser em grande parte orientada por princípios, valores, normas de vida, linguagem, artes, costumes inspirados na diversidade e complexidade das múltiplas civilizações tradicionais africanas e indígenas. (2006, p. 59).

A Carta da Vida foi editada nas três cartilhas criadas para os ETJs, de 1999, 2002 e 2004, sendo também parte integrante do preâmbulo do estatuto social do ITJ.

5.6 CONVIVER COM AS DIFERENÇAS ENTRE DESIGUALDADES SÓCIO-CULTURAIS E ÉTNICAS

Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo porvir. (LARAIA, 2006, p. 101)

Dando continuidade à expressão da sabedoria da liderança Pataxó da Reserva da Jaqueira, vamos abordar um tema que está muito presente nas sociedades contemporâneas e complexas, o convívio com as diferenças,

<p>Depoimento de Liderança Pataxó da Jaqueira dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Das coisas que aprendi, foi a questão de respeitar as diferenças. O encontro ele envolve vários costumes diferentes, povos diferentes. Daquele momento você passa a valorizar a sua cultura ainda mais, suas tradições. E também passa a respeitar mais a cultura, o modo de vida de outras pessoas. Acho que isto é um valor, um princípio muito importante. A partir do momento que você passa a respeitar as diferenças, você passa a ter outra visão e pensamento.”</p>
---	---

Para trabalhar este tema, faz-se importante uma referência do conceito de cultura, que é definida bravamente por Nanci Helena Rebouças Franco, como legado comum da humanidade: “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (2006, p. 42)

O conceito de cultura é dinâmico, um aspecto fundamental em constante desenvolvimento, como o UNICEF tem trabalhado:

Cultura, como sabemos, é tudo que as pessoas lançam mão para construir sua existência, tanto em termos materiais como espirituais, envolvendo aspectos físicos e simbólicos. A cultura é um patrimônio importante de um povo, porque resulta dos conhecimentos compartilhados entre as pessoas de um lugar. (UNICEF, 2008)

A cultura é fruto da sociedade humana, seus costumes, formas de organização, ou ainda a maneira como a realidade é codificada pela sociedade - palavras, idéias, doutrinas, práticas e rituais.

O conceito de **cultura** está intimamente ligado às expressões da autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro desejado. Por isso mesmo, tem de ser genuína, isto é, resultar das relações profundas dos homens com o seu meio, sendo por isso o grande cimento que defende as sociedades locais, regionais, e nacionais contra ameaças de deformação ou dissolução que podem ser vítimas.” (SANTOS, 2005, p. 8)

O convívio com as diferenças só é possível quando se cultiva o respeito, daí ocorre uma abertura para a convivência multicultural e a valorização da própria cultura. Quando a sua cultura é valorizada, você se orgulha do seu povo, das suas origens, o que contribui com o sentimento de amor próprio, de se valorizar, de gostar de si mesmo, como foi dito por uma estudante Pataxó que já participou de mais de três ETJs,

Depoimento de Estudante Pataxó dado na Partilha de 2009	“A partir do ETJ a gente passou a conhecer as pessoas que respeitam também a cultura da gente. Então a gente passa a respeitar a cultura das outras também.”
--	--

A diversidade cultural esteve presente desde o início. Além do convívio entre as “tribos” urbanas e rurais, o trabalho vem sendo construído com pessoas de

diferentes instituições, dos setores público e privado, de diferentes faixas etárias, escolaridade, formação profissional e etnias.

No relatório elaborado pela ONG TEAR sobre o I ETJ, em 1998, foi escrito:

Foi muito importante a questão da diversidade cultural; a oportunidade de ouvirmos uma sabedoria indígena esquecida há quinhentos anos foi brilhantemente conduzida e apresentada a nós jovens. Foi um encontro cultural onde pessoas de diferentes etnias puderam falar e serem escutadas.¹⁸

A diversidade étnica e cultural é parte constituinte da temática pluralidade cultural instituída pelo MEC, que estabelece a “valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional” (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2008). Importante deixar claro que valorizar as diferenças pressupõe incorporar os valores do outro, mas respeitá-los como expressão da diversidade, “respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação” (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2008).

Nilma Lino Gomes afirma que:

A diversidade pode ser entendida como construção histórica, cultural e social das diferenças. As diferenças, por sua vez, são construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder. (2008, p. 133).

5.7 ANCESTRALIDADES: ANCESTRAIS AFRICANOS E INDÍGENAS

A ancestralidade consiste numa relação equilibrada entre passado, o presente e o futuro remetendo para a valorização das pessoas que nos antecederam, suas lutas, suas histórias e o papel das gerações atuais na continuidade de seus feitos, transmitindo a um tempo futuro aquilo que fizeram e tiveram de melhor. (UNICEF, 2008)

A presente dissertação tem na ancestralidade um conceito fundante, que nos leva a um senso de pertencimento diferenciado, como se tivéssemos amparados no passado e futuro. Aqui peço licença e reverencio os nossos ancestrais - antepassados e as gerações futuras.

¹⁸ Esse relatório, não publicado, faz parte do acervo do Instituto Tribos Jovens.

Por exemplo, as suas referências indígenas: muitos pajés, como Tupã Guarani, da aldeia de Tekuaporã, localizada em Aracruz (ES), Thydio Karirí Xocó, que esteve presente no ETJ antes mesmo dos Pataxó. Esta liderança contribuiu com o movimento de resgate e afirmação cultural do Povo Pataxó, compartilhando a luta do seu povo e a força do seu *toré*. Ramuganha, na Reserva da Jaqueira e Karuncho, da Aldeia Pataxó de Barra Velha, que além de participar dos ETJs é um dos instrutores do ITJ no curso de Gestão para a Saúde e Desenvolvimento Sustentável; como muitos outros, marcaram a nossa história.

Siqueira constata que o Brasil inteiro se beneficia dos saberes, das tradições trazidas, mantidas, recriadas, transformadas em expressões religiosas, culturais, sociais, tecnológicas e científicas dos povos tradicionais indígenas e africanos que constituem a cultura brasileira (2006, p. 30-1).

A tradição é um legado de nossos ancestrais: valores, costumes, crenças, tradições, aprendizagens ligadas à vida cotidiana, conhecimentos, tecnologias, organização familiar e organização social. As tradições são seguidas, com respeito, através das gerações e são parte de nossa ancestralidade.

5.7.1 Um Breve Exemplo de Compromisso de uma Indígena com a sua Ancestralidade Karirí-Xocó

A oficina de cerâmica coordenada por uma pessoa “mais velha” Karirí-Xocó ficou na memória de muitos estudantes da escola Portinari. Uma professora da UFBA também não esquece da lição aprendida através do fato ocorrido com esta senhora Karirí-Xocó.

Uma professora da Universidade presente ao ETJ insistiu para que uma senhora indígena Karirí-Xocó atendesse ao seu chamado, pois queria comprar artesanato antes de sua partida para Salvador. A senhora Karirí-Xocó que estava comprometida com o papel de educadora naquele momento, não interrompeu o seu trabalho para realizar a venda, ela não se dispersou ante o apelo e insistência proveniente da professora, o que corresponderia a um apelo de consumo da cultura ocidental. O compromisso com sua cultura e seu trabalho de passagem do

conhecimento para novas gerações demonstrou o que, para ela, era mais importante naquele momento - a atenção aos seus aprendizes, doar-se como voluntária, contribuir com o crescimento daqueles jovens que estavam aprendendo através da arte da cerâmica, conteúdos, símbolos e valores, e contando a história do povo Karirí-Xocó, da aldeia de Colégio, em Alagoas.

Essa narrativa nos aproxima do conceito de ancestralidade representada pelo compromisso de uma senhora mais velha Karirí-Xocó com a arte do seu povo, com o processo de comunicação com os mais jovens, com o seu estranhamento entre tradição e modernidade.

A cerâmica é um ofício, uma arte de origem indígena que foi herdada por nós brasileiros.

Os ofícios são expressões culturais, processos de trabalho e produtos obtidos, próprios de uma localidade, que caracterizam o celebrar e o viver, cuja origem se baseiam nas civilizações indígenas e/ou africanas. Além das cerâmicas, podemos exemplificar as cestarias, pinturas corporais, carrancas, acarajé, panos da costa, cocares, penteados e trançados (CASCÃO et alii, 2007).

A nossa herança cultural indígena poderia ter sido muito mais rica se tivesse havido mais respeito e valorização aos donos dessa terra a que os colonizadores portugueses deram o nome de Brasil. Perdemos boa parte dessa herança, o que interferiu na formação da nossa identidade de povo brasileiro, descaracterizada. A transmissão de todo um conjunto de valores ancestrais indígenas, através de um processo de socialização entre gerações, foi interceptado, bloqueado e cerceado.

Hoje, principalmente, na educação, em leis como a 10.639/03 e a 11.645/08, temos uma tentativa de resgate desse tesouro perdido. Contudo, as estratégias de implantação destas leis devem incluir o contato, a convivência entre os representantes genuínos das tradições culturais africanas e indígenas, professores e alunos das redes pública e particular de ensino. Assim é feito na nossa Práxis.

5.7.2 Ancestralidade Africana e Mitos

Aprofundar no mistério, no sagrado e compreendê-lo é diferente de explicar. O mito é a forma escolhida para compreender o sagrado,

mas também os pensamentos, sentimentos e sonhos. O mito é sonho coletivo (...) A procura é para restabelecer o sentido da integridade entre homem, o conhecimento, a ancestralidade, a ética e as diversidades de todos os tempos. (MACHADO, 2006, p.33)

O Mito de *Ogum*¹⁹

A Transformação de Ogum

Era uma vez, quando Ogum queria ficar rico. O tempo estava passando e ele sempre em suas andanças pelos caminhos do mundo não conseguia juntar bens. Preocupado com a situação foi consultar o “oluwo” olhou nos búzios e depois de uma longa conversa disse-lhe: - se todo seu problema for este, é fácil de resolver. Amanhã mesmo vá ao mercado e com certeza seu desejo será atendido. No dia seguinte, Ogum vestiu a sua melhor roupa. Botou dinheiro no bolso e lá foi apresentar-se no mercado. Entrou solenemente no mercado, mas tinha medo de não ser reconhecido. De repente, um cachorro magro atravessou seu caminho latindo. Ele não gostou. Chutou o cachorro para um lado. Um bode berrou forte, ele não contou conversa, deu uma taponada no bicho que saiu pelo mercado, embaraçando-se nas pernas das mulheres. Uma mulher reclamou de tanta brutalidade. Ogum não gostou. Ameaçou a mulher. Ai, todo mundo no mercado já estava apavorado com aquelas atitudes. E todos começaram a correr atrás daquele malcriado. Correram muito até alcançá-lo. Bateram muito nele. Tomaram o dinheiro que ele tinha. Ogum embrenhou-se na floresta completamente nu e machucado, porque tinha apanhado muito. Ogum ficou lá sozinho na floresta. Depois de muito caminhar floresta adentro, sentou-se embaixo de um *igi opê* (dendezeiro). Ele estava muito envergonhado. Foi aí que ele começou a refletir: - Veja só o que eu fiz da minha vida. Eu desejei tanto ficar rico... E agora olha o meu estado. Estou tão pobre que não tenho roupa para voltar para casa. Ali, Ogum ficou meditando por algum tempo. Até que em dado momento ele olhou para cima e reparou que bem lá no alto do dendezeiro tem umas folhinhas bem novinhas que é o “mariwo”. Ele subiu com toda paciência, passando pelos espinhos, retirou as folhas que precisava e começou a tecer uma roupa para voltar para casa. Ele vestiu a roupa de “mariwo”. Ele se deu conta de como tinha maltratado as pessoas. E pensou: - Eu vou voltar ao mercado, vou me desculpar com aquelas pessoas. Dito e feito. Saiu andando rumo ao mercado. Ao entrar no mercado o seu corpo ficou reluzente. Ogum ficou tão iluminado que sua luz refletiu em todo espaço e nas pessoas também. As pessoas não eram as mesmas. Ele também não era o mesmo. Enquanto entrava no mercado com toda a calma e coragem para pedir desculpas, todos que estavam apreciando o que estava acontecendo foram oferecendo-lhe comidas gostosas, jóias,

¹⁹ O Mito “A Transformação de Ogum” está na Cartilha do VII ETJ, realizado em 2004, e foi adaptada por Vanda Machado e Carlos Petrovich dos “arquivos vivos” do Ilê Axé Opó Afonjá para o Projeto Irê Ayô da Escola Eugênia Anna dos Santos.

dinheiro e toda qualidade de presentes que fez com que Ogum se tornasse muito rico para sempre.

O Mito africano, a “Transformação de Ogum” nos foi contado pela Professora Doutora Vanda Machado (MACHADO; PETROVICH, 2000), que incorpora a figura de Mestra Griô²⁰ na alma, configura a presença dos mais velhos na Práxis ETJ, portadores da sabedoria dos nossos ancestrais afro-descendentes.

Os mais velhos, conhecedores da cultura e da história, são excelentes contadores de histórias, e sentem prazer quando o fazem, porque repassar aos mais novos implica em valorizar suas origens e reafirmar o pertencimento étnico-racial.

A tradição oral faz a memória cultural circular, organizando a vida, as idéias, afirmando as riquezas de um povo, a sua cultura, através da oralidade.

Os mitos trazem uma base para entendermos sobre sociedades e tradições culturais, abordando temas que se relacionam a lições vida e renovação. Eles são considerados vias de acesso ao inconsciente coletivo segundo a obra de Jung (SILVEIRA, 1968), representações que têm existência nesta instância que transcende a nossa consciência e nos aproxima do mistério da vida. Aprender com os mitos é tocar nas nossas bases mais profundas, pois eles trazem para a nossa consciência símbolos, imagens e situações que dignificam o ser humano e o viver em coletividade.

O símbolo pode ser visto como um instrumento para desvendar o mundo através de representações. O símbolo é um signo. Signo é alguma coisa que se apresenta no lugar de outra e torna presente algo que está ausente. São as representações que fazemos de determinada coisa. O símbolo é um signo convencional ou signo que depende de um hábito nato ou adquirido. Ele se aplica a tudo que possa dar forma. (WOODWARD, 2000, p.14).

²⁰ O griô, contador de histórias, é aquele que transmite a fala dos ancestrais para novas gerações.

O Mito e o Canto de *Oiá*

Nunca esqueço da força transformadora do Mito “Yansã Criando a Democracia” (MACHADO; PETROVICH, 2000) para apaziguar um conflito entre educadores, no plano físico, que parecia refletir rixas antigas entre tribos indígenas rivais, no plano espiritual. O tom de voz com o qual a educadora Vanda Machado entrou no meio daquela discussão e fez uma interferência. A voz trouxe uma sintonia de calma que abriu outros canais de comunicação, além da racionalidade das nossas mentes, repletas de argumentação para a competição, o poder. Ao fim da narrativa do mito, reinava uma música de Iansã, minha mãe *Oiá*,²¹ a quem peço licença e reverencio com a sua canção:

*“Okan mimo eru erê
Okan mimo eru erê
Alagbá ele mesan
Okan mimo eru erê”.*²²

Retomamos Machado quando ela fala da força dos mitos no sentido de integrar o inconsciente individual ao coletivo, “totalidade psíquica”, que segundo Neumann: “Somente essa integração total do indivíduo pode tornar possível uma qualidade de vida melhor para a sociedade. [...] A assimilação do universo arquetípico leva a uma forma de vida interior de humanização”. (NEUMANN, 1974, p.18 apud MACHADO, 2006 p.74).

²¹ Iansã ou Oiá é uma orixá simbolizada no candomblé através do arquétipo de guerreira, Senhora dos Ventos, que gosta da cor vermelha, tem o poder do fogo e da comunicação com nossos ancestrais.

²² Essa canção integra o Mito “Yansã Criando a Democracia, está na Cartilha do VII ETJ, realizado em 2004, e foi adaptada por Vanda Machado e Carlos Petrovich dos “arquivos vivos” do Ilê Axé Opó Afonjá para o Projeto Irê Ayô da Escola Eugênia Anna dos Santos.

5.8 A IDENTIFICAÇÃO DA PRÁXIS ETJ COM AS METODOLOGIAS NÃO-CONVENCIONAIS EM GESTÃO SOCIAL

Ao constatar que as características da Práxis ETJ evidenciadas correspondem ao referencial teórico das metodologias não-convencionais em Gestão Social, que respalda a nossa experiência de 10 anos, a partir dos Encontros das Tribos Jovens, incluímos na análise dos dados uma fundamentação a partir desta temática de pesquisa do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia.

A minha trajetória pessoal e profissional encontra ressonância em Moura quando na Universidade, no Curso de Mestrado, ela mostra coerência na associação entre gestão social, desenvolvimento e Ser, ao definir gestão como um:

modo de definir, organizar e realizar ações voltadas para a superação de problemas coletivos e para a aprendizagem e difusão de valores emancipatórios (solidariedade, cooperação, justiça, respeito à diferença, amor, democracia, por exemplo), no próprio processo de gestão. (MOURA, 2004, p. 04).

O contato com o Ser, de acordo com Pristed ao definir individualidade, nos aproxima do coletivo, do desenvolvimento social. Para ela, a individualidade é “reconhecida no *healing* como uma estrutura essencial; cada ser humano tem uma alma individualizada, essencialmente humana” (2005, p. 48), um núcleo básico da nossa essência, força motriz para desencadear transformações na vida, que, além de nos diferenciar, nos une ao coletivo, a partir de processos de desenvolvimento pautados em valores éticos, promotores da cidadania, da defesa e do cuidado com a vida.

O desenvolvimento vem de dentro. O processo de desenvolvimento humano e comunitário desabrocha no interior de cada pessoa, relacionamento, família, organização, comunidade e nação. Novas condições internas de segurança, auto-confiança, fortalecimento da auto-estima para a expressão do ser são fundamentais. O *healing* é uma parte necessária do desenvolvimento. Curar o passado, fechar as feridas, cultivar a aprendizagem de hábitos saudáveis de pensamento e ação para substituir pensamentos negativos e padrões perturbadores de relacionamentos humanos é uma parte necessária do processo de desenvolvimento sustentável. (BOPP, 2006, p. 63)²³

²³ Tradução nossa.

A partir desta compreensão, GESTÃO, SER E DESENVOLVIMENTO, conceitua as metodologias não-convencionais em Gestão Social:

Trata-se de uma ampla família de metodologias voltadas à gestão de trabalho de grupo, produção conjunta de conhecimento, análise, interpretação e solução criativa de situações-problema; mas também inclui o recurso às artes nas formas de uso de teatro, dança, fotografia, música e outras. (GIANNELLA, 2008, p. 42)

Ao transitar por esses novos caminhos do campo da gestão social, estamos pisando em sistemas complexos, onde a filosofia, as ciências e as religiões se encontram, os saberes estão interligados, requerendo um trabalho multidisciplinar e em rede, sabendo que a vida é uma grande teia onde todos os seres estão interconectados. Um caminhar que trabalha o desapego a fim de se conviver com as incertezas e transitar entre polaridades, a partir de um novo paradigma “que objetiva a recomposição das fraturas clássicas do positivismo, do legado histórico, entre teoria e prática, razão e emoção, mente e corpo, ciência e arte.” (GIANNELLA, 2008, p. 50).

As metodologias denominadas não-convencionais são inovadoras e criativas, sendo fundamentadas em paradigmas pós-positivistas, que abrem espaço para a subjetividade, valorizando a experiência de cada um, assim como as diferentes percepções acerca de um mesmo fenômeno. Parte-se do pressuposto de que, para convivermos num mundo plural e multicultural, o respeito às diversidades é um dos princípios básicos. O que implica em abirmos mão do que julgamos ser a nossa “verdade” ou “certeza”, das estratégias de controle e de poder que originam as diferenças.

Paradigmas pós-positivistas que contam com a influência de genialidades como a de Capra, que nos ensina a viver melhor a partir da compreensão de que a rede é o padrão de organização da vida, seguindo padrões de “não-linearidade” (relações que acontecem em todas as direções), capacidade de auto-regulação e retro-alimentação, proveniente das relações estabelecidas entre os diferentes elos e a aprendizagem a partir dos erros. Considerando aqui as relações como “essência do mundo vivo” (2001).

Vale destacar o conceito de *autopoiese*, que une a “autonomia dos sistemas organizadores” com a *poiese* – construção e criação (CAPRA, 2001).

Trata-se de uma rede de processos de produção, nos quais a função de cada componente consiste em participar da produção ou da transformação de outros componentes da rede"... "o produto de sua operação é a sua própria organização (CAPRA, 2001, p. 88-89).

Neste processo de aprendizagem, algumas competências são desenvolvidas, como a capacidade de gerenciar conflitos de forma criativa, a sensibilidade para perceber contextos de modo diferenciado e a escutar o outro.

Com tudo isso, estamos diante de uma oportunidade de descobrir novas práxis, a partir das práticas sociais que fogem de uma abordagem reducionista, dedutiva, conservadora, fechada e compreendem o ser humano integral.

A práxis é a teoria em ato. A teoria é a consciência que a ação toma de sua natureza e de sua situação histórica. [...] A práxis é esse conjunto de prática e teoria, a teoria contribuindo, numa dinâmica, a modificar as relações sociais, em lugar de ser simplesmente um reflexo das mesmas." (CHAGAS, 2009).

Vale ressaltar algumas características que constituem um saber comprometido com a transformação da realidade, no que se refere à efetividade da intervenção, à superação de condições de exclusão extrema e à universalização da cidadania. A primeira característica é a capacidade dialógica de se comunicar a partir da visão de diferentes contextos e percepções, sem estar preso a esquemas preconcebidos e impostos. Do mesmo modo, consideram-se as capacidades inclusiva e reflexiva de aceitar os sujeitos com as suas dicotomias, como seres integrais; e de reconhecer as "molduras" que colocamos na realidade, como lentes através das quais construímos a nossa visão de mundo.

A racionalidade científica é apenas uma forma de ver a realidade intrinsecamente multicultural em que vivemos, implicada em racionalidades múltiplas. Para cada contexto sócio-cultural, os grupos, de formas distintas e diferenciadas, se reconhecem e estabelecem as suas trocas simbólicas. Não é possível dar conta desta complexidade com uma racionalidade de caráter linear e absoluto.

A arte de promover a vida no terceiro milênio implica em consciência epistemológica, relacional, ética e auto-reflexiva, fundamentos teóricos pertinentes ao desafio que enfrentamos na contemporaneidade.

É tempo de se abrir para novos olhares, de busca de visão, de permitir que o novo, o indizível, o inusitado transforme os nossos pensamentos e sentimentos. Para tal, é preciso estabelecer uma comunicação intersubjetiva e ter empatia pelo diferente, se colocando no lugar do outro, mesmo que este lugar lhe tire da sua zona de conforto, de domínio. Para tanto, é preciso ir além da aceitação das diferenças, compreender que elas são resultados de atos de criação lingüística, frutos de um processo de produção simbólica e discursiva, que precisam ser ativamente produzidas, no contexto das relações culturais e sociais e, conseqüentemente, das relações de poder (HALL, 2000, p. 108-9).

Nas sociedades complexas contemporâneas, os poderes e saberes estão fragmentados, os conflitos sócio-culturais são recorrentes e difusos influenciados por visões de mundo múltiplas e plurais de atores sociais que tendem a aumentar o seu grau de interferência nas decisões públicas, que se relacionam simultaneamente com fenômenos globais e locais.

Dessa forma, a visão sistêmica e dialética da realidade nos instrumentaliza, na perspectiva de mudanças dessa própria realidade.

5.8.1 Histórico dos antecedentes da Práxis ETJ

Como dissemos inicialmente, a Práxis ETJ nasceu do I Encontro das Tribos Jovens. Vale compartilhar que o evento ETJ foi idealizado a partir de uma aproximação de pessoas e iniciativas ligadas a mobilização juvenil, educação e cultura: Bruno Silveira, gestor de projetos da Fundação Odebrecht; Denise Mendonça, educadora e gestora do Instituto TEAR; Kaká Werá Jekupé, liderança indígena e gestor da ONG Instituto Arapoty; Iane Petrovich, psicóloga, educadora e sócia-fundadora da empresa Corpos Íntegros e Deodato Rivera, educador, escritor e poeta.

Além dessas lideranças adultas, os jovens que atuavam no Tear e adolescentes de cinco grupos de voluntários engajados no Pacto pela Educação do Sítio do Descobrimento, de cinco municípios – Porto Seguro, Belmonte, Santa Cruz Cabralia, Eunápolis, Prado. Assim como educadores e jovens de organizações

governamentais parceiras de Salvador – Centro de Referência Integral de Adolescentes (CRIA), Associação Cultural Bloco Afro Ilê Aiyê, entidade político-social educativa do movimento negro Brasileiro, no Curuzu, Bahia, Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e Escola Pracatum, trabalho social de Carlinhos Brown, no Candeal.

Este grupo foi inspirado pelos ensinamentos indígenas Guarani trazidos por Kaká, a poesia de Deodato, a criatividade e pedagogia transformadora de Denise, o entusiasmo e força articuladora de Bruno, e nossa experiência em gestão e consultoria de empreendimentos e projetos relacionados a grupos e comunidades organizados, a partir de diversidades étnicas e culturais, principalmente em áreas de cultura indígena.

O movimento continuou por ser um sonho para os adolescentes e todos nós adultos jovens, ganhou profundidade com a inspiração de tradições, costumes, valores que constituem a ancestralidade que nos dá origem no Brasil, comunicada por Roberto Gambini; integrou e mobilizou outras etnias indígenas através do chamamento do Toré Karirí Xocó; o grupo foi abençoado pela *Reserva da Jaqueira* e amadureceu com a participação de lideranças e da comunidade Pataxó de Coroa e Barra Velha; ganhou conteúdo e corpo profissional com a competência do irmão Josecler; redimensionou o trabalho com valores e a arte através da presença de Petrô e Vanda, com os mitos, o axé e a alegria; em momentos de crise não se apagou pela proteção dos nossos ancestrais através dos emissários adolescentes e jovens, como Carmo e Esdras... Rodrigo e Tonho, dos nossos irmãos Neyde e Gurgel, professores que edificaram o Instituto Tribos Jovens a partir da Práxis ETJ e muitos outros. E até hoje posso contar esta história, com novas cores e tonalidades do arco-íris da diversidade de presenças e contribuições.

5.8.2 Dimensões do Sagrado, Espiritualidade e Conflitos

A Práxis ETJ não se realiza sem conflitos, sem problemas de relacionamento interpessoal e interinstitucional, sem choques entre as diferenças, uma vez que

estamos tratando com pessoas e instituições diversas e tangenciando dimensões do sagrado.

Sabe-se que os conflitos são inerentes a cada decisão que é tomada em contexto de pluralismo. Eles sempre estiveram presentes na dinâmica das relações sociais, dada a própria natureza das diversidades com que lidamos, que potencializa certos desencontros que geram dificuldades de relacionamento entre pessoas diferentes. Daí a importância do reconhecimento do valor da experiência dos mais velhos, que têm a sabedoria de lidar com a realidade concreta nos seus diferentes níveis, incluindo a dimensão espiritual.

Presença de Iyalorixá no ETJ

No último ETJ, a presença de Iyalorixá, que coordena o Centro de Caboclos Sultão das Matas, cuja iniciação na matriz africana Gêge deu-se aos doze anos, foi fundamental para mediar um conflito que surgiu e foi polarizada entre dois artistas e arte-educadores, que já trabalhavam conosco há dois anos. Na partilha realizada dia 13 de março de 2009, ela referiu-se a esse conflito, relatando o fato,

<p>Depoimento de Iyalorixá, conselheira do ITJ, dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Tinham pessoas que eram capacitadas pra estar ali, mas não sabiam como diferenciar os problemas relativos à sua vida em casa, então, ao invés de ver a oportunidade do momento pra melhorar suas vidas, misturaram tudo. Foi uma grande mistura, as pessoas estavam muito atribuladas e achavam que deveriam extravasar ali. Tinha gente que tinha “bagagem” e parece que foi pra lá bagunçar. Tem pessoas que tem condições de influenciar psicologicamente as que são mais fracas. Devemos saber respeitar os direitos e deveres de cada um. Se não tivéssemos equilíbrio na coordenação tinha sido pior e, no fim, deu tudo certo, os meninos ficaram felizes.”</p>
---	--

No caso em análise, podemos apreender nesta fala pontos importantes sobre a gestão com pessoas, com suas emoções e possíveis conflitos. O que evidencia a necessidade de atentar para dimensões da gestão que tratem das relações interpessoais, sem perder de vista o fator emocional, que interfere permanentemente em processos de trabalho.

O emocional descontrolado pode gerar transtornos inesperados, mesmo tratando-se com pessoas experientes, na área de educação. Lembro que investimos muito em reuniões para alinhamento da equipe de sustentação e planejamento neste ano de 2004, para o VII ETJ, tanto em Salvador quanto em Porto Seguro. As pessoas envolvidas no conflito antes mencionado faziam parte de uma equipe interdisciplinar e inter-institucional do ITJ, com mais de um ano de trabalho - formação de profissionais da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social do Rio Grande do Norte, onde finalizamos o trabalho com a realização de um intercâmbio multicultural ETJ; formação de Jovens Multiplicadores Agentes Promotores de Saúde e Cidadania, em Porto Seguro, atividade anterior ao VII ETJ.

Lidar com pessoas requer “competência emocional” (GOLEMAN, 1995) para gerir conflitos de forma criativa, sem causar maiores desgastes, é preciso abrir novas discussões sobre assuntos dos quais não restam dúvidas, deixando as pessoas à vontade para expressar seus pontos de vista, sempre alerta para as emoções, como indicadores das relações, como aliadas, guias no processo de gestão de pontos divergentes, sobre uma mesma situação.

Por mais que se fale em inteligência emocional, a educação das emoções como base no processo de desenvolvimento pessoal e social, desde os primeiros anos de escola, ainda se configura como desafio. O desconforto de perder o controle da situação, ou sentir-se desvalorizado, expressando raiva, medo, tristeza e indignação, pode ser visto de diferentes formas. Precisamos desmistificar o fato de guiarmos os nossos comportamentos sempre pela razão, e experimentar outros guias, como a escuta ativa, que é dinâmica e aceita múltiplas perspectivas, paradoxos e perplexidades. O desafio neste caso é de manter-se numa posição central das emoções, reconhecendo as nossas premissas implícitas.

No caso trazido pela Iyalorixá, ela com a sua sabedoria e força espiritual, por meio de suas orações, com palavras e “Cantigas de Caboclos”, entoadas pela equipe do ETJ, de mãos dadas, em círculo, em ambiente próximo à natureza, conseguiu fazer com que aquele clima pesado fosse dissolvido.

Assim esse conflito trazido pela Iyalorixá no seu depoimento foi apaziguado, não sei se resolvido, mas propiciou o retorno para uma convivência respeitosa entre as diferenças.

A característica de lidar com conflitos e choques entre pessoas está muito presente no campo social e nos ETJs, como evidencia este depoimento,

Depoimento de jovem mobilizador dado na Partilha de 2009	“Achava mais engraçado era que uns dias antes de acontecer o evento, a programação, havia sempre discussão. Eu não sabia quem ouvir, como entrar em acordo, pois colocavam a gente do meio. Uma dizia que era desta forma, a outra dizia que não era assim, daí mudava tudo. Tinha tudo isto, mas no final dava tudo certo.”
---	--

Conflitos Apreendidos a partir de Vivências de Rituais Indígenas

Depoimento de membro da equipe do ITJ na Partilha de 2009	“O ETJ promove a paz num mundo de intolerância, onde a diferença de religião leva a atritos.”
--	---

Um membro da equipe do ITJ, que trabalhou na produção do último ETJ, traz um importante aspecto a respeito da intolerância religiosa.

Conflitos originários de diferenças religiosas constituem um dos desafios que enfrentamos, como pode ser ilustrado a partir da experiência de um funcionário da Prefeitura, jovem mobilizador egresso da Práxis ETJ, já mencionado anteriormente,

Depoimento de funcionário da Prefeitura 2 dado na Partilha de 2009	“Eu por estar vindo de uma família muito católica, quando fui convidado a participar dos primeiros movimentos, eu presenciei coisas, que fiquei assustado, impressionado, que eu não conhecia. Eu tinha apenas treze anos, nasci e me criei na Igreja Católica. Eu me assustei com o Toré, com a adoração que vocês tinham, a louvação com o Deus do fogo.”
---	---

Nesta fala percebemos, inicialmente, um choque entre as diferenças religiosas. Quando introduzimos na programação do II ETJ, em 1999, a participação em um ritual, já sabíamos que estávamos tocando numa zona de conflitos. Fizemos toda uma preparação dos participantes sobre o que eles iriam vivenciar, as diferenças culturais, os símbolos utilizados, a importância de respeitarmos outras religiões, a diferença entre religião e religiosidade.

Parte da equipe, incluindo os jovens mobilizadores, ajudaram na preparação e organização do espaço, construção da fogueira e da mandala de frutas. O ritual foi

coordenado por dois indígenas, aconteceu em ambiente de natureza privilegiada, com mata, rio e terra, no horário de final da tarde até a noite, com fogueira, incenso, canto e dança.

Dando continuidade à fala do jovem mobilizador egresso, percebemos com mais clareza a questão do preconceito, da intolerância religiosa:

Depoimento de funcionário da Prefeitura 2 dado na Partilha de 2009	“Quando minha mãe viu, o K. ²⁴ jogando um pó que ele oferecia às árvores, ela achou aquilo um ritual de candomblé. Por nós estávamos vindo de uma religião católica, eu tive problemas dentro de casa, de querer ficar junto com o projeto, contra a minha família, pois ela não apoiava, porque ela viu aquilo. Ela achava que aquilo era uma coisa que iria me tirar da religião na qual nasci e fui criado.”
---	--

Dando continuidade ao seu depoimento, podemos compreender como o mobilizador egresso superou este conflito de ordem religiosa, que gerou problemas no seu relacionamento familiar:

Depoimento de funcionário da Prefeitura 2 dado na Partilha de 2009	“O que foi que eu fiz, eu venci, venci os desafios, venci os conflitos dentro da minha casa, venci as barreiras e dificuldades, através disso hoje eu sei e respeito todo e qualquer ritual que seja.”
---	--

Muitos conflitos foram explicitados, vivenciados e superados, outros foram adiados, gerando efeitos diversos, como o afastamento de pessoas; alguns vieram à tona com o próprio trabalho de campo da minha pesquisa de mestrado.

A nossa ilustre Conselheira, retomando a palavra, em determinado momento, fala que é bom que

Depoimento de Iyalorixá dado na Partilha de 2009	“Sempre estamos fazendo uma ligação com os nossos ancestrais e também dando continuidade ao trabalho e a força.”
---	--

Acredito que através do contato com nossos ancestrais, através dos valores, mitos e prática de rituais, em sintonia com os quatro elementos da natureza e sua força, como temos feito com a “Jornada do Guerreiro”, os Círculos de Partilha e Mandalas, estamos descobrindo caminhos de harmonização e elaboração de

²⁴ Mais uma vez, o nome da pessoa citada foi suprimido para preservar sua privacidade.

emoções e de conflitos, em sintonia com processos de desenvolvimento pessoal e social de seres humanos integrais.

Tocando outras Dimensões do Sagrado

Depoimento de Assistente Social dado na Partilha de 2009	"O encontro com Deus, dá significado as nossas vidas."
---	--

Uma Assistente Social, que quando adolescente foi multiplicadora e mobilizadora na Práxis ETJ, se aproxima de uma certa crença no Sagrado que se relaciona com a discussão sobre o papel das ciências e da religião, como inequívocos pilares do conhecimento humano, considerando processos de desenvolvimento da sociedade brasileira:

O sagrado é o que liga. O que se une, pelo seu sentido à raiz etimológica da palavra "religião" (religare – "tornar a atar"), mas ele não é atributo de uma única religião [...] o sagrado é antes de tudo uma experiência, portanto, é traduzido por um sentimento – o sentimento "religioso" – daquilo que liga os seres e coisas e conseqüentemente, induz nas profundezas do ser humano um absoluto respeito pelos outros, com os quais está ligado por estarem todos compartilhando uma vida comum numa única e mesma terra. (CORRÊA, 2005, p. 310-311)

Uma das imagens trazidas sobre a Práxis ETJ foi o símbolo de uma semente que é plantada na terra, recebe cuidados, germina e cresce. Este foi um significado apreendido por uma mulher liderança Pataxó da Jaqueira, que nos remete à natureza, à "Mãe Terra", que é base para nosso corpo, sustentação e alimentação. A terra precisa ser cultivada para dar frutos, assim como as vivências no ETJ possibilitaram o cultivo das potencialidades, qualidades, valores, habilidades e competências das pessoas envolvidas.

A nossa cultura ocidental de privilegiar apenas o nosso lado racional nos processos educativos não ajuda muito a avançarmos. Reconhecemos a necessidade de práticas comunicativas que ampliem e facilitem os processos participativos, ao invés do tecnicismo e da racionalidade que, muitas vezes, funcionam como amarras, que bloqueiam o acesso às informações para uma visão

de mundo mais alerta, a uma compreensão político-social e cultural de uma sociedade construída sobre diversidades.

5.8.3 A Jornada do Guerreiro, um acontecimento especial nos ETJs

Os rituais são cerimônias onde se realizam determinadas ações que provocam na mente de seus participantes uma emoção que lhes confere uma espécie de iluminação, uma conscientização que os transporta para algo além, capacitando-os a enfrentar melhor o dia-a-dia. E, em se transformando, transforma-se também todo o ambiente. A função do ritual é dar forma à vida humana, não à maneira de um mero arranjo superficial, mas em profundidade (Projeto do ETJ de 2000²⁵).

O ETJ é permeado de vivências simbólicas que reproduzem significados presentes nos rituais. A Jornada do Guerreiro é uma delas, dinâmica inspirada em ritos de passagem. Os ritos são formas de vivenciar momentos da vida dando sentidos e significados aos mitos. Para Siqueira, “os rituais presentificam na comunidade a ancestralidade que lhe constitui do ponto de vista dos mitos que reconstituem histórias de sociedades e culturas originárias”. (2006, p. 59).

Dr. Ulsom, psicoterapeuta Junguiano, explica que durante milênios, os rituais organizaram a vida psíquica de todos os povos, com a função de reger e favorecer as transformações psíquicas provenientes do nosso processo de desenvolvimento: a passagem da infância para a vida adulta.

A psique profunda tem sede de rituais, pois precisa se desenvolver. Quando há falta desses rituais, ela busca alternativa, e às vezes sucedâneos incompletos, desvirtuados que levam a resultados destrutivos. (ZOJA, 1992, prefácio).

Um Exemplo de uma Prática Ritual de Passagem

No ano 2000, Carlos Petrovich com toda a sua criatividade, entusiasmo e genialidade, com o apoio da liderança do Alto das Pombas Rodrigo Alves, jovem

²⁵ Documento não publicado que faz parte do acervo institucional.

mobilizador do ETJ, criaram para o ETJ a Jornada do Guerreiro. Cada participante passava por sete portais, ambientes aclimatados e temáticos, em pequenos grupos. Em cada portal ocorria uma vivência transformadora e ritualística, de vinte minutos, conduzida por arte-educadores, jovens e adultos, artistas e profissionais de saúde, de diferentes etnias. Criando-se uma oportunidade de passagem de sínteses de conhecimentos ancestrais, que se dá pela tradição oral e pelos ritos da iniciação.

Para se ter uma idéia, apesar de ser difícil dimensionar esta vivência através de uma simples descrição, falarei rapidamente sobre os portais, citando o tema de cada um e dando uma idéia do conjunto de pessoas que conduziram este “rito de passagem”:

- Portal 1 – partida/transformação (arte-educadora, dançarina e Rainha do Ilê Aiyê e jovem afro-descendente, dançarino do Projeto Axé);
- Portal 2 – distanciamento/cidadania (jovem mobilizador do ETJ, arte-educadora do Liceu de Artes e ofícios, jovem mobilizadora percussionista da Escola Pracatum; jovem dançarino do Projeto Axé);
- Portal 3 – culpas e responsabilidades/preservação da vida (profissionais do Programa Saúde da Família – PSF de Porto Seguro);
- Portal 4 – recebendo os dons mágicos (grupo de jovens mobilizadores ETJ, estudantes de ensino médio, participantes de um projeto de empreendedores, desenvolvido em parceria com o SEBRAE);
- Portal 5 – objetivo do guerreiro (educadora e jovem liderança indígena Karirí Xocó, da entidade Águia Dourada);
- Portal 6 – luta contra antagonistas (jovens mobilizadores do ETJ, Pataxó, da Aldeia de Coroa Vermelha e da Reserva da Jaqueira);
- Portal 7 – vitória / princípios e valores da arte de viver em tribo no terceiro milênio (arte-educador, artista e diretor teatral UFBA e Petroart e jovem mobilizador ETJ da OSC Comando da Paz, comunidade do Alto das Pombas - SSA). Para cada portal, um mito afro-descendente.

Uma Reelaboração da Jornada do Guerreiro, orquestrada pelo Mestre Aprendiz

A Professora Neyde, na sua tese de Doutorado, *Anarquismo Epistemológico e Arte Educação Orquestrados pelo Mestre Aprendiz*, que se caracteriza a partir da relação Mestre e Aprendiz e ante a inexistência de fronteiras entre ciência, cultura e filosofia, referencia o ETJ como uma experiência significativa, chamando atenção para a possibilidade de se trabalhar de forma holística e sistêmica, com pessoas de diferentes idades, rompendo com os limites etários e étnicos. (2003)

No ano de 2002, as oficinas arte-identidade e a Jornada do Guerreiro foram reelaboradas, com a contribuição da doutora em Arte Educação Neyde Marques, que integra o Conselho Consultivo Superior do ITJ. Foram criados quatro portais – terra, água, fogo e ar –, possibilitando um aprofundamento maior do contato com os quatro elementos da natureza. Esses elementos servem de base para pesquisa dos valores trabalhados, temáticas, linguagens artísticas e mitos.

Chegamos a uma estrutura desafiadora, tamanha a diversidade de equipe, com pessoas oriundas de diferentes instituições, faixa etária, etnias, formação profissional, grupo étnico, assim como a presença de mais de três linguagens artísticas por portal.

A Contribuição do Povo Pataxó na Jornada do Guerreiro

*Suniatá hamitá*²⁶
Hu iop tuputarí
Ui Hãhã Kanã pataxi pataxó
Tokeré dxê iõ kawatá
Tipa kamaiurá
Uritué hu nitxi wekanã
Mukairá niamissu ápõy hotehô niamitãg (3x)

(tradução)

Hoje vou cantar e dançar com meus parentes na minha aldeia
 Quero ver o coração cheio de coragem, alegre, com muita paz
 Unidos, deus vem nos Proteger

²⁶ Canção do povo Pataxó que consta na Cartilha do VII Encontro das Tribos Jovens –Convivência Multicultural e Desenvolvimento, documento de 2004, não publicado, que faz parte do acervo institucional

Letra: Wayhana/Matalawê
Melodia: Matalawê

Gostaria de ressaltar a contribuição do povo Pataxó da região do Extremo Sul da Bahia no ETJ e na Práxis Tribos Jovens. Graças aos jovens, pesquisadores e educadores indígenas, lideranças e mais velhos conseguimos chegar até aqui e estamos neste processo de desenvolvimento, sistematização e legitimação de uma metodologia que incorpora a cultura Pataxó, seus significados e símbolos, a forma de se relacionar com a natureza, a exemplo do respeito e a reverência com a *Mãe Terra*.

Elementos da cultura Pataxó têm sido incorporados à prática dos ETJs a partir da existência de educadores, oficinairos, multiplicadores e mobilizadores na nossa equipe de sustentação, atuando na criação da programação, plano pedagógico e execução de diversas atividades: a visão de mundo, que incorpora crenças, valores, relação com a natureza, respeito às diferenças, convivência mais humana entre as pessoas. Dentre os principais resultados citamos a Jornada do Guerreiro e seus Portais, assim como as oficinas de pintura corporal, plantio de mudas e ervas, artesanato, arco e flecha, culinária, canto e dança e cerâmica. Em alguns momentos do evento as atividades são realizadas em terra indígena, na Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha e na Reserva da Jaqueira.

Importante esclarecer que a ampliação do repertório cultural e de valores relacionadas à cultura, à ancestralidade indígena, ao respeito à diversidade e quebra de preconceitos raciais tem sido evidenciada pelos depoimentos dos participantes e nas avaliações escritas que foram realizadas, incluindo um conjunto de respostas que exemplificam as aprendizagens oportunizadas pelo ETJ.

5.8.4 Uma Dinâmica Inspirada na Prática Ancestral Indígena *Sharing Circle*: A Partilha de Sonhos e Planos de Vida seguida de Mandalas

A *Partilha de Sonhos, Planos de Vida e Mandalas* é uma dinâmica inspirada na prática ancestral indígena de *Sharing Circle* (em português, Círculo de Partilha). A dinâmica é iniciada com a organização de uma Roda de Compartilhamento de

Sonhos. Há um bastão a ser passado no decurso da dinâmica. O bastão é um objeto que simboliza um instrumento de poder da fala, que deve ser respeitado. Durante a dinâmica, o bastão vai circulando em sentido horário, quem tem o bastão na mão, tem o poder da fala, supondo-se que cada pessoa participante deixe seu coração se expressar. Trata-se de uma dinâmica inspirada num ritual indígena onde se compartilha vivências e aprendizagens de cada um, e a inclusão destes patrimônios no plano de vida pessoal e da tribo, grupos, entidades e comunidade presentes, visando o desenvolvimento da “arte de viver em tribo”.

Esta dinâmica de Partilha ocorre no último dia do ETJ, sendo realizada a partir da formação de sete novos grupos, simbolizando as cores do arco-íris, que reúnem pessoas que participaram de grupos diversos, portais da Jornada do Guerreiro, onde se deram as vivências ritualísticas, as oficinas arte-identidades²⁷ e os intercâmbios multiculturais²⁸.

No segundo momento, os participantes confeccionam mandalas, com areia colorida, em grupo, como atividade final que objetiva a elaboração das emoções. As emoções podem se refletir nas cores e serem simbolizadas por ela. Quando fazemos uma mandala, expressamos, através das cores, os nossos sentimentos, os nossos desejos.

A mandala é tão antiga quanto o ser humano. Nas pinturas das cavernas encontramos desenhos dos homens pré-históricos, em forma circular. O círculo simboliza o cosmo e a eternidade. O quadrado simboliza a terra, a construção do homem. Em sua essência, ela representa o macrocosmo e o microcosmo, do maior ao menor processo estrutural. Símbolo universal da integração, harmonia e transformação, a mandala é uma figura geométrica que tem um centro comum.

²⁷ As oficinas de arte-identidade são oficinas de artes e artesanatos das mais variadas técnicas, que apresentam e revelam a identidade de cada cultura, intercambiando os saberes, fazeres, valores e símbolos que singularizam e configuram cada etnia, tomando como ponto de partida lendas, mitos, enredos e ritos transpostos pelas linguagens das artes (teatro, dança, música, artes visuais, plásticas, vídeo, fotografia, pintura, desenho) e do artesanato.

²⁸ O intercâmbio multicultural gera reflexão, elaboração e síntese de vivências ordenadas em conceitos e registros (sonoros, escritos e visuais). Também promove o encontro e vivência entre os jovens e entre os educadores para que, através de dinâmicas lúdicas e integradoras possam: se conhecer e compartilhar experiências; criar e desenvolver coletivamente um trabalho a partir da discussão sobre o que é ser brasileiro, utilizando as várias expressões artísticas (sonora, corporal, verbal ou plástica); elaborar referências e guardar sinais, valores e símbolos, aprendidos durante o ETJ para a construção e socialização do seu plano de vida pessoal e ações grupais, no momento de partilha.

Este trabalho com mandalas no ETJ proporciona um momento a diferentes grupos de atuarem em silêncio e coletivamente harmonizando as suas emoções, expressando o sentimento do grupo.

5.9 RELAÇÃO E INTERAÇÃO CONSIGO MESMO, AUTO-ESTIMA E CONFIANÇA

Melhoria da Expressão, a Arte de Vencer a Timidez

<p>Depoimento de jovem mobilizador egresso do ETJ dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Aprendi muito, cresci e amadureci. Deste amadurecimento, vieram as melhores coisas da minha vida, profissional e amoroso. Eu era um cara muito tímido, não tinha muita amizade. Dentro do ETJ, eu fui conseguindo poder, tipo assim, transformar este lado mesmo de timidez, de ser muito fechado, de não querer me envolver com as pessoas. O ETJ mudou muito a minha vida. Eu cresci e amadureci.”</p>
---	--

Durante a partilha, o primeiro a falar sobre a sua expressão, de como venceu a timidez foi este mobilizador egresso, que hoje atua no ramo de hotelaria. Ele foi um adolescente que se envolveu com diversos projetos: Escola Cidadã, Convivência Multicultural Cidadã pela Paz e Rede de Atenção Intersetorial à Saúde do Adolescente. Ele próprio reconhece o seu crescimento, galgando diferentes estágios na Práxis ETJ – participante, multiplicador e mobilizador.

<p>Depoimento de jovem mobilizador egresso do ETJ dado na Partilha de 2009</p>	<p>“No primeiro momento, eu era visitante. Já no segundo, seis meses depois, eu já tinha os meus compromissos dentro do ETJ. Já não era mais um visitante, era um multiplicador. Eu tinha meus desafios, já que eu era um cara que não gostava de falar; eu tinha que dialogar mais com as pessoas, ser mais interativo com os adolescentes. No momento das oficinas, tinha um planejamento maior em cima da gente, depois, tínhamos que multiplicar, que fazer palestras.”</p>
---	---

O multiplicador é um adolescente que passa adiante aprendizagens e vivências para outros adolescentes, realizando oficinas em escolas, como parte do seu processo de formação. Ao longo de um processo de aprendizagem, as temáticas e dinâmicas trabalhadas e aprofundadas são compartilhadas através de oficinas de multiplicação e de sensibilização para alunos e professores interessados

e que participarão dos ETJs. Neste processo, eles planejam, em grupo, os roteiros, fazem registros durante a execução das atividades e avaliam conjuntamente. Nos ETJs, os multiplicadores participam do planejamento das atividades e apóiam os mobilizadores, que são jovens que já passaram por mais de uma formação, com experiência acumulada na condução de grupos. Os grupos que participam das múltiplas atividades do ETJ contam com a presença de educadores e jovens mobilizadores conduzindo os processos, com apoio dos adolescentes multiplicadores.

Vencer a timidez não foi apenas um desafio vencido por esse adolescente, na mesma ocasião da partilha, outros egressos do ETJ, trouxeram a timidez como um aspecto relacionado a desafios e dificuldades superadas no seu período de adolescência e juventude, ao tempo em que, fizeram narrativas sobre processos de desenvolvimento pessoal e social, como evidencia a narrativa:

Depoimento de funcionário da Prefeitura 1, dado na Partilha de 2009	“Quando eu comecei a fazer o “protagonismo” eu era muito tímido e a minha maior dificuldade era falar em grupo. Minha maior dificuldade era viver em grupo.”.
--	---

Dando continuidade à análise do depoimento deste multiplicador egresso do ETJ que se refere ao seu crescimento e amadurecimento, ele traz uma aprendizagem, que possivelmente, foi importante para ele:

Depoimento de funcionário da Prefeitura 1, dado na Partilha de 2009	“Aprender a ouvir e a falar, com a voz cada vez mais longa.”
--	--

E se lembra da oportunidade de ter ido a um outro Encontro Nacional de Adolescentes, o ENA.²⁹

²⁹ A referência ao ENA deve-se a uma abertura dos processos de Encontro de Tribos Jovens, a partir da minha participação em encontros e movimentos de juventude estadual, regional e nacional. Participamos da criação do Encontro Baiano de Adolescentes (EBA) e estivemos presentes no: Movimento de Intercâmbio Artístico Cultural (MIAC), organizado pelo CRIA; no Rio Grande do Sul, Faxinal do Céu, Vem Ser Cidadão; lideranças jovens da Associação Cristã de Moços. Nos dois últimos anos, participamos do Encontro das Florestas, em Brasília e, no Canadá, do *Dreams Catchers*.

Outra forma de superar a dificuldade de falar em público, foi:

Depoimento de Assistente Social, mobilizadora egressa do ETJ, dado na Partilha de 2009	“(...) dar voz e vez a minha pessoa (<i>pausa</i>) e acreditar no meu potencial (<i>pausa</i>).”
---	--

Isso evidencia uma relação estabelecida entre expressão e auto-confiança, desenvolvida na Práxis ETJ.

A auto-confiança tem a ver com a auto-estima, definida por uma Liderança Pataxó, Educador Ambiental, que já nos referimos como:

Depoimento de Liderança Pataxó, Educador Ambiental, dado na Partilha de 2009	“Fortalecer e valorizar a gente mesmo.”
---	---

O valor que o sujeito atribui a si mesmo é fruto da auto-aceitação, um sentimento de dignidade quando se tem a percepção de si mesmo como valioso. A auto-estima gera afetividade dirigida à si e aos outros.

Há um eixo definidor, que organiza, coordena, promove, desenvolve, re-direciona, estrutura, re-estrutura, uma identidade que é construída de certas dimensões essenciais: ancestrais, família, comunidade, meio ambiente, escola, instituições sociais, governo, religião. Estas dimensões atuam sobre o núcleo interior da pessoa e é nessa relação com o mundo exterior, que o núcleo/eixo central da pessoa vai se construindo no dia a dia. (SIQUEIRA , 2006, p. 26)

5.10 SENTIR-SE INCLUÍDO, SENTIDO DE PERTENCIMENTO

O adolescente, descobrindo que a nova imagem projetada no seu corpo não lhe vale “naturalmente” o estatuto de adulto... em resposta a falta de reconhecimento que ele esperava dos adultos, procura novas condições sociais em que sua admissão como cidadão de direito não dependa apenas dos adultos. (CALLIGARIS, 2000, p. 35).

Escutei algumas falas durante a partilha que mostram o quanto o fato de fazer parte de um grupo foi significativo - um “encontro de galera”, onde se revia “velhos

amigos”, se “encontrava com nossas tribos” e se levava “saudades dos amigos e dos conhecimentos”.

Uma educadora comunitária, envolvida na Práxis durante sua adolescência, fala do seu esforço para “fazer parte daquele grupo”, de “conseguir ser mobilizadora”, depois de passar uma “boa parte só participando”. Para conseguir ser aceita pelo grupo, estar integrada, ela trabalhou a sua expressão, venceu o desafio da sua timidez:

Depoimento de Educadora Comunitária dado na Partilha de 2009	“Foi um desafio muito grande, de me imaginar com muitas pessoas dependendo do que vou falar, do que eu tenho para contribuir. E isso é muito bom.”
---	--

O seu depoimento nos faz crer que um fato que lhe proporcionou aumentar a sua confiança e elevar a sua auto-estima foi o reconhecimento que encontrou nos grupos, nos quais passou a fazer parte.

Os adolescentes se tornam gregários porque lhes é negado o reconhecimento dos adultos – sendo isso o que eles mais querem. Por isso, se aliam a grupos em que possam encontrar e trocar o que os adultos recusaram ou pediram que fosse deixado para mais tarde. (CALLIGARIS, 2000, p.35).

O estabelecimento de vínculos com outros adolescentes, com educadores e com o próprio grupo gera um senso de pertencimento, que constitui-se uma resposta direta às demandas do adolescente enquanto ser gregário.

O sentimento de exclusão por falta de compreensão, aliado à falta de perspectiva de vida pode levar aos adolescentes comportamentos de rebeldia e até suicidas, gerar conflitos familiares e problemas de disciplina na escola.

5.10.1 Construção de Identidade de Grupos

A construção das identidades pelos grupos supõe práticas de aprendizagem. Os jovens instituem lutas simbólicas através de compromissos cotidianos que assumem com determinado processo de identificação coletiva, este devendo ser considerado como algo

que existe no contexto de práticas permanentes e mutantes de definição das identidades coletivas. (CANDAU, 2008, p.191)

O processo de descoberta pessoal é um caminho de motivação e de construção de um projeto que dá significado à sua vida. Neste sentido, o fortalecimento da auto-estima e auto-confiança do adolescente são fundamentais. O grupo ao qual ele faz parte, assim como os educadores têm um papel significativo, de referência, de acolhimento, suporte, valorização e apoio, como confirma um artesão Pataxó da Jaqueira, que participou de vários ETJs:

Depoimento de artesão Pataxó dado na Partilha de 2009	“Sempre a gente tem uma inclusão muito grande em saber e participar.”
--	---

As oportunidades de expressão e de ocupar espaços, onde se é reconhecido por um novo grupo social, pode facilitar a retomada de uma relação mais harmônica com a sua família e comunidade de origem, que se relacionam com processos de desenvolvimento social de adolescentes e jovens.

Voltamos a compartilhar os depoimentos da referida Educadora Comunitária, que trazem pontos importantes sobre este processo:

Depoimento de Educadora Comunitária dado na Partilha de 2009	“Eu passei a buscar e vivenciar, multiplicar no meu dia a dia tudo aquilo que tive oportunidade de ter no ETJ. Hoje trabalho com projetos de crianças e tento levar para elas todas as oportunidades que tive. Dar oportunidades, formar pessoas, a partir de uma visão de mundo completamente diferente. Ter grupos como a Tribos Jovens é muito raro, você estar dentro deles, coordenar eles é mais raro ainda. Eu me descobri lá, eu era muito rebelde. Eu não tinha expectativa de vida nenhuma. Quando passei a ser participante comecei a ter visão de mundo completamente diferente. Hoje eu faço Serviço Social, área que estou me dedicando graças a esses encontros. Estou podendo contribuir na minha cidade, na formação das pessoas. O mundo é muito carente de muitas coisas. Ter grupos como esses, se todas as cidades tivessem um ETJ, talvez o mundo poderia ser melhor. O ETJ é uma oportunidade para agarrar, aproveitar, pois é uma coisa que você tem uma oportunidade que o mundo não oferece. A minha vida hoje, hoje, eu posso dizer que sou um ser humano, que tenho sentimento, que a gente fica presa, muito retraída para o mundo, desmotivada com as coisas ruins que a gente sente. Quando temos oportunidades temos que aproveitar.”
---	---

Alguns pontos nesta fala ratificam o que foi anteriormente analisado. O reconhecimento de sua transformação, uma nova visão de mundo, a escolha do estudo universitário na área de Serviço Social, a contribuição que tem dado à sua cidade, na formação das pessoas, crianças e suas famílias, através de uma Escola de Circo.

5.10.2 Cultura e Democracia

<p>Depoimento de Educadora Comunitária dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Voltei para a minha cidade. Comecei a ver que alí eu poderia fazer um diferencial para aquelas crianças e adolescentes que estavam diante de mim, esperando o que eu tinha ali para eles. Na minha cidade, é uma carência muito grande, por parte do lado social, da questão de amor; da questão de dar sem esperar de volta, priorizando a questão financeira em troca. Lá, as famílias são pessoas que têm medo até de falar, de ir e pedir. A maioria das famílias, principalmente as pessoas antigas são analfabetas. Os que tiveram oportunidades, não moram mais na cidade. Por isso, o lado educativo é muito carente. Hoje, o social é justamente esse: você pode levar o que tem de conhecimento para as pessoas que necessitam.”</p>
--	--

Dando continuidade, é importante frisar o compromisso social desta Educadora Comunitária, graduanda em Serviço Social, em levar para outros a oportunidade que teve, com uma visão diferenciada de mundo e a responsabilidade de passar de geração em geração. O seu comportamento corresponde à uma quebra de padrão no âmbito da sua cidade de interior. A sua capacidade de analisar os problemas sociais evidencia o seu processo de desenvolvimento social.

A partir da fala desta mobilizadora egressa da Práxis ETJ, podemos apreender a influência exercida pela cultura hegemônica européia, em consonância com Gramsci quando afirma que a hegemonia não opera apenas sobre o estado econômico e a organização política, ela influencia o modo de pensar que orienta as ideologias, os modos de conhecer – o que pode ser compreendido como um esforço de conquista de mentes e corações por parte das classes dominantes na construção de uma ideologia de poder (COUTINHO, 1989).

Os jovens que conseguiram avançar nos estudos se ausentam da sua cidade de origem. O que possivelmente ocorre é a negação e desvalorização da cultura

local, influenciada pela ausência das culturas das comunidades nos processos educacionais, tendo a Ciência, como grande legitimadora. Como anuncia Petrovich: “O sistema de ensino ainda não apresenta informações significativas sobre os nossos ancestrais indígenas e negros e sobre aspectos da nossa história e cultura que foram sonegados por estudiosos racistas e etnocêntricos.” (apud MACHADO, 2006, p. 110). E Siqueira complementa a idéia denunciada, ampliando o nosso entendimento sobre os dados e as repercussões do processo histórico brasileiro com base no sistema colonial e escravista :

As formas com as quais estes fundamentos se refletem nos sistemas educativos construídos sob a filosofia, doutrina e ideologia da Igreja Católica, representada pelo Escola Jesuítica, que mesmo defendendo os índios, chegou a abrigar dúvidas sobre a humanidade, a inteligência, a sensibilidade de outros povos, principalmente, dos africanos escravizados. (2006, p. 51)

Tanto a emancipação do sistema colonial (1822) quanto a proclamação da República (1889) foram movimentos elitistas que se caracterizaram pela ausência do “elemento popular”, como assinala Gramsci nos casos das revoluções passivas. Articulada pelas oligarquias agrárias e pela burguesia mercantil nacional contra o monopólio da Coroa portuguesa, a Independência do Brasil se caracterizou por uma conciliação entre frações dominantes num acordo que preservou os pilares do sistema colonial – a escravidão, o grande latifúndio e a monocultura para a exportação.

O fato é que já somos vítimas deste sistema capitalista de produção e que estes danos podem ser alargados com a globalização, a qual:

tem gerado elevados índices de fragmentação social e cultural que se manifestam na fragilização e na individualização das relações sociais, predominando os valores particularistas em detrimento do bem estar coletivo”. (BAQUERO, 2001b, p.19).

Nesse sentido, Morin, em recente passagem por Salvador, chama a Bahia de “coração vivo da cultura brasileira” e aponta efeitos contraditórios da globalização.

De um lado, sobre o plano da cultura, é um processo de homogeneização a partir de um modelo ocidental, que tende a destruir a cultural original, no singular. Mas, por outro lado, esse processo provoca uma resistência da cultura original, que, quando é forte o suficiente para resistir floresce. (A TARDE, 2009).

Assim, esclarece um Professor da UFBA, na ocasião da Partilha:

<p>Depoimento de Professor da UFBA dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Essa compreensão da importância de entender o mundo que nós vivemos, a realidade política, econômica e social, deveria ser a expectativa de todos, mas não é, as pessoas não têm oportunidade de ter visão abrangente da sociedade e das coisas, muitas passam pelo mundo e não podem alcançar. É na juventude que essas expectativas se ampliam. O jovem acha que sabe tudo e a gente pode focar essa energia da juventude junto com os que já viveram mais, esse é o desafio.”</p>
--	--

Cabe aí o papel dos gestores sociais em evidenciar os novos desafios culturais e sociais de uma política democrática. Pode-se falar do “conhecimento-como-emancipação” (SOUSA SANTOS, 1999, p. 25), orientador de uma ação que possa refletir e contribuir com o grau de autonomia do sujeito, capaz de corroborar com as transformações sociais mais amplas.

Sousa Santos (1999, p. 26) propõe a busca de sociabilidades alternativas que abram o caminho para novas possibilidades democráticas. Ele defende a necessidade de dar um conteúdo político para a democracia participativa e sugere a construção de um novo contrato social com as seguintes características básicas: participação política e controle social do Estado; produção solidária, que deve lutar contra a privatização dos serviços públicos; abrangência multi-cultural, dando conta da diversidade da sociedade com cidadania.

5.11 RELAÇÕES SOCIAIS, APRENDER A CONVIVER

<p>Depoimento de Liderança Pataxó, Educador Ambiental, dado na Partilha de 2009</p>	<p>“Este trabalho busca a gente conhecer o outro melhor, ele ensina a gente falar; conhecer um ao outro.”</p>
--	---

Tornamo-nos mais humanos no convívio com as outras pessoas e com o meio-ambiente. A socialização, o desenvolvimento de uma consciência social, é fundamental para criar um espírito de cooperação e solidariedade, entre os povos e indivíduos de uma comunidade.

Neste sentido, a “capacidade de abertura à alteridade e de enfrentar as inevitáveis tensões entre pessoas, grupos e nações. O confronto através do diálogo e da troca de argumentos é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI” (DELORS, 2009).

Uma Professora Municipal, que participou de todos os ETJs, como educadora assim se expressa,

Depoimento de Professora Municipal dado na Partilha de 2009	“Do ponto de vista pessoal, eu sempre acreditei muito nas pessoas, e o ETJ só reforçou essa crença de que acreditar nas pessoas é possível. Que a gente tem que continuar acreditando.”
--	---

Nessa mesma perspectiva, um funcionário da Prefeitura, bibliotecário, já mencionado, compreende da seguinte forma as mudanças ocorridas na relação com o outro:

Depoimento de Funcionário Prefeitura 1 dado na Partilha de 2009	“Pessoalmente, assim, eu aprendi mais a lidar com as pessoas. Eu era muito tímido, não gostava de falar de mim. Às vezes quando eu participava, tinha essas rodas, tinha que falar. Eu sentava lá por último e dizia que todo mundo já tinha dito o que eu ia falar. Então eu aprendi a falar. [...] no protagonismo juvenil tinha muito disso, de falar de jovem para jovem.”
--	--

Por fim, ele expressa a sua auto-confiança, que revela um fortalecimento da auto-estima e maior segurança em relação a si mesmo:

Depoimento de Funcionário Prefeitura 1 dado na Partilha de 2009	“Profissionalmente, eu passei a buscar, a me valorizar. Esta palavra é a mais forte: valorização. Antes, eu era omissivo, tinha oportunidades mas não lutava.”
--	--

5.12 FAMÍLIA E SOCIALIZAÇÃO

Depoimento de Agente Indígena de Saúde (AIS) dado na Partilha de 2009	“No meu caso de desenvolvimento pessoal, aprendi a ser um filho melhor... Então, com o meu crescimento pessoal, eu não poderia ser um bom filho, sendo dessa forma. Eu sou um tio do tipo moleque... Tenho vinte e dois sobrinhos. Aprendi a ser melhor filho e melhor tio. E agora aprendi a ser melhor pai, tenho uma menininha. Você sabe os percursos da vida... Por mais que eu não tenha um vínculo com a mãe hoje, no nosso caso é só amizade mesmo. Eu tenho um relacionamento forte. A amizade que a gente tem, o crescimento de minha filha me fez ser uma pessoa melhor.”
--	--

A fala deste Agente de Saúde Indígena, que atuou na Práxis como multiplicador, nos possibilita algumas aprendizagens, quando observamos o estabelecimento de uma relação entre o seu amadurecimento e o fato de ser pai, de assumir responsabilidades para com a sua filha, mesmo sem estar casado. Este Pataxó reconhece o seu crescimento na família, pequeno grupo de convivência, onde ocorrem muitos desafios, um verdadeiro laboratório; primeiro lugar onde os seres humanos são socializados, estabelecendo vínculos, aprendendo valores, hábitos e crenças.

Dando continuidade ao depoimento deste AIS, ele expressa orgulho ao falar do seu papel na família, em ser um mediador:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Na minha família eu sou um dos mais respeitados. Sabe aquela pessoa de referência, que quando acontece as coisas me ligam. Toda família por mais que pequena ou grande tem os seus probleminhas. Eu sempre estou no meio resolvendo tudo, organizando reuniões de família, vendo como melhorar a família e a educação.”
---	--

Podemos estabelecer uma relação interessante entre o seu desenvolvimento pessoal no meio familiar e a aprendizagem de respeitar as diferenças entre as pessoas:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Isto eu aprendi, aonde? Aprendi no Instituto Tribos Jovens, respeitando a diferença de um ao outro.”
---	---

Importante mencionar que o Agente Indígena de Saúde ao qual estamos nos referindo, que atua na sua comunitária, qualifica várias vezes o desenvolvimento como um processo continuado. No início ele fala que :

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Nós estamos em constante desenvolvimento.”
---	---

Depois ele brinca:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Eu estou em processo de desenvolvimento ainda mais. Antes eu falava que era projeto de homem. Hoje digo que sou um homem, eu já sustento, tenho uma cadeia de pessoas que dependem de mim.”
---	--

Por fim, ele encerra a sua fala reiterando estas duas afirmações:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Este processo de desenvolvimento só tende a melhorar, não tem como piorar.”
---	--

Um outro Professor Pataxó, multiplicador e mobilizador egresso da Práxis ETJ, já mencionado, reconhece a sua mudança no meio familiar e expressa o seu equilíbrio:

Depoimento de Professor Pataxó 2 dado na Partilha de 2009	“Pessoal hoje eu mudei bastante, tenho família. Praticamente tenho duas filhas já. Muita coisa mudou mesmo. A mais velha já está com um ano e quatro meses. Está vindo outra.”
--	--

Falando sobre o seu desenvolvimento pessoal, a Professora do município, já mencionada, aborda a sua relação familiar:

Depoimento de Professora Municipal dado na Partilha de 2009	“[...] eu aprendi a lidar melhor com meus filhos. De uma forma de ver os adolescentes e jovem de modo efetivo, de olhar dentro para fora. Vê-los enquanto pessoas. Porque sempre foi comum na escola, as pessoas dizerem assim: “Nossa! Como agüentar os meninos aborrecentes”. Eu não pensava assim e o ETJ só reforçou.”
--	--

A prática que se conhece hoje dessa professora, especialista em psicopedagogia, coordenadora de Educação infantil, confirma que, com certeza, ela tem influenciado muito as escolas e a rede de educação municipal, além de ser um ser humano encantador, esta educadora tem contribuído no crescimento das pessoas que estão ao seu redor, a começar pelos seus filhos.

5.13 ESCOLA, CRESCIMENTO E PROTAGONISMO JUVENIL

Depoimento de Professora Municipal dado na Partilha de 2009	“Eu sempre fui muito estudiosa e as experiências que eu vivi nesta convivência multicultural a partir do ETJ só me fizeram ficar cada vez mais estudiosa. Estudar tudo, não só do ponto de vista acadêmico. Estudar mais o que eu sou enquanto pessoa? O que posso melhorar em mim? O que espero das outras pessoas? De que forma eu posso contribuir com o crescimento dessas pessoas?”
--	--

Esta educadora já citada fala sobre a sua relação com a escola enquanto estudante e o seu papel de professora-educadora. Para ela, o estudo tem uma abordagem holística, que considera o ser humano como um ser integral, constituído de dimensões física, emocional, mental e espiritual.

Um ponto importante da relação de adolescentes e jovens envolvidos na Práxis ETJ é o ingresso na universidade, como explicita o Professor Pataxó quanto ao seu investimento em continuar seus estudos:

Depoimento de Professor Pataxó 2 dado na Partilha de 2009	“Eu estudo, só vou me realizar quando terminar meu terceiro grau indígena superior, pois já estou bastante confiante. Vou prestar vestibular para o intercultural, dia 15 agora de março. Então, com certeza esta vaga já é minha. A partir daí, vou me sentir mais realizado com este nível superior.”
--	---

Voltando ao depoimento inicial, é muito interessante a diferenciação que a Educadora faz entre Professor e Educador:

Depoimento de Professora Municipal dado na Partilha de 2009	“O maior desafio é que eu estava sempre numa condição de professora até conhecer I. ³⁰ Aí eu comecei a fazer ali algumas reflexões sobre o que é na essência ser professor. Qual a grande diferença entre professor e educador. O maior desafio foi perceber qual o meu lugar, nesse lugar que se chama ETJ onde conheci a mobilização social e o protagonismo juvenil.”
--	---

O diferencial em ser educador, aquele que dá vida, ocorre quando “o processo educacional, na sua essência, é responsável pela expressão das qualidades, permitindo ao indivíduo crescer na consciência e na responsabilidade de si mesmo e da coletividade.” (RIBEIRO, 2002, p. 76).

No protagonismo juvenil, o educador abre espaço para os adolescentes e jovens serem autores e destinatários, como conta um mobilizador egresso já citado, sobre a sua atuação de jovem protagonista, expressando um certo saudosismo:

³⁰ Mais uma vez, o nome da pessoa citada foi suprimido para preservar sua privacidade.

Depoimento de jovem egresso, dado na Partilha de 2009	<p>“Uma coisa que acho interessante é que nós vivemos momentos tão interessantes, de aprendizado tão grande, que comecei a passar para outras pessoas o que aprendia. Participávamos das oficinas, depois nós passávamos nos colégios, nos bairros em que morávamos. Houve um trabalho bem legal no Baianão. Aí é que nós começamos a ter compromisso com o evento. Eu aprendi muito. Aprendi muito mesmo. Acho e queria que isto retornasse de novo. Eu queria estar presente, estar podendo colocar as minhas pautas e idéias para as pessoas e absorver as idéias dos colegas.”</p>
--	--

Retomando a fala da Professora municipal:

Depoimento de Professora Municipal dado na Partilha de 2009	<p>“Do ponto de vista social, quando disse que acreditar nas pessoas sempre vai ser possível, não existe para mim uma forma mais efetiva de demonstrar que todos podemos ter vez e voz.”</p>
--	--

Reforçamos a nossa crença por uma educação que objetiva a “libertação do oprimido”, que gera autonomia de Ser Quem Somos Nós, que fornece meios de transformar a realidade social mediante conscientização. (FREIRE, 2007).

Para alcançar uma educação libertadora e multicultural, precisamos observar a coerência das políticas públicas, as leis, os marcos regulatórios com as exigências da realidade, sobretudo, dos segmentos socialmente apartados dos direitos.

Neste sentido, temos no nosso grupo de educadores da Práxis ETJ, uma arte-educadora, professora aposentada depois de vinte anos de ensino em escolas públicas e de ter participado do processo de implantação da lei 10. 639/2003, na rede municipal de Salvador, que disse:

Depoimento de Arte-Educadora dado na Partilha de 2009	<p>“Quando se faz a comparação com outros trabalhos no mundo afora vemos que estamos no caminho da verdade, coisas boas, o caminho da cultura. Vemos que as pessoas estão caminhando e que cada uma poderá contribuir e ajudar, cada vez mais, a construir um mundo melhor. A gente fala, mas as ações é que dizem, esse grupo sempre foi de ir a campo, todo mundo tem voz e vez.”</p>
--	---

As mudanças na forma de se relacionar com a escola, oportunizadas pela Práxis também foram conflituosas, como lembra a nossa Educadora Professora municipal, acerca de desafios vivenciados, por conta das desconfianças, das

vaidades sociais e ciúmes gerados pelo engajamento dela nos projetos sociais dos ETJs, aparentemente, fora da escola:

Depoimento de Professora Municipal dado na Partilha de 2009	“Eu era uma forasteira, estava chegando no colégio municipal e fui a pessoa que foi olhada de frente. Este foi um grande conflito de lidar com as vaidades pessoais. Eu tinha de dar explicações, mas as pessoas não entendiam e achavam que eu estava fugindo da raia, não sabendo eles que o trabalho era muito mais intenso, era muito mais forte, muito maior.”
--	---

Esta Educadora fala do seu crescimento da sua confiança, sua capacidade de hoje enfrentar conflitos, no cotidiano do trabalho, se colocando no lugar do outro, ao lado de uma busca de empatia em relação às pessoas no trabalho educativo e comunitário da sua cidade:

Depoimento de Professora Municipal dado na Partilha de 2009	“Mais uma vez eu acreditava e fui fortalecendo em mim uma certa confiança de que eu me sentia a partir dali uma educadora; e continuava vendo meus colegas apenas professores. Então, eu fui buscando ajudá-los a se reconhecerem como educadores. De verem a grande diferença entre ser educador e ser professor.”
--	---

No que diz respeito a dois adolescentes envolvidos na Práxis ETJ, a mudança na sua relação com a escola passa por outra área, a comportamental:

Depoimento de Educadora Comunitária dado na Partilha de 2009	“Eu era uma menina tremendamente rebelde... Como eu era tão insuportável, ninguém me queria dentro de casa. Na época, eu tinha sido expulsa de dois colégios, minha mãe já não sabia mais o que fazer comigo, nem aonde eu ia estudar.”
---	---

A Educadora comunitária se lembra de quando era adolescente, em 1997. Hoje, como Educadora comunitária e graduanda em Serviço Social, ela apresenta a idéia de que:

Depoimento de Educadora Comunitária dado na Partilha de 2009	“O professor é assim, você chega na sala de aula e os alunos estão ali esperando o que você tem de melhor para passar para eles.”
---	---

Esta fala caracteriza o papel do educador de “criar as condições para que, em seu contexto, o educando atualize suas potencialidades, capacitando-se para

manifestar quem ele é.” (LUCKESI, 2005, p. 118); como a educadora comunitária faz no seu cotidiano de trabalho com crianças na escolhinha de Circo.

Outro caso de mudança comportamental na relação com a escola vem do AIS, que também é músico e comandou com a sua banda de pagode, em cima do carro de som, a caminhada *Todos pela Luta Contra a Aids*, numa ação de mobilização social relativa ao Projeto Território de Proteção executado pelo ITJ, na Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Aprendi a ser um melhor aluno, porque eu era terrível (<i>sorri</i>). Terrível, não (<i>pausa</i>) Eu era horrível, de chegar e dar cadeirada em professor. [...] A sala que eu estudava não podia ser a menos bagunçada, tinha que ser a mais, toda série.”
---	---

Antes de encerrar este item relativo à escola, vale relembrar as falas de dois Professores da Escola Indígena Bilíngüe e diferenciada, do ponto de vista pedagógico, como o seu processo de fortalecimento da identidade étnica-cultural contribuiu na sua relação com a escola. Eles foram pioneiros no trabalho de pesquisa da cultura Pataxó junto aos mais velhos, integrantes de um grupo liderado por jovens da Reserva da Jaqueira. Este movimento gerou reconhecimento da escola, que contratou os dois como professores de cultura, para ensinar as crianças da aldeia a sua língua, o que significa um forte avanço no processo de afirmação cultural.

Outro exemplo de reconhecimento pela comunidade indígena Pataxó, que passa pela relação com a escola, foi o da Liderança Pataxó, Educador Ambiental, que sempre se destaca pela sua visão crítica e postura diferenciada:

Depoimento de Liderança Pataxó, Educador Ambiental, dado na Partilha de 2009	“Faço críticas mesmo na escola, pois a crítica faz parte de melhorar a situação. Passei a ser professor, pegava os meninos para escrever; aqueles que não sabiam, eu colocava para desenhar o que era o meio ambiente.”
---	---

5.14 RELAÇÃO COM A COMUNIDADE E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

5.14.1 Respeito pela Tradição

Depoimento de Artesão Pataxó da Reserva da Jaqueira dado na Partilha de 2009	“Gostaria de agradecer muito ao ETJ, porque ele foi um parceiro muito grande para muitos jovens que estão com uma relação muito boa com a sua comunidade. Porque esse ETJ, ele levou a muitos jovens terem uma boa educação dentro da sua área, o que se reflete no trato com a comunidade.”
---	--

O artesão fala da sua comunidade Pataxó de Coroa Vermelha, Aldeia Indígena urbana, criada em 1972, situada no município de Santa Cruz Cabralia, às margens da BR 001, que liga a Porto Seguro, e que possui, aproximadamente, cinco mil habitantes. Ele menciona o respeito que esta comunidade indígena tem pelos jovens e reconhece a importância da Práxis ETJ no estabelecimento desta relação de respeito, valorização e reconhecimento do papel dos jovens na educação, em trazer a língua tradicional de volta, como segue a sua fala:

Depoimento de Artesão Pataxó da Reserva da Jaqueira dado na Partilha de 2009	“Eu também falo de um respeito muito grande que temos na nossa comunidade, os professores e educadores. Hoje eu levo mais em conta a questão da nossa língua, o Patxôhã. Para muitos antigos acabou. Hoje a gente retornou a trazer a nossa bilingua de novo, que é o Patxôhã. Eu também já estou na função de ser futuramente um professor de Pataxó. Adquiri mais educação para a própria comunidade.”
---	--

Numa comunidade, apesar das diferenças entre os seus membros, sejam elas ideológicas, econômicas, religiosas e étnicas, o processo de identificação é tão forte que gera coesão. Uma comunidade pode ser estabelecida geograficamente - agrupamentos se formam em função de uma área geográfica; ou filosoficamente - pessoas se unem por um objetivo comum (CASCÃO et alii, 2007).

5.14.2 Trabalhos Comunitários, Educação e Preservação Ambiental

A Liderança Pataxó, que atua na Escola como Educador Ambiental, já conhecido nesse trabalho, fala da sua experiência na fase adulta, iniciada no ano de 2004, com um Projeto Social do ITJ, que oferecia atividades esportivas e culturais para crianças e adolescentes da Aldeia Pataxó, através de um núcleo do *Programa Segundo Tempo*, financiado pelo Ministério do Esporte.

Depoimento de Liderança Pataxó, Educador Ambiental, dado na Partilha de 2009	“Trabalhei com 200 crianças, eu não tinha experiência, nem escolaridade. Comecei como monitor, depois passei a ser coordenador. O Instituto me ajudou muito, cresci, tive apoio da escola e continuo recebendo apoio até hoje. Foi aí que eu conheci o meu desenvolvimento, quando fui bem valorizado pelas crianças, que me chamavam de professor.”
---	--

Sempre estimulamos este educador auto-didata e liderança Pataxó a voltar a estudar, como era muito difícil e ele já era instrutor dos cursos de qualificação profissional do Instituto, oferecemos a oportunidade de ser monitor do *Programa Segundo Tempo*. Depois de alguns meses de atividades, a comunidade reconheceu que ele deveria substituir o coordenador e fez essa solicitação, que foi acatada por nós.

Quando terminou o convênio, fizemos uma articulação política junto à Secretaria de Educação Municipal de Santa Cruz Cabralia para ele continuar trabalhando na escola, objetivando a renovação do seu contrato com o município, uma contrapartida do Projeto. Assim, ele foi ocupando novos espaços:

Depoimento de Liderança Pataxó, Educador Ambiental, dado na Partilha de 2009	“Eu sou educador ambiental hoje. Na escola, eu continuei com as crianças e passei a ser Professor.”
---	---

Gostaria de destacar o seu papel na preservação ambiental, de ensinar aos alunos da escola e à comunidade o respeito pela natureza, contribuindo para a edificação de valores, hábitos e processos de desenvolvimento pessoal e social dos adolescentes envolvidos na Práxis ETJ:

Depoimento de Liderança Pataxó, Educador Ambiental, dado na Partilha de 2009	“Eu queria fazer a diferença sobre a educação ambiental para que a escola não falasse com os alunos apenas só uma vez por ano. E sim que lutasse, que fosse um processo permanente. Eu queria fazer esta diferença e cheguei a fazer. Eu criei um mini-viveiro para levar as crianças para uma sala diferenciada. Lá elas podiam preparar a terra, plantar a sementinha para valorizar e não cortar uma árvore, que leva tanto tempo para crescer. Se elas estivessem ali, fazendo todo o processo, elas iam ver que demorava para crescer uma plantinha... Hoje a mata não tem mais caça, os rios não tem mais peixe. Tudo isto é uma perda.”
---	--

Tudo isto influenciou na constituição de uma história de vida de alguém que cresceu profissionalmente, superou o preconceito de não ser aceito por falta de escolaridade, graças à sua autoconfiança e sabedoria:

Depoimento de Liderança Pataxó, Educador Ambiental, dado na Partilha de 2009	“Alguns colegas me apoiavam, mesmo sem nível de escolaridade, outros não por causa da escolaridade. Hoje, eu me acho um bom botânico e me acho um bom biólogo, não me sinto por baixo. Mas o que vale hoje não é você ter conhecimento, mas o que vale é ter diploma, eu não pude ter.”
---	---

Na ocasião do *Círculo de Partilha*, a liderança nos toca com profundidade ao lembrar da sua história de vida, da luta do seu povo e narra como o trabalho das crianças em uma aldeia indígena é uma questão social e cultural, mostrando o seu nível de conscientização sobre o trabalho infantil, que é crime nas condições de violação dos direitos da criança e do adolescente:

Depoimento de Liderança Pataxó, Educador Ambiental, dado na Partilha de 2009	“Eu vim de uma nação indígena, muito carente. A gente nasceu no mato. Vivi meus 20 anos mesmo no mato sem poder estudar... Na infância, tive que trabalhar, desde os 10 anos para cuidar e sustentar os irmãos e tios. Aí que você vê que a comunidade indígena é diferenciada, não é como a sociedade branca.”
---	---

Ao final, emocionado, o Educador Ambiental Pataxó evidencia um processo interessante: o reconhecimento institucional do ITJ, através da Práxis ETJ, possibilitou o fortalecimento das suas identidades, a sua afirmação pessoal e profissional e gerou um reconhecimento maior seu, por parte da sua comunidade, da sua aldeia indígena:

Depoimento de Liderança Pataxó, Educador Ambiental, dado na Partilha de 2009	“Eu aprendi com isso, o ETJ me ajudou, fez com que as pessoas da comunidade me vissem: sou um índio, sou um pai, sou um educador diferenciado.”
---	---

5.15 IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL

Afirmar uma identidade étnico-cultural é afirmar uma certa originalidade, uma diferença, e, ao mesmo tempo, uma semelhança. Idêntico é aquele que é perfeitamente igual. Na identidade, existe uma relação de igualdade que cimenta um grupo, igualdade válida para todos os que a eles pertencem. Porém, a identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, diferente. (GADOTTI, 1992, p. 34).

A identidade cultural nos remete a várias questões relativas às nossas origens, conquistas, produções culturais, estereótipos referentes a diferentes povos, discriminações e preconceitos.

O Agente de Indígena de Saúde (AIS), já referido, nos ensina sobre processos identitários, a partir da narrativa da sua história de vida, com especial atenção à afirmação da sua identidade étnico-cultural, como um Pataxó, que, segundo ele, foi o primeiro grande conflito enfrentado:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Meus conflitos foram, de início, comigo mesmo. Eu sou filho de índio com negro. Minha mãe é de descendência negra, tem uma certa mistura. Meu pai é totalmente puro índio. Então, eu me comparava com os outros e pensava: eu sou o cara que tem mais traços de negro do que de índio. Eu não me identificava, eu não conseguia, eu não me imaginava pintado, nem me imaginava estar ali dançando.”
---	--

Os conflitos citados se relacionavam com o senso de pertencimento étnico, com a dificuldade deste adolescente sentir-se parte do povo indígena Pataxó. Parece que ele encontrava-se aprisionado na categoria “raça” – “herança física permanente entre os vários grupos humanos” (CASCÃO ET ALII, 2007, p. 55), construção política e social; um conceito relacional, que se constitui histórica e culturalmente, a partir das relações entre os grupos sociais. Prisão que lhe fazia de vítima de racismo e preconceito.

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum, têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão, uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. (MUNANGA, 2004, p. 28 apud SIQUEIRA, 2004, p. 91)

Como se vê, a condição étnica, a afirmação do pertencimento, amplia a visão sobre o sujeito, supera o determinismo biológico, considerando deste modo, todas as outras dimensões que o constituem.

O aspecto físico de mestiço em análise, com fortes traços negros, lhe impedia de se assumir enquanto indígena. Os traços da cultura indígena, pintura, canto, dança, ainda não tinham sido introjetados:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Quando de repente eu fui fazer uma visita na Reserva da Jaqueira, quando me vi, eu estava no encontro, participando. Eu estava só participando, só com um cocar, não estava pintado, mas mesmo assim eu estava me sentindo um peixe fora d’água. Se eu tivesse só tirado o cocar, eu me sentia melhor
---	--

As expressões culturais indígenas e africanas fortalecem a identidade étnico-racial, promovem a auto-estima e auto-confiança; têm forte relação com a memória e a tradição oral; resgatam processos de luta e resistência, valorizam e mostram os feitos dessas populações; trazem aspectos negados dessas culturas (CASCÃO ET ALII, 2007).

Um Artesão Pataxó da Jaqueira, que já foi citado, mostra o vínculo com a sua identidade cultural através da arte:

Depoimento de Artesão Pataxó da Jaqueira dado na Partilha de 2009	“Venho praticando diariamente a minha cultura [...] hoje, dentro da minha comunidade, eu tenho um trabalho que é cultural mesmo e importante que é arte. Eu tenho a minha <i>arte</i> de esculpir em madeira, pintar em tela.”
--	--

Retomando o processo do AIS Pataxó, a partir de um comentário de um Educador Pataxó que lhe acompanhou e deu apoio, vamos abordar um outro elemento da cultura, o cocar.

Fala de Educador Pataxó 2 dado em encontro posterior à Partilha	“O primeiro passo foi usar um adorno, a pintura era mais difícil, incomodava mais, poderia gerar comentários e questionamentos dos outros sobre um negro “se pintar” de índio, pelo fato de ainda existir uma imagem estereotipada do índio. Naquele momento do evento, a pintura poderia chamar mais a atenção dos outros e ele ainda não estava seguro. O cocar era móvel, poderia ser retirado a qualquer momento”.
--	--

Estamos nos referindo a preconceito quando falamos de uma idéia pré-concebida ou um conceito que formamos de alguém ou de alguma coisa, antes mesmo de conhecer, ou de fazer algum contato, que passa a valer como uma regra ou uma verdade. A discriminação consiste em transformar em ato o que a consciência formou de pré-conceito, rompendo com o respeito, excluindo, marginalizando e desqualificando pessoas, histórias, culturas, civilizações. O racismo é proveniente do conceito de raça, uma ideologia de dominação e subjugação de grupos biológicos, como se existisse uma herança biológica que determinava a superioridade e a inferioridade entre os povos (CASCÃO et alii, 2007).

Os preconceitos podem se configurar como obstáculos determinantes e intransponíveis, gerando medo, insegurança de não ser aceito, excluído, ou marginalizado.

Na fase da adolescência, as mudanças, as descobertas e a formação de valores se fazem presentes, é preciso oportunidades para o estabelecimento de vínculos afetivos e de confiança. A atitude de trancamento e a criação de defesas são geradas, em sua grande maioria, em situações de medos, de dificuldades de relacionamento familiar, de conflitos no meio escolar e de sofrimentos gerados por preconceitos – ser “aborrecente”, ser preto, ser índio.

O que fazer para se encontrar consigo mesmo, descobrir o que eu sou, me reposicionar na família, na minha sala de aula, no meu bairro, na minha aldeia e encontrar meu lugar na sociedade? Neste caso, a grande questão era:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Saber diferenciar que aqui tem uma mistura. O primeiro conflito foi me conhecer e depois conhecer toda comunidade.”
---	--

Trata-se de um conflito que é muito comum, a dificuldade de lidar com a questão das diferenças e a mestiçagem:

A mestiçagem não pode ser concebida apenas como um fenômeno estritamente biológico [...]. Seu conteúdo é de fato afetado pelas idéias que se fazem dos indivíduos que compõem essas populações e pelos comportamentos supostamente adotados por eles em função dessas idéias. A noção de mestiçagem, cujo uso é ao mesmo tempo científico e popular, está saturada de ideologia. (MUNANGA, 2006, p. 18).

No caso específico, tratava-se de assumir uma identidade que é única, no seu caso ser ele, um índio Pataxó, que tem no corpo traços negros. Essa aprendizagem se deu a partir da convivência com seus parentes, participando das manifestações culturais do seu povo. Nesse caso, a afirmação de sua identidade étnica abriu portas para a descoberta de si mesmo, para o encontro consigo mesmo:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“A minha segunda dificuldade, depois que eu aprendi isso ali sobre índio, era falar de mim, falar de alguém, dar opinião sobre outras pessoas era fácil, mas falar de mim, qualidades e defeitos, aquilo para mim era um tiro. Eu enfrentava qualquer um, qualquer coisa, mas não sabia falar nada sobre mim. Foi outro desafio que, em grupo, eu tive que aprender, me expressar, a fala, a aceitar como eu era, porque estava ali como um Pataxó.”
---	--

Este outro depoimento traz uma nova questão muito importante: lidar com o processo de socialização após a afirmação da sua identidade étnica-cultural, ser um Pataxó. O contato com o outro, com um grupo, possibilita a expressão, o que faz com que eu me reconheça diante do outro. Quando eu falo, eu estou afirmando quem Eu Sou, a minha fala é uma expressão de auto-aceitação.

Tanto o indivíduo quanto as suas concepções de realidade são constituídos nas relações interpessoais. Essas inter-relações são mediadas por crenças, padrões, práticas e normas de toda uma sociedade e esta, por sua vez, em parte, constituída por esse mesmo indivíduo dela participante, em um processo contínuo e dinâmico de mútua construção, cuja direção não é casual, mas determinada pela somatória de ações políticas de todos os indivíduos que a constituem. (FERREIRA, 2004, p. 44)

As interações sociais são processos constitutivos das identidades pessoais, que se relacionam com as identificações e introjeções, como explica o AIS:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Eu fui absorvendo um pouquinho de cada um. Peguei dela as palhaçadas. A serenidade de um, os valores de outro. Quando juntamos todos os valores e defeitos, você acaba fazendo uma feira de coisas boas, que quando você obtem e ingere tudo, acaba virando outra pessoa.”
---	---

O que fazer com os valores negativos introjetados no processo de socialização? Primeiramente acreditar que este processo é contínuo, portanto, mutável, o que garante a transformação desta polaridade negativa para uma afirmação positiva da identidade, que contribui para processos de desenvolvimento pessoal, no que diz respeito à auto-afirmação, expressão, comunicação e estabelecimento de relações interpessoais.

Nesse sentido, constatamos que no processo de desenvolvimento pessoal e social do AIS, ele se libertou dos estigmas negativos que possuía a partir do seu processo de afirmação étnica e cultural, e assim foi vencendo os seus desafios graças à sua força de vontade e o apoio de outros Pataxó integrantes da Práxis ETJ:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Ali junto com A ³¹ que foi um cara que eu aprendi, ele estava sempre do lado. É bom sempre ter uma ‘colinha’. Eu perguntava o que era aquilo, ele respondia com toda calma do mundo.”
---	---

Um marco importante deste processo é o momento em que ele passa a se expressar como um representante cultural, como um educador Pataxó, que tem a responsabilidade de passar a cultura do seu povo para outros adolescentes Pataxó e para outras pessoas, fora da sua comunidade:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	“Outro desafio era dar as minhas opiniões, mas quando, de repente, eu me peguei já fazendo um planejamento de um ETJ, da parte cultural, mais indígena, me vi como educador.”
---	---

O Professor Pataxó 2, após discussão sobre a análise dos depoimentos relatados, afirma que:

Depoimento de Professor Pataxó 2 em encontro posterior à Partilha	“Inicialmente, ele descobriu quem verdadeiramente ele é, assumindo a sua identidade, porque foi através dos ETJs e Centro de Voluntários do Sítio do Descobrimento (CVSD), que ele começou a atuar como adolescente... Depois que ele assumiu quem ele é, ele se soltou, e está integrado a comunidade.”
--	--

³¹ Trata-se do Professor Pataxó 2, cujo nome foi suprimido em respeito à sua privacidade.

A escuta desse processo identitário gerou algumas reflexões e novas questões: o parente jovem passou a ser uma referência, para um aprendiz da sua cultura. É justamente nesse ponto que precisamos entender melhor, o que fazer quando vivemos numa sociedade que é fruto de um processo histórico de colonização, na qual nos é negado o direito de aprender sobre a nossa própria cultura na nossa família, na escola fora da aldeia. Quais os caminhos para o encontro consigo mesmo, para a construção da nossa identidade étnico-cultural, quando os nossos parentes, a escola pública do município, a aldeia urbana sofreram um processo de aculturação que retirou do cotidiano o nosso modo de ser, de se vestir, de se pintar, de usar adornos, de falar a língua? Qual a resposta dada pela comunidade indígena Pataxó de Coroa Vermelha a este problema contemporâneo?

Ao compartilhar as minhas indagações com o Professor Pataxó 2, ele respondeu, fazendo uma retrospectiva do movimento social de que participa na sua Aldeia:

Depoimento de Professor Pataxó 2 em encontro posterior à Partilha	“Juntos temos a organização interna da aldeia, temos os projetos culturais, como a própria Reserva da Jaqueira, o trabalho de afirmação cultural do comércio indígena, os jogos Pataxó nas suas nove edições. Enfim, todo esse conjunto mais o trabalho de pesquisa e da cultura que são feitos pela escola.”
--	---

A Práxis ETJ se configura como um espaço inovador de aprendizagens culturais, onde os jovens assumem também um papel muito importante, na passagem das tradições por meio de conhecimentos orais, fortalecendo um hábito construído na convivência com os “mais velhos” de sua aldeia ou comunidade.

A história de um adolescente Pataxó aqui compartilhada evidencia transformações, desenvolvimento, aprendizagens, superação de dificuldades e desafios, como elementos que se interligam na construção de nossos processos identitários. Ele como protagonista, guerreiro, venceu os seus medos de não ser aceito, enfrentou os preconceitos raciais e hoje participa de processos de educação comunitária na sua aldeia:

Depoimento de AIS dado na Partilha de 2009	"Foi assim que nós nos transformamos hoje. A gente pode não estar na área de educação, mas nós, quando nos olhamos no espelho, vemos que somos outra pessoa. Eu tenho capacidade de educar qualquer outra pessoa, porque eu fui educado, eu aprendi. Eu não só participei, eu aprendi com as minhas dificuldades e desafios. Na verdade, o que poderia ter sido feito, só dependia de mim mesmo. E foi o que eu fiz, não tive medo, fui, fiz e consegui."
---	---

5.16 O PAPEL DO GESTOR SOCIAL E SEU PERTENCIMENTO À SOCIEDADE BRASILEIRA

A primeira vez que participei foi especialmente importante, porque conheci uma história indígena que nunca tinha visto nos livros. Me senti participando de uma tribo, a tribo do Brasil formada por vários povos e muitas culturas. (Rodrigo Alves ao jornal *A Tarde* em 6 de abril de 1999).

Este depoimento de um jovem, liderança do Alto das Pombas (Salvador Bahia), que esteve presente em seis ETJs expressa o seu senso de pertencimento enquanto Brasileiro após participar do segundo ETJ. No mesmo ano, o escritor indígena Kaká Werá Jekupé fez uma declaração em jornal que evidencia a oportunidade gerada pela convivência multicultural relatada pelo Jovem: "Nunca um encontro chegou tão perto do resgate e cultivo da alma ancestral brasileira" (ao jornal *A Tarde*, em 1999).

A sociedade brasileira caracteriza-se por uma pluralidade étnica, fruto de um processo histórico que inseriu num mesmo contexto os indígenas que aqui já viviam, com suas organizações e suas culturas, os portugueses colonizadores e os descendentes das civilizações africanas. Esse contato propiciou o intercuro dessas culturas, levando à construção de um país inegavelmente miscigenado.

Vista dentro desse contexto colonial, a mestiçagem deveria ser encarada, primeiramente, não como um sinal de integração e de harmonia social, mas sim como dupla opressão racial e sexual, e o mulato como símbolo eloqüente da exploração sexual da mulher escravizada pelo senhor branco (MUNANGA, 2004, p. 31).

Para podermos lidar com estas questões, faz-se necessário incorporar nas responsabilidades do gestor social, a de ser um mediador entre atores e suas representações, em escalas de poder e formas organizacionais, eticamente

determinadas, e estrategicamente orientadas à promoção do desenvolvimento de indivíduos, grupos e coletividade, dentro de marcos culturais e identitários.

[...] o gestor social, num mundo onde a segurança humana não é prioridade, busca reabilitar a experiência pessoal do ser humano como medida básica das coisas, sobrepondo a moral à política e a responsabilidade à finalidade, pois só assim, vinculando o ser humano a algo superior à sua individualidade, romperá a incabível prisão onde os problemas sociais, convenientemente estigmatizados, são transformados em problemas policiais. (MELO, 2007)

Precisamos rever o nosso papel de gestor social na Sociedade Brasileira, a começar pela constatação de que temos um problema de raiz na constituição da nossa identidade de povo brasileiro:

O sistema colonial escravista brasileiro nega ao escravizado/colonizado o direito à sua cultura, à sua religião e sobretudo o direito de ser. O que deveria ter sido um encontro de civilizações foi uma prática de negação do ser humano por parte dos colonizadores em relação aos africanos e seus descendentes. A cultura hegemônica européia tem como grande legitimadora a ciência. A hegemonia ocidental criada pelo modelo experimental de construção do conhecimento, a partir da razão instrumental nega valores de culturas locais, manipula identidades não ocidentais aqui no Brasil: indígenas e africanas; nega a possibilidade de um diálogo entre iguais com outras culturas, outras linguagens, outras crenças, outras religiões, outros costumes, outros padrões de convivência e de organização social. (SIQUEIRA, 2006b, p.26)

Deve ser papel do gestor social valorizar a nossa herança ancestral indígena, ou, como diz Gambini, despertar o gigante adormecido:

[...] vivemos um processo de séculos buscando ideais e valores de outras culturas, dando as costas para a milenar sabedoria indígena que, desde o começo, foi vista como desprezível, como equívoco, como inferioridade, etc. Essa questão do saber negado faz parte do despertar do gigante. Ele tem que se dar conta de que há potencialidade, um conjunto de conhecimentos e maturação humana já conquistados há séculos. Despertar é isso. (GAMBINI; DIAS, 1998, p. 196)

6 ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA PRÁXIS ETJ

6.1 CONVIVÊNCIA COM A DIFERENÇA EXPRESSA NO DECURSO DO TRABALHO: SIGNIFICADO PESSOAL, PRINCIPAIS DESAFIOS E SUGESTÕES

O investimento na Práxis ETJ oportunizou um reencontro comigo mesma, uma aproximação entre saberes, teoria e prática, em sintonia com ensinamentos ancestrais indígenas e africanos, com valores e princípios que sempre pautaram as diversas dimensões da minha vida. Esse processo validou todo o meu caminhar pessoal e profissional, e, a partir de uma visão holística, ratificou a relevância do trabalho do Instituto Tribos Jovens e a importância da pesquisa em curso, que lida com processos identitários, educação multicultural e desenvolvimento.

O primeiro grande desafio foi encontrar foco no trabalho da pesquisa, após definir o problema, dada à complexidade e abrangência da Práxis ETJ. Diversas possibilidades se abriram, e eu tive que fazer escolhas, modificar decisões tomadas, o que gerou dúvidas, angústia e de certa maneira frustração, como foi o caso de não haver tempo para realizar um estudo comparativo entre a Práxis ETJ e a da Blue Quills First Nations College, o que possibilitaria um aprofundamento na temática de colonização e descolonização, implicaria num trabalho de campo, com um número maior de pessoas, e, em consequência, uma certa ampliação do referencial teórico.

Outro desafio enfrentado foi o de selecionar no acervo documental do ITJ, o que era mais profundo, com objetividade, pois ao entrar em contato com os documentos e imagens, uma sucessão de recordações se fizeram presentes,

trazendo saudades, indagações e questionamentos. Uma certa nostalgia tomou conta de mim.

Quando decidi utilizar a técnica de Círculo de Partilha, o *Sharing Circle*, abri mão de um direcionamento sobre os depoimentos dos sujeitos participantes, que poderia ter sido obtido com a opção de realizar entrevistas guiadas por questionários, de acordo com as categorias de análise definidas previamente, a partir da minha compreensão sobre a Práxis e o processo de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes, na gênese do estudo.

6.1.1 Como foi falar de um Sujeito de Pesquisa do qual faço parte

Falar de um sujeito de pesquisa do qual eu faço parte foi um exercício de atenção, humildade e de respeito às diferentes opiniões e percepções sobre a Práxis ETJ e as relações estabelecidas entre ela e as vidas dos adolescentes envolvidos. Sendo assim, eu falei de algo que faço parte utilizando-me das palavras e expressões dos outros, na busca de uma unidade na diversidade que atribuisse características e legitimidade ao nosso trabalho, evidências, qualidades e desafios, a partir de diferentes visões de uma mesma realidade.

Ao reunir os sujeitos participantes nas Partilhas para escutá-los e colher depoimentos, material para análise, alguns conflitos antigos reapareceram, o que gerou oportunidade de levá-los a um outro nível de consciência, com maior grau de maturidade e abertura para lidar com as emoções e confrontá-las.

Nesse sentido, o que percebo é que a experiência da pesquisa de mestrado contribuiu com o meu processo de auto-desenvolvimento. Adquiri uma postura de maior abertura para lidar com conflitos, sentindo menos incômodo ante as divergências de opinião sobre um mesmo assunto, estabelecendo maior contato com as emoções, mesmo que isso gere grande desconforto, ou até mesmo sensações físicas desagradáveis. Esse estágio em que me encontro tem possibilitado uma amplitude maior de visão de mundo, das pessoas e das situações, com mais sensibilidade e cuidado no lidar com pessoas, incluindo as da equipe do ITJ.

A partir da crença de que enxergamos de múltiplas formas e ângulos, de acordo com as nossas lentes (*frames*), fica tudo mais fácil. Essa nova postura pessoal tem facilitado uma aproximação para uma gestão da organização da sociedade civil (OSC) Instituto Tribos Jovens cada vez mais participativa e democrática.

Segundo Jung, no processo de individuação de mulheres, vamos nos desapegando das nossas certezas, de sermos “donas da verdade”, aos poucos abrimos mão do controle e luta pelo poder, que é ditado pelo arquétipo do nosso “animus”, nossa instância interna do masculino. Talvez seja este um estudo interessante de se fazer, trazendo luzes para a escuta ativa e a gestão criativa de conflitos a partir da psicologia transpessoal.

6.1.2 Retomando as contribuições de autores e atores visitados

Nesse momento final de análise, vale fazer uma reflexão acerca das diferenças, sobre a construção de um referencial teórico a partir de um processo empírico, considerando que a Práxis ETJ precisava consolidar a aliança teórica; das dificuldades em articular conhecimentos sobre a temática que se relaciona com uma Práxis que tem um peso maior indígena.

Foi sob a luz de autores negros, professores doutores e pesquisadores, cujos trabalhos “criam e recriam mecanismos de resistências” (SANTOS, 2006, p. 47) que ampliei a minha compreensão sobre identidades e diferenças, diversidades, desigualdade e multiculturalismo.

No tratamento de uma educação diferenciada e libertadora das opressões vividas no Brasil e na Bahia, sabemos da existência de alguns professores africanos e afro-brasileiros que trabalham com a especificidade africana e afro-brasileira na perspectiva do pensamento africano e suas elaborações no Brasil. Por exemplo, os Professores Doutores Kabengele Munanga, Maria de Lourdes Siqueira, Vanda Machado, Nilma Lino Gomes, Nanci Rebouças Franco, Elias Lins Guimarães e Petronília Beatriz Gonçalves de Silva, Ana Cecília Silva, Jacques Dadeskey.

Gostaria de salientar o quanto foi importante contar com uma orientadora que pesquisa a construção do conhecimento em busca de uma epistemologia inspirada no pensamento africano, a antropologia de populações afro-brasileiras: ancestralidade, religiosidade e culturas afro-brasileiras.

O meu percurso na busca de conceitos estruturantes e de referenciais teóricos acerca das temáticas de pesquisa, que hoje fazem parte da fundamentação da Práxis ETJ, propiciaram a ampliação de temáticas e assuntos vistos no próprio curso de mestrado em Gestão Social, nas áreas de política, governo e Sociedade, cultura e identidades.

Constatarei que a visão dos estudiosos, professores do curso de Gestão Social, pesquisadores, pessoas que não foram oriundas da diáspora africana e não pertencem às cento e oitenta etnias indígenas remanescentes no Brasil, dificilmente conseguem dimensionar com profundidade às mazelas de todo o processo de colonização que se perpetuam ao longo da nossa história.

Na área de Ciências Sociais e Antropologia, o Analista Junguiano Dr. Roberto Gambini é uma das exceções por apresentar uma sensibilidade e visão diferenciadas, ao fazer uma leitura profunda na área de psicologia analítica sobre a “alma ancestral brasileira” (2000). Ele possibilitou um referencial ao nosso trabalho, e, desde o ano 2000, muito nos honra em integrar o Conselho Consultivo do ITJ.

Vale salientar que na revisão da literatura que realizei, já no processo da dissertação, encontrei mais autores africanos e afro-descendentes que indígenas. Optei por utilizar no marco teórico, autores indígenas norte-americanos, visto no Brasil serem raros os trabalhos de indígenas que tratam sobre as temáticas de estudo. O que é mais comum de se encontrar são pesquisas de antropólogos, sociólogos e indigenistas, que seguem as trilhas de pensamento desbravadas pelos mestres, os irmãos Villas Boas, Darci Ribeiro, Paulo Freire, Roberto da Matta, Roberto Cardoso de Oliveira, Carmem Junqueira, Edgar de Assis Carvalho, enriquecedores desse trabalho.

A descoberta da educação a partir de Gaddoti apontou diretrizes pedagógicas que partem da constatação de que as diferenças são originadas nas relações de poder, que se constroem na história de predomínio do sistema capitalista

hegemônico e exercem influência direta nos processos identitários, base para afirmação do sujeito e o seu desenvolvimento pessoal e social.

Na residência social do mestrado, no Blue Quills First Nations College (BQFNC), vivenciei uma experiência de escolas que valorizam e respeitam a diversidade cultural. Trata-se de uma instituição de ensino com doutores e mestres indígenas, pesquisadores e gestores sociais, que resistiram, com as suas famílias, a longos anos de um regime de escolas residenciais. Há trinta e cinco anos vêm criando estratégias de descolonização e honram os seus ancestrais, difundindo a sabedoria milenar como fundamento de trabalho, que além de referendar teoricamente os currículos, estratégias e planejamento pedagógico, têm como lema a prática do que é falado (*walk the talk*).

O Blue Quills é uma instituição pioneira, um modelo de Práxis no campo da gestão social, que interliga saberes, a exemplo da integração entre os ensinamentos ancestrais e valores, da “Roda de Medicina” com ferramentas de gestão, planejamento estratégico para dez anos, instrumentos de avaliação reflexiva, *Círculos de Partilha*, assim como a tecnologia da informação, a neurociência, além de rituais como a “Sauna Sagrada” (“*Sweat Lodge*”) e a técnica de “Constelação Familiar”, com base em Hellinger.

Outra aprendizagem importante se deu a partir do conhecimento de currículos baseados numa visão holística, no desenvolvimento de habilidades e competências físicas, mentais, emocionais e espirituais – o que constitui uma referência fundamental para processos de desenvolvimento de adolescentes e jovens que se tornam sujeitos autônomos e promotores de cidadania.

6.1.3 Vivência na Escola Blue Quills: um exemplo de quebra de paradigmas

O Blue Quills introduziu os rituais no currículo, o que significa um ato de quebra de paradigmas, que amplia os limites da criatividade e inovação e toca em um dos desafios da Práxis ETJ: o de tangenciar o sagrado. Essa quebra induz a um questionamento maior sobre o papel de gestor social na sociedade contemporânea, a partir dos novos paradigmas que rompem com modelos positivistas, deterministas

e tecnicistas, ainda prevalentes nas arquiteturas curriculares de nível fundamental e superior.

As sociedades contemporâneas trouxeram um maior nível de complexidade e desigualdades, que nos obriga a pensarmos em novas formas de ver e lidar com as questões, o que implica na necessidade de repensar formas de reconstrução da relação teoria e prática. A nova natureza dos problemas chama por criatividade, inovação, com foco nas pessoas, e nos leva a um caminho de busca de soluções não-lineares, em prol do desenvolvimento de estratégias e meios para construir a vida com direitos de cidadania.

Nesse sentido, vale compartilhar os objetivos almejados pelo Blue Quills quando introduz práticas ancestrais, rituais, como tópicos especiais num curso de Mestrado em Trabalho Social, característica inovadora que se relaciona com as Metodologias não-convencionais em Gestão Social (GIANELLA, 2007).

A finalidade maior é a de reconstruir conexões pessoais e espaciais, que possibilitem o uso de métodos tradicionais indígenas em prol do desenvolvimento individual e coletivo. Há necessidade de libertação de um legado dolorido de vergonha e as conseqüências de um passado histórico que nega a existência de outras culturas e outros conhecimentos, como consta nos objetivos curriculares do curso de Mestrado em *Social Work* do BQFNC:

Liberar dos impactos trans-geracionais da escola residencial e conseqüentes traumas de infância – separações, alcoolismo e drogas; aprender e vivenciar rituais de cura tradicionais para desenvolver a capacidade de estabelecer conexões com os outros, de conviver socialmente e desenvolver senso de pertencimento e de humanidade; desenvolver a capacidade pessoal de apoiar e facilitar processos de *healing*. (Blue Quills First Nations College, 2008, tradução nossa)

6.1.4 Políticas públicas e diversidade

A problemática multicultural nos coloca de modo privilegiado diante dos sujeitos históricos que foram massacrados, que souberam resistir e continuam hoje afirmando suas identidades e lutando por seus direitos de cidadania plena na nossa sociedade, enfrentando

relações de poder assimétricas, de subordinação e exclusão. (CANDAUI, 2008, p. 17).

Estamos num momento de certa abertura para um estudo da diversidade cultural, que coloca essa questão no centro da atenção mundial de certos grupos, organizações, setores de governo e Estado, incluindo certos programas de governo e políticas públicas de ações afirmativas. Isso tem gerado em certa medida, algum tipo de mudança através de ações pontuais nas áreas de saúde, educação e cultura, como veremos a seguir.

A lei 10.639/2003 e a lei 11.645/2008 tornam obrigatórios os estudos de história e cultura afrobrasileira e indígena contribuindo para uma formação social política e cultural de crianças, adolescentes, jovens e adultos nos sistemas de ensino médio e fundamental.

Entendemos que o poder não se esgota no Estado, ele se alarga pela sociedade civil, movimentos populares, nas esferas da arte e da cultura que incluem novos modos de pensar, de sentir e de agir, modificando valores e representações ideológicas.

As bases para construção de novas parcerias que objetivem maior efetividade das políticas públicas relativas aos direitos educacionais e culturais de crianças, adolescentes e jovens, a partir da nossa experiência, aponta para a necessidade de criar mecanismos para a implementação de políticas que precisam ser refletidas, a partir do que o Professor da UFBA nos chamou atenção nos *Círculos de Partilha*:

<p>Depoimento dado por Professor UFBA em Partilha de 2009</p>	<p>“A idéia é generosa e os desafios continuam. A instituição continua sendo jovem, com limitações de toda ordem, fundamentalmente as materiais. Tem instituições no estado que deveriam cumprir esse papel e não o fazem. Uma coisa é o sonho, outra é a materialização do sonho, com atores e parceiros e inclusive no nível pedagógico. Acho que temos que avaliar a possibilidade de retomar, mas em nova perspectiva, um trabalho mais coletivo, não centrado na figura de uma pessoa nem só na diretoria do ITJ, os parceiros teriam que colaborar na formatação e realização, desde o plano federal estadual, regional, uma rede com maior eficiência para que depois os equívocos não fiquem em cima de uma pessoa só ou de uma organização apenas.”</p>
--	--

É preciso rever os papéis das organizações da sociedade civil, do Governo e das instituições de ensino, o que tem a ver com uma questão fundamental trazida por Dupas na redefinição do público e do privado na atualidade (2003, p. 20-22). Nós que atuamos em organizações da sociedade civil, ao incorporar o papel de ator

de desenvolvimento local, podemos mais facilmente ser articuladores de interesses, geralmente conflitantes entre os diversos agentes envolvidos, temos maior capilaridade ao transitar em negociações entre distintos terrenos políticos, na busca da mediação das diferenças, no sentido de estabelecer consensos e linhas de ação que possibilitem uma gestão do campo social a partir de redes de trabalho e solidariedade.

Touraine sugere que só é possível pensar em democracia quando se pensa na luta contra o poder e diz que “a democracia terá possibilidade de se desenvolver plenamente quando os atores sociais e atores políticos estiverem ligados uns aos outros.” (1996, p. 92). O autor reforça a importância dos movimentos sociais ressurgirem para que ocorra uma reforma política importante, na qual sujeitos autônomos possam fazer uma intervenção na vida pública.

As políticas públicas têm o propósito de instituir normas de convívio social para assuntos emergentes ou emergenciais numa coletividade. Buscam estabelecer os direitos e deveres, do público e do privado bem como delimitar os papéis sociais dos indivíduos e instituições.

Percebe-se um momento político favorável para um maior reconhecimento desta Práxis, nas esferas políticas dos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia:

Depoimento dado por Professor UFBA em Partilha de 2009	“Fazer essa reflexão numa universidade publica é uma sinalização importante e relevante e nós temos que continuar trabalhando na busca dessa compreensão e sensibilidade que encontramos nos trabalhos do ITJ.”
---	---

Presenciamos fatos concretos como a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) a partir do Governo Lula, em 2003, a nível nacional, e de secretarias estaduais na Bahia, Maranhão e Pernambuco.

Em âmbito municipal, foi criada a Secretaria de Assuntos Indígenas de Santa Cruz Cabralia, que liderou a partir de um Pataxó, Jerry Matalawê e do Cacique Aruã um movimento social no Extremo Sul da Bahia, que teve como resultado a criação de uma Coordenação de Políticas dos Povos Indígenas da Bahia, na Secretaria de

Justiça, que ganhou cidadania e direitos humanos, esta criada pelo governo Jacques Wagner, primeiro governador a abrir as portas do Palácio de Ondina para receber indígenas de todo o estado, representantes dos quatorze povos da Bahia que se engajaram nesse movimento social a fim de negociarem novas políticas.

A constituição do Conselho Inter-Racial em Porto Seguro, do qual fazemos parte há mais de um ano e a construção do Plano Plurianual (PPA) do Governo, através de um processo de consultas públicas, são exemplos de que existem avanços na política cultural do estado da Bahia. O PPA delineou territórios com critérios de identidades e orientou a Secretaria de Cultura a criar condições e estratégias para ampliar o acesso das comunidades indígenas da Bahia aos programas de Governo, por meio de editais, de assessoria técnica local para elaboração de projetos, o que tem possibilitado uma maior inclusão nas políticas de governo.

Todo este processo vem sendo acompanhado de um trabalho que valoriza a existência de quatorze etnias no estado da Bahia (E14)³².

Na perspectiva da formulação e da execução de políticas públicas específicas, que reconheçam e valorizem a diversidade cultural em sua complexidade e multiplicidade, é de interesse do Estado o fortalecimento das culturas que se relacionam às atividades simbólicas e produtivas dos povos indígenas da Bahia. Só assim eles serão vistos como referência histórica fundamental, para nós e para as futuras gerações. (Jacques Wagner, do folder E14, 2008).

Na área de educação, há uma representante dos povos indígenas que participa do Conselho Nacional de Educação; uma coordenadora estadual de educação indígena, Rosilene Araújo e, na Secretaria de Desenvolvimento Social, há um representante indígena Agnaldo Pataxó que é assessor especial do Secretário.

Apesar dos avanços constatados nesse trabalho com a incorporação desses diversos atores políticos e sociais, observa-se ainda uma distância entre o discurso das políticas públicas e a Práxis.

Acredito que estamos em sintonia com os fundamentos teóricos de Sclavi, no sentido de que já atuamos em prol do desenvolvimento de capacidades reflexivas de aprender a aprender, que interpretam a realidade a partir de vários ângulos. Dessa forma, há algumas trilhas a seguir, como a arte da escuta que possibilita o

³² E14 é a marca criada pelo Governo estadual para designar as 14 etnias indígenas da Bahia.

reconhecer do outro no processo de construção de uma realidade mútua, honrando o silêncio, fundamento da palavra e da escuta. Como nos ensinou Bernardo Toro, em palestra na UFBA de 05 de maio de 2009, o diálogo e a escuta são instrumentos para a criação de novos bens coletivos e éticos.

6.1.5 A continuidade da Práxis ETJ a partir dos estudos realizados

Nossas preocupações maiores sempre estiveram centradas em algo que desconstrua hegemonias, etnocentrismos, advindos da dominação ocidental, dos alicerces iluministas, da racionalidade, que não leva em conta os atores sociais, de grupos e comunidades negras e indígenas e suas práxis político-sociais, organizações, onde se realiza o trabalho profissional de gestão social. (SIQUEIRA, 2006b, p. 101)

A consolidação dos fundamentos teóricos da Práxis ETJ pressupõe e reforça a necessidade de uma abordagem política, que facilite a identificação das relações de poder e a compreensão sobre o acompanhamento de processos de construção de identidades. Isso implica em contribuir com adolescentes, jovens e educadores para a criação de uma postura crítica sobre a nossa história, possibilitando uma visão mais libertadora, ao entender inclusive que o conceito da diversidade não é estático, pois ela interage com a diferença que é criada a partir de um sistema de poder.

A revisão e ampliação do referencial teórico da Práxis ETJ em função da relação investigada e confirmada entre a Práxis e processos de desenvolvimento pessoal e social nos faz considerar a necessidade de rever o planejamento pedagógico e curricular do ETJ, assim como de projetos e programas de formação de adolescentes, educadores e de qualificação social e profissional realizados pelo ETJ. É preciso reforçar uma didática de fácil acesso que objetive a tomada de consciência do nosso processo histórico, entre colonização e escravidão, identificando as relações de poder e compreendendo como as diferenças e as desigualdades se formam e se estabelecem. Isso requer um investimento no desenvolvimento de um currículo e material didático a partir de uma construção participativa, com base na reflexão e vivência das entidades parceiras, incluindo a experiência do Blue Quills, no Canadá.

Acredita-se que a significativa presença na Práxis ETJ de arte-educadores, de professores e lideranças indígenas, incluindo adolescentes, jovens, caciques e pajés e educadores afro-descendentes, com destaque para as entidades e aldeias indígenas parceiras, nos diversos projetos e atividades, também ajudarão nesse processo de revisão do planejamento pedagógico e curricular, pois ao compartilhar das suas lutas, das suas estratégias de resistência, suas visões de mundo e compreensão do nosso histórico, contribuem com as mudanças apontadas ao longo da caracterização da Práxis, na perspectiva de inclusão dessas questões mencionadas no processo de construção das políticas públicas.

6.1.6 Algumas dimensões de evidências apreendidas sobre a Práxis ETJ

As falas dos sujeitos participantes refletem principalmente as seguintes dimensões da Práxis ETJ:

- ❖ Reconhecimento do valor e potencial do adolescente e da contribuição diferenciada que podem dar à sociedade, na passagem de informações e conhecimentos de temas relativos à vida, à saúde, cidadania, enfrentamento de violências, percepções e buscas de valores humanos;
- ❖ Estímulo e apoio ao processo de resgate, pesquisa, afirmação, expansão e incorporação da cultura Pataxó à vida em seus diferentes aspectos;
- ❖ Crescimento profissional e pessoal dando oportunidades aos adolescentes assumirem responsabilidades, galgando diferentes níveis e assumindo papéis de agentes de cidadania, o que lhes valoriza, dignifica e fortalece a crença no poder de transformação da juventude;
- ❖ Criação de possibilidades do desenvolvimento de habilidades de gestão que contribuem com a profissionalização de adolescentes e jovens envolvidos;

- ❖ Enfrentamento de limitações, desafios e dificuldades organizacionais de várias ordens: financeira, planejamento, gestão com pessoas e gerenciamento de conflitos;
- ❖ Aprendizagens aos adolescentes e educadores envolvidos e aumento da auto-confiança, a partir das experiências em lidar com situações problemáticas e conflitivas, no enfrentamento e superação de desafios e dificuldades;
- ❖ Fortalecimento de auto-estima e aquisição de novos conhecimentos e experiências por meio da ampliação de visão de mundo dos adolescentes, a partir do suporte e referência de alguns adultos e educadores envolvidos, além da criação de uma consciência crítica e do compromisso com uma luta pelos direitos de cidadania;
- ❖ Ampliação do repertório de princípios e valores ancestrais, promotores da vida e da “arte de viver em tribo no terceiro milênio”³³, com destaque para o respeito, a solidariedade, a cooperação, o amor e a paz. Considera-se este aspecto como base para os processos de desenvolvimento investigados, e a sua validação a partir dos depoimentos reiteram o alcance de uma das finalidades desta Práxis, que se constitui em uma estratégia visando mudanças comportamentais para o exercício da cidadania;
- ❖ Esses processos têm na ancestralidade um conceito fundante, que é compartilhado a partir da convivência com os “mais velhos” – Caciques, Pajés, Iyalorixás, Mestra Griô, detentores de sabedoria e responsáveis pela passagem de conhecimentos, a partir da oralidade. Eles se fazem presentes como mestres, nas oficinas, cursos e trabalho de pesquisa, compartilhando saberes, fazeres, símbolos e valores; nas narrativas da história de suas lutas, mecanismos de resistência; nos mitos e rituais, incluindo o *Awê* e *Toré* indígenas;

³³ Da cartilha educativa do VII ETJ de 2004, intitulada Tribos Jovens – Convivência e Desenvolvimento Multicultural, faz parte do acervo institucional.

- ❖ Aproximação das pessoas do contato consigo mesmas e com os quatro elementos da natureza, terra, fogo, água e ar, da cultura e das artes através de dinâmicas inspiradas em ritos de passagem e vivências simbólicas. Isso possibilita a vivência em grupo na realização de práticas milenares, como as mandalas e os Círculos de Partilha. Tudo isto presentifica os ancestrais que constituem a nossa história original. O contato com nossos ancestrais indígenas e africanos possibilita a ampliação da consciência, nos fortalece e transforma, nos aproxima do sagrado, nos religa conosco mesmo, com a nossa essência, organiza e desenvolve o nosso psiquismo;
- ❖ Utilização da narrativa e da expressão dos mitos, considerando a sua força transformadora ao passar lições de vida, transmitir valores ancestrais e trabalhar juntamente com recursos da arte-educação temáticas relativas à cidadania, com ênfase na saúde integral.

Em continuidade ao resgate de diferentes dimensões apontadas pela sistematização do trabalho de campo, poderíamos sintetizar que o processo de escuta sobre a Práxis ETJ revela que:

- a) Há um fortalecimento no senso de pertencimento a um grupo, etnia e cultura, o que atende aos anseios do adolescente como um ser gregário, que busca ser aceito e incluído por outros grupos além da sua família;
- b) Os jovens realizam um processo de aumento de suas crenças no ser humano, com respeito às diferenças, a cultura do outro, ensinando a melhor lidar com os relacionamentos interpessoais, com as emoções e a cultivar a cidadania;
- c) A Práxis tem contribuído com a melhoria de relações entre adolescentes, jovens com as suas famílias e escolas, a partir do crescimento interior, do fortalecimento da auto-estima, da sua auto-confiança e do senso de pertencimento. Isso inclui mudanças de comportamentos agressivos para uma convivência de maior equilíbrio, em alguns casos relatados;

- d) Constata-se que há um desenvolvimento entre educadores que acreditam, investem, respeitam, dão vez e voz aos adolescentes, e trabalham em prol do fortalecimento do protagonismo juvenil;
- e) Essas vivências ampliam horizontes de estudo de abordagem holística/humanista e estimulam o ingresso na universidade e sua contribuição a:
- ❖ trabalhos de pesquisa e afirmação cultural indígena Pataxó, contribuindo com a afirmação da identidade étnica e cultural do povo Pataxó, promovendo o respeito às diferenças étnicas e religiosas, facilitando o contato e o questionamento quanto ao sentido de pertencimento à sociedade brasileira, com nossas próprias origens culturais, sem perder de vista a diversidade que constitui o povo brasileiro;
 - ❖ processos de desenvolvimento pessoal de adolescentes, jovens e educadores, o que se relaciona com o desenvolvimento de identidades, fortalecendo uma capacidade de atuação em diversas áreas: escolas públicas, incluindo as indígenas, bibliotecas, projetos sócio-culturais e ambientais, clubes de serviço, ecoturismo, saúde comunitária, assistência social. Isso redefine as posições e o pertencimento às organizações da sociedade civil;
- f) A criação de uma estrutura organizacional de equipe e de espaços seguros para a expressão dos adolescentes a partir de um trabalho pautado no protagonismo juvenil, de multiplicação de informações, conhecimentos e experiências, através de um processo de formação continuada de multiplicadores e mobilizadores, de planejamento, de delegação de poderes. Essa é uma oportunidade de vencer desafios e dificuldades de expressão, relativos à auto-imagem, auto-conceito, auto-aceitação;
- g) O senso de pertencimento apareceu como um aspecto importante para a estruturação das identidades na fase da adolescência, na qual sentir-se incluído, ser reconhecido por um grupo, por uma comunidade

corresponde a um anseio de ser aceito, que fortifica auto-estima e a auto-confiança.

- ❖ O sentimento de orgulho de si-mesmo faz crescer o amor próprio, no que se refere aos adolescentes Pataxó.
- h) A Práxis oportunizou o engajamento de liderança indígena, com baixa escolaridade e com grande sabedoria, na área de educação, o que gerou conflitos, amadurecimento, reconhecimento de crianças e adolescentes com relação à importância e valor do educador; fatos estes que influenciaram para a elevação e reconstrução da auto-estima.

Por fim, destaque-se ainda que as revelações e evidências apreendidas quanto aos processos de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes e jovens envolvidos com a Práxis ETJ e as suas dimensões apontadas são percepções, vivências e inferências dos sujeitos da pesquisa. Esses sujeitos participantes também tiveram experiências, em outros lugares, com processos, metodologias e práticas ao longo da sua vida. O que importa para nós é o significado pessoal em suas vidas que foi atribuído à Práxis ETJ, a partir das relações que eles estabeleceram ao longo dos seus depoimentos durante os Círculos de Partilha.

6.1.7 Processos identitários e de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes evidenciados

Gostaria de retomar com destaque cinco processos de desenvolvimento pessoal e social evidenciados a partir da análise dos depoimentos de adolescentes e jovens envolvidos com a Práxis ETJ, sujeitos da pesquisa que participaram do Círculo de Partilha. Trata-se de uma síntese dos processos que foram descritos e narrados no capítulo 5, Análise dos Dados por Categorias definidas a partir dos Depoimentos dos Sujeitos Participantes, com ênfase nas mudanças que ocorreram

nas suas vidas, relativas ao contínuo processo de construção de identidades, nas dimensões pessoal, de grupo, étnica e cultural.

Vencer a timidez, aumentar a confiança em si-mesmo e fortalecer a auto-estima foram sinais de desenvolvimento pessoal reconhecidos por todos.

Dos processos de desenvolvimento pessoal e social identificados, destacam-se os relativos a quatro indígenas Pataxó do sexo masculino, que residem na Aldeia de Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabrália e uma afro-descendente, mulher, que reside em Belmonte (BA).

Os Pataxó representam 70% dos sujeitos participantes da pesquisa, moradores de um território indígena que se constitui em uma área de abrangência na qual a nossa Práxis tem atuado de modo sistemático há dez anos.

Os indígenas de que estamos tratando não ingressaram na universidade, três deles mencionaram que almejam essa meta, sendo que um já tentou vestibular não obtendo aprovação. Apenas a Educadora Comunitária está cursando uma universidade particular, no curso de Serviço Social.

O relato da Educadora Comunitária, mulher afro-descendente, significou para nós um importante exemplo de superação. Quando adolescente, ela enfrentou diversos obstáculos de ordem familiar e escolar, relativos a problemas de relacionamento, dificuldades de adaptação aos grupos sociais, com reconhecimento de que possuía comportamentos agressivos e de rebeldia que chegaram a propiciar uma situação de convivência quase que insustentável nestes ambientes.

Participar da Práxis para ela foi um grande desafio de vencer a sua timidez e significou uma oportunidade de se reconhecer como ser humano, de acreditar que possuía um valor inerente a sua pessoa, ao sentir-se incluída no grupo e reconhecida como capaz, uma multiplicadora. Tudo isto possibilitou a mudança de uma identidade negra inicialmente formada por uma polaridade negativa, de rejeição e exclusão para uma polaridade positiva, de aceitação e auto-confiança.

O processo de ir assumindo na Práxis diferentes papéis e responsabilidades, em diferentes estágios e projetos, ocorreu em todos os casos. Em destaque, identificamos um movimento de crescimento de funções, que se inicia no lugar de participante, passando para adolescente multiplicador e jovem mobilizador e

chegando até a função de educador, consultor, instrutor e coordenador indígena Pataxó, e membro do conselho fiscal.

As experiências em gestão e os conhecimentos aprendidos foram apropriados no trabalho desses jovens com outros grupos: Reserva da Jaqueira, Aldeia e Escola Indígena Pataxó e Escola de Circo.

Vale destacar a relação existente entre a Práxis ETJ, o ITJ e a Reserva Pataxó da Jaqueira, entidade que tem uma trajetória de tempo que acompanha a do ITJ e possui vários adolescentes e lideranças que atuam na Práxis.

Dois mobilizadores oriundos do grupo da Jaqueira, faziam parte do primeiro núcleo de pesquisa da cultura Pataxó, o que possibilitou o reconhecimento do trabalho por parte da escola, que os contratou como Professores de Cultura. Os professores se casaram, constituíram família, passaram a coordenar o trabalho de pesquisa na escola, num movimento de disseminação e expansão com atividades curriculares e extra-curriculares.

Os dois professores indígenas continuam o trabalho de pesquisa iniciado em 1998, de resgate e afirmação da cultura do seu povo, com destaque para o idioma tradicional, que vem sendo difundido nas escolas indígenas e em outros projetos sócio-culturais.

A liderança Pataxó da Reserva da Jaqueira reconhece a sua primeira experiência de trabalho na condução de grupos como fundamental para a sua vida e carreira profissional. Ele tem se destacado como líder comunitário, no cargo de Vice-Presidente da Associação Pataxó de Ecoturismo (Reserva da Jaqueira), com atuação na gestão de projetos sócio-culturais e ambientais, assim como outras iniciativas da sua própria Aldeia, onde desempenha o papel de coordenador e locutor dos Jogos Indígenas Pataxó.

O quarto jovem Pataxó que se profissionalizou na área de saúde comunitária, reconheceu mudanças de seu comportamento na escola, na época em que era um estudante agressivo e rebelde para melhor aluno. Assim também na família em que se tornou um melhor filho, chegando a assumir um papel de mediador na família.

Destaca-se a narrativa do seu processo identitário, onde o fato de ser um adolescente indígena com traços negros, gerou um conflito interior relativo a sua

identidade étnico-cultural de se afirmar enquanto Pataxó. Esse conflito possibilitou o enfrentamento de preconceitos relativos a questão racial e da mestiçagem.

Graças às oportunidades criadas pela Práxis ETJ e o suporte de outros jovens indígenas Pataxó, líderes de um processo de afirmação cultural na sua Aldeia, esse primeiro conflito foi vencido. A partir do momento em que esse adolescente passou a sentir-se membro do povo Pataxó, a sua auto-estima fortaleceu-se e ele teve forças para vencer um segundo desafio, a timidez, passando a falar sobre si mesmo com confiança, a se reconhecer a partir da relação com o outro, no convívio social.

Essa narrativa oferece um bom exemplo em que um processo de afirmação de identidade étnico-cultural é considerado uma base para outros processos relativos ao desenvolvimento pessoal e social. Mudanças concretas nas suas relações sociais foram identificadas, além do âmbito familiar, relativas ao desenvolvimento social e comunitário nas áreas de cultura, educação e saúde.

O fortalecimento da identidade Pataxó e os processos de desenvolvimento se vinculam, gerando resultados sociais concretos para a comunidade indígena, o que por sua vez, contribui com outros processos, identitários e de desenvolvimento, das crianças, adolescentes e outros membros da aldeia, numa cadeia de efeitos, num *continuum*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depoimento de AIS Pataxó em depoimento na Partilha de 2009

“Isto é algo que eu tenho nem absoluta, mas absurda certeza, nós mudamos para melhor!”

Os depoimentos trazem evidências de que a Práxis ETJ contribui com processos de desenvolvimento pessoal e social de adolescentes e jovens a partir das características apontadas, do relato de histórias de vida com mudanças concretas na relação consigo mesmo, com o outro, com a família, escola, comunidade, aldeia indígena e sociedade, e engajamento em processos de transformação da realidade. Também foi evidenciada a relação com o fortalecimento das identidades – pessoal, de grupo, étnica e cultural.

Nesse sentido, reconhecemos as aprendizagens anunciadas por Delors: aprender a ser e aprender a conviver são base para a participação política em projetos comuns.

Durante a caracterização da Práxis, buscou-se contribuir com o campo da gestão social em sociedades construídas sobre diversidades. Ela foi identificada pelos sujeitos participantes entre metodologias inovadoras, criativas e construídas a partir de novos olhares sobre vivências artísticas, culturais e educativas.

Ao fim dessa jornada, percebo que tive uma oportunidade ímpar no campo da gestão social “de olhar para o universo das práticas, para os desafios que elas encaram e as conquistas que elas alcançam, apesar do tamanho dos problemas enfrentados e da magnitude em nossos esquemas norteadores”. (GIANNELLA, 2007, p. 9).

Diante do estudo realizado, as análises, compreensões e evidências apontadas, resta dizer que o sentimento é de missão cumprida ante o propósito estabelecido, mesmo sabendo das nossas limitações e que a problemática da pesquisa não se esgota. A sensação é de preparar um terreno fértil para iniciar um novo ciclo que tem como semente a resignificação da Práxis ETJ, a partir da afirmação de identidades, valorização da experiência e ampliação de consciência.

De fato, na práxis e particularmente nos ETJs, conseguimos fazer uma mobilização do sujeito integral, o que tem permitido o empoderamento, especialmente, de adolescentes e jovens envolvidos.

<p>Depoimento de Educadora Comunitária dado na Partilha de 2009</p>	<p>Cada ano, saíamos da nossa cidade para levar algo, também colhíamos lá para trazer para cá. Só foi somando. Hoje, cada um, é um profissional. Graças aos conflitos, ninguém está no mundo das drogas nem da prostituição. Todo aquele alinhamento e este tempo foi para melhor para colher o que vivenciamos na adolescência. Hoje somos pessoas maduras, pais de família, adultos, casados, eu, graças a Deus, solteira.</p>
--	--

Os Círculos de Partilha possibilitaram a expressão genuína de histórias de vida, depoimentos reveladores do impacto social da Práxis, apontando para o fato de as mudanças, de fato, começarem do micro para o macro.

Os relatos sobre novos comportamentos e sobre as transformações ocorridas nas vidas dos adolescentes e jovens constatam que a Práxis ETJ contribuiu com processos de desenvolvimento, do nível interno, individual e pessoal para a dimensão externa, coletiva e social.

No período de 1998 a 2009, os adolescentes envolvidos na Práxis ETJ, mudaram, cresceram, assumiram novas responsabilidades sociais, construíram famílias, tornaram-se importantes agentes comunitários, na área da saúde, assistência social, educação preservação ambiental, desempenhando diferentes papéis de professores indígenas, educadores, lideranças, gestores de organizações de sociedade civil, pesquisadores, com atuação no resgate e disseminação da cultura Pataxó, com ênfase no idioma tradicional, o Patxôhã; foram a universidade; adquiriram uma nova concepção de cultura; mudaram a sua visão de mundo em relação à: compreensão da diferenças, compreensão da existência de novas

culturas, compreensão da necessidade de aprender com a experiência do outro; redefiniram as suas identidades; compreenderam o valor das suas origens, raízes e a consistência da sabedoria dos mais velhos

Percebe-se que ocorreu um alargamento de uma vida pessoal para a comunidade, a escola, a família e certas áreas do mundo.

Depoimento de Assistente Social dado na Partilha de 2009	Falando nisso, eu comecei a fazer uma retrospectiva agora, de imaginar que é muito difícil aqueles jovens, daquela época, se perderem no mundo das drogas e da prostituição. Pois nós tivemos alinhamento, o tempo todo. Muitas vezes eu ficava meio perdida, com tanta coisa nova e tantas novidades
---	---

É fundamental também destacar as limitações dessa pesquisa, no sentido da continuidade desta análise para a legitimização da Práxis ETJ no campo da gestão social.

Por essa Práxis estar inserida num campo social, tem suas limitações no que tange a uma análise mais geral da sociedade, das suas relações de poder, e das perspectivas da sua transformação. Nesse sentido, foram feitas apenas algumas pontuações.

Naturalmente, pelo nosso envolvimento com o sujeito da pesquisa, temos a tendência de superestimar os resultados. Quando vamos para a realidade, que é mais complexa, do próprio estado da Bahia e do Brasil, é preciso relativizar todos esses avanços. Eles serão mais amplos quando de fato houver um compromisso maior do Estado com essas questões.

Por fim, nunca é demais chamar atenção para o modelo atual do desenvolvimento da sociedade brasileira que não incorpora essas questões, e que, quando tem o discurso da incorporação, muitas vezes, não dialoga com os principais atores sociais envolvidos.

Constatamos que estamos num caminho razoável, quando no intercâmbio realizado no Canadá, no Blue Quills First Nations College, vimos que algumas das práticas adotadas estão sendo utilizadas em cursos de Mestrado em Gestão Social, em parceria com a Universidade de Calgary, em sociedades organizadas, em que o

Estado tem um reconhecimento maior das comunidades indígenas, apesar das contradições também existentes.

A nossa utopia não é só nossa, tem possibilidades de ser incorporada de maneira mais efetiva em nossa sociedade.

Só me resta agradecer a Deus, *Tupã*, *Olorum* e pedir por guiança, confiança e entrega.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. **Não há aprendizado sem criatividade.** Disponível em <http://www.andi.org.br/noticias/templates/boletins/template_direto.asp?articleid=2130&zoneid=21>. Acesso em 27 jul 2009.

Sua Tribo é o mundo. **A Tarde**, Salvador, 6 de abr de 1999. Caderno 2, p. 1

BALESTRERI, Ricardo. **Distintos Olhares da Cidadania**. Salvador: UNICEF, CEAO, Fundação Cidade Mãe, Projeto Axé, FUNDAC, CRIA, MOC, 1998

BAQUERO, Marcello. Cultura política participativa e desconsolidação democrática: reflexões sobre o Brasil contemporâneo. In: **São Paulo em perspectiva**, vol. 15, n. 4, out/dez. 2001a.

_____. **Reinventando a sociedade na América Latina**. Porto Alegre/Brasília: UFRGS / Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, 2001b.

BOPP, Michael; BOPP, Judie. **Recreating the world: a practical guide to building sustainable communities**. Calgary: Four Worlds Press, 2006.

BLUE QUILLS FIRST NATIONS COLLEGE. **Facult of Social Work – Master Social Work (MSK) description**. Disponível em <<http://www.mswbluequills.ca/courses/>>. Acesso em 10 dez 2008.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANDAU, Vera. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio. (Orgs.). **Multiculturalismo, diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-37.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

Carta da Terra. Disponível em <<http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/text.html>>. Acesso em 4 abr 2009.

Cartilha ETJ. Porto Seguro: Corpos Íntegros, 1999.

CASCÃO, Rodolfo et alii. **Glossário de Cultura**. Brasília: SESI/DN, 2007.

CHAGAS, Henrique. **Subsídios filosófico-culturais para a formação da consciência crítica**. Disponível em <http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=404>. Acesso em 23 abr 2009.

CHISAN, Sherri L. **Bulding Effective Teacher-learner Relationships Guided by Traditional Cree Teachings**. Dissertação (Master os Arts in Educational Leaderships), San Diego University, 2001.

CORRÊA, Rosângela Azevedo. Ciência e Religiosidade Indígena. In: EGHRARI, Iradj Roberto (Org.). **Ciência, Religião e Desenvolvimento**: perspectivas para o Brasil. Mogi Mirim: Planeta Paz, 2005.

CORTÊS, Clélia Néri. **Educação Diferenciada e Formação de Professores/as**: diálogos intra e interculturais. 2002. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

COUTINHO, C. N. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

DA COSTA, Antônio Carlos Gomes. **O adolescente como protagonista**. Disponível em <<http://www.lead.org.br/article/view/393/1/186>>. Acesso em 15 ago 2009a.

_____. **Desenvolvimento pessoal e social do jovem**: um novo enfoque. Disponível em <http://www.multirio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=152>. Acesso em 17 ago 2009b.

DELORS, Jacques et alli. **Educação**: um tesouro a descobrir. Lisboa: Asa, 1996.

DELORS, Jacques. **Os quatro pilares da educação**. Disponível em <<http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm>>. Acesso em 17 jun 2009.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Maria Cecília Souza Minayo (organizadora). – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DUPAS, Gilberto. **Tensões Contemporâneas entre o Público e o Privado**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

Edgar Morin: 'A Bahia é o coração vivo da cultura brasileira'. **A Tarde**, Salvador, 13 jul 2009. Caderno 2.

FAZENDA, Ivani (Org). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente**: identidade em construção. São Paulo: EDUC / Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

FISHER, Tânia. Poderes Locais, Desenvolvimento e Gestão – introdução a uma agenda. In: **Gestão do Desenvolvimento e Poderes Locais**: marcos teóricos e avaliação. Salvador, UFBA, 2002, p.p 12-32.

_____. **Os Desafios da Formação em Gestão Social**. Palmas; UFT, 2008. Palestra de encerramento do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão

Social: Os Desafios da Formação em Gestão Social - ENAPEGS, em Palmas, 31 mai 2008.

FRANCO, Nanci Helena Rebouças. *Negras Imagens: um estudo sobre o processo de construção de identidade de alunos negros da Escola Tereza Conceição Menezes no bairro da Liberdade/Curuzu*. In: SIQUEIRA, Maria de Lourdes. (Org.). **Imagens Negras: ancestralidade, diversidade e educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Diversidade Cultural e Educação para Todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GAMBINI, Roberto. **Espelho Índio: A Formação da Alma Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Áxis Mundi / Terceiro Nome, 2000.

_____.; DIAS, Lucy. **Outros 500: Uma conversa sobre a alma brasileira**. São Paulo: SENAC São Paulo, 1999.

GIANNELA, Valeria. **Base teórica e papel das Metodologias não Convencionais para a Formação em Gestão Social**. Atas do segundo Encontro nacional de Pesquisadores em Gestão Social, Palmas (TO), Maio 2008, em publicação.

_____. O Nexo Pesquisa-Ação: Qual Conhecimento para que Políticas? In: Luiz Carrizo(org). **Gestion Local Del Desarrollo y Lucha Contra la Pobreza, aportes para el fortalecimiento de la investigación y las políticas em América Latina**. Montevideo. CLAEN, 2007. p.95-112.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e a educação brasileira. In: BARROS, José Márcio. (Org.). **Diversidade cultural: da proteção à promoção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Quem Precisa da identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HART, Michael Anthony. **Seeking Mino-Pimatisiwin**. An aboriginal Approach to helping. Halifaz: Fernwood Publishing, 2003.

INSTITUTO TRIBOS JOVENS. **Síntese dos Resultados da Revisão do Planejamento Estratégico do ITJ**. 2004. (Documento não-publicado do acervo institucional).

INSTITUTO TRIBOS JOVENS; INSTITUTO CULTURAL CIDADE VIVA. **Aldeias Indígenas**. Disponível em <http://www.costadodescobrimento.com.br/site/cad_esp/pataxo/pataxo.html>. Acesso em 31 ago 2009. (Caderno Especial do Programa Pataxó de Etnoturismo elaborado com o apoio do SEBRAE).

KONDER, Leandro. **O Futuro da Filosofia da Práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Healing, Espiritualidade e Educação. **Elos: Estudos da Consciência, Healing, Energia e Crença**. n. 3, mar 2005. Salvador: Logos – Centro de Estudos e Práticas de Energia, Desenvolvimento e Integração Humana, 2005.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagem qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MACHADO, Vanda. **Aqueles que têm na pele a cor da noite: ensinâncias e aprendizagens com o pensamento africano recriado na diáspora**. 2006. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. **Ilê Axé – vivência e invenção pedagógica**. Salvador: Edufba, 1999.

MACHADO, Vanda; PETROVICH, Carlos. **Ilê Ifê: o sonho da iaô afonjá (mitos afro-brasileiros)**. Salvador: Edufba, 2000.

MASINI, Elcie F. Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (Org). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1989. p. 61-67.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MELO, Vanessa. **Perfis de competência**. (Atividade introdutória não-publicada do curso de Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social realizada em 11 abr 2007, em Salvador, Escola de Administração-UFBA).

MOURA, S. Organizações da Sociedade Civil, revisando conceitos e práticas. 2004. Monografia (Especialização em Gestão Social) - Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **Pluralidade Cultural e Educação**. Salvador: Sociedade de Estudos e Culturas – SECNEB/Secretaria de Educação – Coordenação de Educação Superior – CES, 1996.

_____. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Estratégias políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Estação Ciência, 1986,

Native Spirituality Guide. Ottawa: Royal Canadian Mounted Police Public Affairs Directorate for Community, Contract and Aboriginal Policing Directorate, 1993. Disponível em <<http://dsp-psd.pwgsc.gc.ca/Collection/JS62-80-1998E.pdf>>. Acesso 10 fev 2009.

Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>>. Acesso em 12 mar 2008. (Documento da Secretaria de Educação Fundamental, datado de 1997).

PRISTED, Isis da Silva (Org.). **Elos**: Estudos da Consciência, Healing, Energia e Crença. n. 3, mar 2005. Salvador: Logos – Centro de Estudos e Práticas de Energia, Desenvolvimento e Integração Humana, 2005.

REGNIER, Robert. The Sacred Circle: a process pedagogy of healing. **Interchange**, vol. 25, n. 2, p. 129-44, 1994.

RIBEIRO, Alda Mara Meira. Healing, Desenvolvimento e Educação. In: PRISTED, Isis da Silva (Org.). **Elos**: Estudos da Consciência, Healing, Energia e Crença. n. 1, nov 2002. Salvador: Logos, 2002.

ROSS, Rupert. **Return to the Teaching**: exploring aboriginal justice. Toronto: Penguin Books, 1996.

SANTOS, Gedalva da Paz (coord.). **Diretrizes curriculares para a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador**. Salvador: Secretaria Municipal da Educação e Cultura, 2005.

SANTOS, Maria Durvalina Cerqueira. **Educação, Cidadania e Reconstrução de Identidades**: Caso Cooperativa Steve Biko. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Milton. Da cultura à indústria cultural. In: RIBEIRO, Wagner Costa (Org.). **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania.** São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, Neyde Souza Marques. **Anarquismo Epistemológico e Arte Educação orquestrado pelo Mestre Aprendiz.** Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2003.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarisse. **Aprendendo a Ser e a Conviver.** São Paulo: FTD, 1999.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: Vida e Obra.** Rio de Janeiro: José Álvaro, 1968.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes (Org.). **Imagens Negras: ancestralidade, diversidade e educação do livro.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006a.

_____. **Siyavuma: uma visão africana de mundo.** Salvador: Ed. Autora, 2006b.

_____. Kilemdê a árvore da vida: cultura, religiosidade e educação no Ilê Axé Jitolu. In: **Educação, cultura e direito: coletânea em homenagem a Edivaldo M. Boaventura.** Salvador: EDUFBA, 2006c.

_____. O olhar da comunidade negra sobre o processo de construção social do conhecimento. In: EGHRARI, Iradj Roberto (Org.). **Ciência, Religião e Desenvolvimento: perspectivas para o Brasil.** Mogi Mirim: Planeta Paz, 2005.

_____. Identidade e racismo: a ancestralidade africana reelaborada no Brasil. In: **Racismo no Brasil.** Peirópolis: Abong, 2002.

_____. **The family as a source of values and spirituality.** Etiópia: Adis Abeba, 2004.

_____. **Agô, Agô Lonan: mitos, ritos e organização de Terreiros de Candomblé na Bahia.** Belo Horizonte: Mazza, 1998.

_____. (Org.). **Mãe Hilda: a história de minha vida.** Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996.

_____. **Os Orixás na vida dos que neles acreditam.** Belo Horizonte: Mazza, 1995.

_____.; CARDOSO, Marcos. **Zumbi dos Palmares.** Belo Horizonte: Mazza, 1995.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo. In: Oliveira, Franciso de; Paoli, Maria Célia. **Os sentidos da democracia.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

TORO, Bernardo. **A construção do público: cidadania, democracia e participação.** Salvador, 5 maio 2009. (Palestra não publicada)

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nisia. **Mobilização Social**: um modo de construir a democracia. (Texto feito por encomenda para o UNICEF em 1996, cuja cópia Toro forneceu aos seus ouvintes em palestra de maio de 2009).

TOURAINÉ, Alain. **O que é democracia?**. Petrópolis: Vozes, 1996.

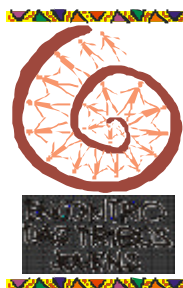
_____. **Poderemos Viver Juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1999.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

UNICEF. **Selo UNICEF Município Aprovado**: cultura e identidade afro-brasileira e indígena. Guia de Orientação aos Municípios. Salvador: UNICEF, 2008

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZOJA, Luigi. **Nascer não Basta**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo : Axids Mundi, 1992.



Porto Seguro, 01 de março de 2009.

Olá parceiros da Rede do ETJ – Encontro das Tribos Jovens,

Estaremos realizando dois encontros para rever pessoas queridas que participaram dos Encontros das Tribos Jovens - ETJ:

- **ALDEIA PATAXÓ DE COROA VERMELHA - 06.03.09 (sexta-feira) – 16:00 as 20:00h. Ponto de encontro (15:30) em frente à casa de Awoí / S. Eujácio, para nos reunirmos na praia em frente.**
- **SALVADOR – 13.03.09 (sexta-feira) – 14:00 as 17:30h; na Escola de Administração da UFBA, Vale do Canela.**

Participe!!!! Estamos com saudades e muita vontade de nos reencontrarmos!!!

Vamos tecer a nossa rede de Convivência Multicultural e Desenvolvimento Tribos Jovens!

Sua presença, suas palavras e sentimentos farão diferença neste encontro, de escuta e partilha.

Queremos saber de que forma o(s) ETJ(s) contribuíram com o processo de desenvolvimento e crescimento dos adolescentes e jovens que participaram; quais os desafios, conflitos e dificuldades vivenciados e observados durante os encontros; e o que você sugere daqui para frente.

Este momento ajudará a refletirmos sobre o nosso ETJ, depois de mais de 10 anos 1998 – 2009. Assim, daremos continuidade aos trabalhos com maior força e harmonia.

Pedimos para você multiplicar este convite para outras pessoas que tenha contato e confirmar a sua presença: **(73) [88020310/32683405](tel:8802031032683405)/iane@tribosjovens.org.br.**

Caso não possa vir, seria muito bom receber uma resposta deste email ou um telefonema seu.

Até breve, com grande alegria,

Iane R. Petrovich Gouveia
Instituto Tribos Jovens



Porto Seguro, 01 de março de 2009

Olá parceiros da Rede do ETJ – Encontro das Tribos Jovens,

Estaremos realizando um encontro para rever pessoas queridas que participaram dos Encontros das Tribos Jovens:

- **ALDEIA DE COROA VERMELHA - 06.03.09 (sexta-feira) – 16:00 as 20:00hs**
- **Ponto de Encontro: em frente ao Albergue Maracaia (15:30) ou a casa de Awoí /S. Eujácio para nos reunirmos na praia em frente.**

Participe!!!! Estamos com saudades e muita vontade de nos reencontrarmos!!!

Vamos tecer a nossa rede de Convivência Multicultural e Desenvolvimento Tribos Jovens!

Sua presença, suas palavras e sentimentos farão diferença neste encontro, de escuta e partilha.

Queremos saber sobre o significado da experiência do ETJ na sua vida e os desafios enfrentados durante os encontros.

Este encontro ajudará a refletirmos sobre o nosso ETJ, depois de 10 anos 1998 – 2009.

Pedimos para você multiplicar este convite para outras pessoas que tenha contato e confirmar a sua presença.

Até breve, com grande alegria,

Iane R. Petrovich Gouveia
Instituto Tribos Jovens
(73) 88020310/32683405/iane@tribosjovens.org.br

INSTRUMENTO DE PESQUISA

GUIA PARA ENTREVISTAS E PARTILHAS

1. Em que medida esta metodologia tem contribuído com o processo de transformação das pessoas, do ponto de vista? O que se observa no processo de transformação dos participantes do ETJ, em relação a:

- Visão fragmentada X visão holística
- Abertura para uma convivência multicultural
Como você se valoriza? Você gosta de si mesmo?
Em relação ao outro?
Como você vê as pessoas que são negras ou índias?
Você respeita e /ou valoriza? Como?
- Democracia, como prática permanente nas ações desenvolvidas, dando espaço e oportunidades para todos.
- Quais hábitos, atitudes, comportamentos e valores em prol da preservação ambiental ?
- Intercâmbio inter étnico
Que tipo de troca realizou com pessoas de etnias diferentes?
- Etnicidade e Diversidade
Qual a consciência que tem de si?
Qual a consciência do valor dos outros?
E quanto ao valor a respeito de si?
- Contato, conhecimento e respeito aos nossos ancestrais africanos, indígenas e ocidentais
Quais os antepassados da sua família, do seu grupo étnico e/ou religioso que você tem conhecimento e/ou contato?
Como você expressa o seu respeito á eles?
Cumprir algum ritual em homenagem a eles?
De que forma você se relaciona com eles?
Como você estabelece sua relação com a natureza?
O que a natureza representa para você? O que representa para você uma folha, uma árvore, um tronco?
- Valores
O que são valores para você?
Quais os valores você cultiva na sua vida cotidiana?
Como eu aplico a minha concepção de valores?
Algum valor foi reforçado para você durante os ETJ's?
Como isto ocorreu?
Qual a importância deste fato para a sua vida?

3. Em que medida a utilização desta metodologia tem apontado para transformações em relação aos processos de desenvolvimento pessoal, institucional e comunitário?

Você identifica alguma mudança na sua vida após ter participado do ETJ?

Aonde? Você pode relacionar em algum dos níveis abaixo:

- consigo mesmo;
- na relação com os outros;
- com a família;
- comunidade de pertencimento;
- escola;
- no seu trabalho;
- associação.
- nos movimentos sociais que participa
- com a sua etnia

4. Sagrado

O que é o sagrado para você? E a religião?

De que modo o ETJ tratou do sagrado?

Você sentiu a presença do sagrado durante o ETJ? Quando e como?

Houve algum caso concreto de vivência religiosa? De encontro de fé? De religião ou com o espiritual? Contato profundo consigo mesmo ou com outras dimensões?

Foi observada alguma resistência ou desconforto quando se tratou do sagrado? E de religião? Fale mais sobre isso.

Esta dimensão do sagrado tem algum reflexo na metodologia que você utiliza no campo da gestão social ou no seu trabalho na área social?

E na sua vida cotidiana? Traz alguma mudança que faz alguma diferença no processo de desenvolvimento das pessoas, dos grupos, das “tribos”, das organizações ? dos movimentos sociais que você faz parte?

A presença do sagrado ajuda as pessoas e seus processos de desenvolvimento? Como?

Quais os principais conflitos, desafios e dificuldades enfrentados no uso da metodologia do Encontro das Tribos Jovens – ETJ?

Como é reunir pessoas de diferentes grupos sociais para uma convivência?

Como foi ter integrado uma equipe com pessoas de diferentes formações, idades e oriundas de diversas instituições?

Gestão das pessoas que sustentam o ETJ

- Seleção
- Congruência com valores
- Interagir com instituições diferentes
- O trabalho com cultura e religião suscita questões de intolerância religiosa, resistência de familiares de professores e dos adolescentes.
- Questão de recursos?
- E o tempo?

O que foi feito ou poderia ser feito para superar os conflitos, dificuldades e desafios enfrentados e/ou observados?

PARTILHA ENCONTRO DAS TRIBOS JOVENS - ETJ

DIA 06.03.09

ALDEIA DE COROA VERMELHA – SANTA CRUZ CABRÁLIA

OBJETIVO: Contribuir com o trabalho de avaliação e pesquisa que está sendo realizada no curso de mestrado em desenvolvimento e gestão social (UFBA) sobre a experiência do Encontro das Tribos Jovens – ETJ, através de um processo de partilha – onde a fala com o coração e a escuta com respeito às diferenças são princípios e guias do círculo.

ROTEIRO

- 1. ACOLHIMENTO DAS PESSOAS**
- 2. HARMONIZAÇÃO**
- 3. ABERTURA**
- 4. LANCHE**
- 5. PARTILHA**

EXPLICAÇÃO SOBRE A PARTILHA – PRINCÍPIOS DO GRUPO

1º RODA – ALINHAMENTO E INTEGRAÇÃO

- COMO VOÇÊ ESTÁ SE SENTINDO?
- QUAL O IMPACTO QUANDO RECEBEU O CONVITE?
- QUAL A SUA EXPECTATIVA?

2º RODA - AVANÇOS

- DE QUE FORMA OS ETJ'S CONTRIBUÍRAM NO SEU PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO PESSOAL, SOCIAL E PROFISSIONAL?

3º RODA – DESAFIOS

- QUAIS OS CONFLITOS, DIFICULDADES E DESAFIOS QUE VOCÊ VIVENCIOU OU OBSERVOU NO GRUPO, DURANTE OS ETJ'S?
- O QUE FOI FEITO OU PODERIA TER SIDO FEITO PARA SUPERAR?

4º RODA – VISÃO DE FUTURO

- E AGORA? COMO PROSSEGUIR? QUAL A SUA IDÉIA, SUGESTÃO E DESEJO PARA O NOSSO ETJ - ENCONTRO DAS TRIBOS JOVENS.
- DAQUI PRA FRENTE, QUAL A NOSSA BANDEIRA, O NOSSO FOCO?

ENCERRAMENTO

ANEXO A

ANCESTRALIDADE AFRICANA E MITOS

Figura 1 - Mito da Transformação de Ogum (2000)



Figura 2 - Mito da Transformação de Ogum (2000)



Figura 3 - Mito da Transformação de Ogum (2000)



Figura 4 - Mito da Transformação de Ogum (2000)



Figura 5 Mito da Transformação de Ogum (2000)

ANEXO B

HISTÓRICO DOS ANTECEDENTES – I ETJ 2008



Figura 6 - Dinâmica Ritual “Quebrando o Orgulho e a Soberba”(1998)



Figura 7 - Dinâmica Ritual “Quebrando o Orgulho e a Soberba”(1998)



Figura 8 - Dinâmica de Alinhamento – Petrovich (1998)



Figura 9 - Dinâmica Corporal – Joana (liceu) e Uemerson (SEC)

ANEXO C

DIMENSÕES DO SAGRADO, ESPIRITUALIDADE E CONFLITOS



Figura 10 - Ritual – Kaká Werá Jekupé e Elaine (1999)



Figura 11 - Ritual Toré Karirí-Xocó– Thydio (1999)



Figura 12 - Ritual – Awê Pataxó – Aldeia de Coroa Vermelha (1999)

ANEXO D

JORNADA DO GUERREIRO, UM ACONTECIMENTO ESPECIAL NOS ETJS**Um Exemplo de uma Prática Ritual de Passagem**

Figura 13 - Jornada do Guerreiro 2000



Figura 14 - Jornada do Guerreiro 2000



Figura 15 - Jornada do Guerreiro 2000



Figura 16 - Jornada do Guerreiro 2000



Figura 17 - Jornada do Guerreiro 2000



Figura 18 - Jornada do Guerreiro 2000



Figura 19 - Jornada do Guerreiro 2000



Figura 20 - Jornada do Guerreiro 2000



Figura 21 - Jornada do Guerreiro 2000



Figura 22 - Jornada do Guerreiro 2000

ANEXO E

JORNADA DO GUERREIRO, UM ACONTECIMENTO ESPECIAL NOS ETJS Uma Reelaboração da Jornada do Guerreiro, orquestrada pelo Mestre Aprendiz

Jornada do Guerreiro - Portal da Água



Confecção do Painel das Águas



Coordenador do Portal: Ricardo (UFBA)
Educadores: Gilson (Projeto Axé), Osmar (Araketu)
Mobilizadores: Aline (Oxente) e Ariane e Ajurú (Instituto Tribos Jovens)

Portal da Terra



Dança de Oxossi
Dançarino Slim (Liceu de Artes e Ofícios).



Trabalho com cerâmica.
Iraci e Sieran (Tribo Karirí – Xoco).



Trabalho de corpo.
Educadora: Marilza (Liceu de Artes e Ofícios)

Coordenador do Portal: Hilda (Colégio São Paulo)
Educadores: Marilza (Liceu de Artes e Ofícios), Amélia (Sec. Municipal de Educação SSA), Iraci (Memboré Águia Dourada).
Mobilizadores: Jô, Laiane, Rafael e Verônica (Instituto Tribos Jovens), Chrissie (Colégio São Paulo).

Portal do Ar



Trabalho com percussão.
Coordenador: Ramn sis (Ilê Aiyê / Mobilizador do
Intituto Tribos Jovens).



Elaboração do projeto de vida.



Trabalho de canto.
Educadora: Graça (Ilê Aiyê).

Coordenadora do Portal: Vilênia (SESAB / CRADIS – Centro de
Referência do Adolescente Isabel Souto)
Educadores: Bernardete (CRADIS), Celso e Carmemlúcia (Netos
de Gandhi), Geraldo (Suryalaya).
Mobilizadores: Maria do Carmo e Ricardo (Instituto Tribos Jovens)

Portal do Fogo



Pintura corporal.
Ubiraci Pataxó.



Integração Grupal.



Dança de Yansan, A Guerreira
Dançarina: Suely (Ilê Aiyê).

Coordenador do Portal: Suely (Ilê Aiyê)
Educadores: Uemerson (Escola Pracatum), Karuncho Pataxó (Pajé)
Mobilizadores: Shirleane (Escola Pracatum) e Antonio Mário (Lactomia), Alan e Geice (Instituto Tribos Jovens)

ANEXO F

JORNADA DO GUERREIRO, UM ACONTECIMENTO ESPECIAL NOS ETJS**A Contribuição do Povo Pataxó na Jornada do Guerreiro**

Figura 23 - Oficina arte-identidade - Reserva Pataxó da Jaqueira (2000)



Figura 24 - Caminhada na Reserva Pataxó da Jaqueira (2000)



Figura 25 - Oficina arte-identidade Guarani – Pajé Tupã - Reserva Pataxó da Jaqueira (2000)



Figura 26- Oficina arte-identidade arco e flecha– Reserva Pataxó da Jaqueira (2000)



Figura 25 - Oficina arte-identidade culinária Pataxó– Reserva Pataxó da Jaqueira (2000)



Figura 28 - Canto e Dança Pataxó – Gambini (2000)



Figura 29 - Grande Roda de Encerramento – Reserva Pataxó da Jaqueira (2000)



Figura 30 - Oficina arte-identidade artesanato Pataxó- Catão - Reserva Pataxó da Jaqueira (2000)



Figura 31 - Dinâmica integrativa - 1998



Figura 32 - Oficina arte-identidade artesanato Pataxó– Catão (2000)



**Figura 33 - Oficina arte-identidade artesanato Pataxó– Limbo
Karirí participando (2000)**

ANEXO G**UMA DINÂMICA INSPIRADA NA PRÁTICA... MANDALAS****Mandala e Partilha de Sonhos e Planos de Vida**

A grande roda – “Toré” do Arco Íris (dança e canto de todas as “tribos”).



Partilha de sonhos e planos de vida: quem tem o bastão na mão tem o

Mandala e Partilha de Sonhos e Planos de Vida



Confecção de Mandalas.

